

HISTÓRIA DE

NEIL GAIMAN MICHAEL REAVES MALLORY REAVES

A RODA DA ETERNIDADE

CONCLUSÃO DA SÉRIE BESTSELLER DO NEW YORK TIMES ENTREMUNDOS

ROCCO
JOVENS LETTORES

ESCRITA POR MICHAEL REAVES E MALLORY REAVES



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

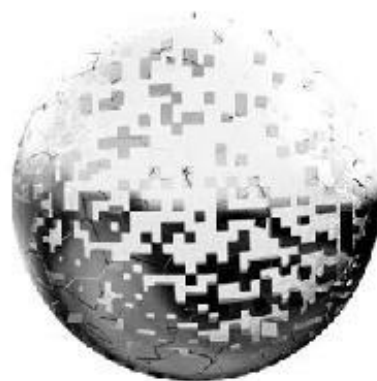
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





A RODA DA, ETERNIDADE

História de

NEIL GAIMAN,
MICHAEL REAVES E
MALLORY REAVES

ESCRITA POR MICHAEL REAVES
E MALLORY REAVES

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para Cal Cotton
e Theresa MacWillie,
que deveriam ter tido a habilidade de Andar entre
convenções.
– Mallory Reaves

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Créditos](#)

[Os Autores](#)

MUNDIÁRIO

*Mãe, pai, Jenny e Kevin, o Lula,
Eu sinto muito.*

Sinto muito por ter ido embora e sinto muito por não poder voltar, e por tudo que vocês passaram nos últimos anos. Sinto muito por receberem este bilhete e ficarem sabendo agora que estive aqui, mas parti sem dizer oi ou adeus. Eu nem mesmo deveria ter voltado – foi um acaso, uma coisa que não vai se repetir, e, quanto mais tempo eu ficar, maior é a chance de colocá-los em perigo.

Eu nem deveria estar escrevendo isso. Mas eu não poderia voltar, mesmo acidentalmente, e ir embora sem dizer que sinto falta de vocês. Penso em vocês todos os dias. Aposto que o Lula está enorme agora! Vocês provavelmente nem o chamam mais assim. E se chamam, quando ele tiver idade para entender, digam que sinto muito que o apelido tenha pegado. Ele pode culpar seu irmão mais velho, mesmo que não se lembre de mim.

Jenny, espero que esteja aproveitando minha coleção de CDs e tudo o mais, na verdade. Não vou voltar, então é tudo seu. Sinto sua falta, garota.

Pai, me desculpe por não ter me despedido quando fui embora. Já foi muito difícil contar para a mamãe, e eu sabia que você não ia me deixar partir. Tudo o que estou fazendo é para manter vocês seguros, mesmo que não entendam. Estou fazendo isso para manter todo mundo seguro. Acho que você ficaria orgulhoso de mim.

Mãe, ainda tenho o colar que você me deu. Ele me ajuda a lembrar de casa e de pelo que estou lutando. Conheci uma garota. O nome dela é Acacia. Nem sei se é... alguma coisa, mas acho que você iria gostar dela. É uma garota durona. Não engole desaforo de ninguém, principalmente de mim.

Sinto tanta falta de vocês. Sei que as chances são astronomicamente pequenas, mas espero vê-los de novo algum dia. Esse pensamento é parte do que me faz seguir em frente.

Amo vocês.

J. H.



CAPÍTULO UM

VOCÊ JÁ PRECISOU ANDAR com uma costela quebrada? Se não, considere-se uma pessoa de sorte – mas, se já, sei bem o que é isso. Se já teve de caminhar três quarteirões com uma costela e o punho quebrados e o ombro fraturado, tentando fazer parecer que tinha saído para dar uma volta no parque... bem, então você e eu devemos conversar qualquer hora dessas. Enquanto isso, deixe-me contar minha história.

Meu nome é Joseph Harker. Tenho quase dezessete anos, e estou de volta na minha versão da Terra pela primeira vez em dois anos, se não mais. É difícil dizer exatamente quanto tempo se passou quando você fica pulando de um mundo para o outro.

Quando fui embora, abri mão de tudo. Meus amigos, minha família, incluindo o irmão mais novo que ainda nem tinha aprendido a falar meu nome direito. A possibilidade de tirar só notas altas no boletim seguinte. Meu cereal de café da manhã preferido e andar de bicicleta entre as folhas secas do outono nas tardes de sábado. O sorriso da minha mãe, a gargalhada do meu pai. Tudo o que pensei que minha vida seria. Ainda assim, abri mão de tudo, e de coração.

Eu perdi muito mais do que isso nos últimos dois dias.

Estava escuro; o sol se punha quando eu cheguei. Tinha ficado no parque para ver, pela última vez, o brilho em tom de vermelho e dourado iluminar a cidade familiar como se ela estivesse em brasas, e depois segui para a escola. Minha antiga escola, eu devia dizer. Minha nova “escola” consistia nos corredores longos e estéreis e nas salas compactas da Cidade Base de EntreMundos, as sessões de combate da Zona de Perigo e as viagens para treinamento de campo. Pelo menos, vinha sendo assim. Talvez a Cidade Base de EntreMundos também fosse minha antiga escola agora.

Não, pensei decidido, me concentrando em manter meus pés se movendo pela grama. Eu ia voltar para lá. E ia ver EntreMundos outra vez.

Eu precisava.

Cruzei o parque e passei da grama para a calçada. Mesmo depois de ficar longe por tanto tempo, eu sabia aonde estava indo – o que não se devia a nenhum senso inato de direção, acredite em mim. Eu só sabia que o parque ficava entre minha casa e a escola, e tinha aterrissado para o lado da casa, e não para o da escola. Não era muito difícil, mesmo para alguém que podia ou não ter uma concussão. Depois de cruzar várias dimensões, minha queda não tinha sido de uma altura tão elevada, mas com certeza *parecia* que sim.

Continuei andando, resistindo à vontade de manter a cabeça abaixada; a última

coisa que eu queria era chamar atenção. Eu não sabia como meus pais tinham explicado minha ausência naqueles últimos dois anos, mas não podia arriscar ser reconhecido. Estava ali para ver uma pessoa, apenas uma pessoa. Alguém que tinha me ajudado a enfrentar várias situações malucas, mesmo *antes* de eu ter me transformado em um combatente interdimensional da liberdade.

Meu professor de Estudos Sociais.

Sua casa ficava bem perto da escola, e eu só sabia *onde* era porque ele tinha feito questão de dizer a todos os seus alunos que, se algum dia precisassem de qualquer coisa, a qualquer hora, sua casa ficava na mesma rua da escola, no número 1234. Uma vez, eu lhe perguntei se ele tinha escolhido o número de propósito, para que fosse fácil de a gente se lembrar. Ele balançou a cabeça e disse:

– Não, escolhi de propósito para que fosse fácil de *eu* me lembrar.

1218... 1220... Estava ficando cada vez mais difícil andar sem tropeçar, mas me esforcei ao máximo. Algumas poucas pessoas ainda passeavam na rua com cachorros ou tomavam conta de crianças pequenas. Vi um jipe verde familiar a distância, estacionado no final de uma pequena entrada de garagem. 1226... 1230... Quase lá. Alcancei a caixa de correio com o número 1234, dei a volta no jipe e fui até a porta da frente. As luzes estavam apagadas.

Por favor, esteja em casa, pensei, apertando a campainha. Após um instante, toquei de novo e então me deixei cair contra a parede. Ele provavelmente ainda estava na escola, corrigindo provas. Eu devia ter ido lá primeiro. Não tinha certeza de que conseguiria chegar lá agora.

Fiquei ali por alguns minutos, avaliando minhas opções. Eu podia esperar? *Devia* esperar?

– Joey?

Meus joelhos quase cederam, embora de alívio, e não de fadiga. Eu conhecia aquela voz.

Levantei a cabeça, me virei e vi meu antigo professor de Estudos Sociais, o sr. Dimas, ali de pé, segurando uma pasta de laptop em uma das mãos e uma pilha de papéis na outra.

– Joseph Harker? – perguntou ele de novo, e fiz que sim.

– Sr. Dimas – falei. – Preciso de ajuda.

Ele olhou para mim por cima do aro dos óculos, aparentemente tentando descobrir se eu estava sendo sincero. Minha aparência devia estar péssima, mas pelo menos eu parecia inofensivo, porque ele assentiu com a cabeça e passou por mim para abrir a porta sem dizer mais nada. Ele não parecia mais velho... mas, na última vez em que passara cerca de cinco meses no EntreMundos, só tinha ficado fora *dali* por dois dias. Eu não tinha certeza de como a discrepância temporal se transformaria em relação a dois *anos*, mas não estava com vontade de fazer as contas. Parando para

pensar a respeito, por tudo que sabia, eu poderia ter sido mandado para trás (ou até mesmo para a frente) no tempo. Afinal, não tinha ido até ali de propósito. Será que eles podiam fazer isso?

Aquele era um pensamento inquietante. Eu estava acostumado a não saber *onde* estava, mas nunca tivera de me perguntar *quando* era. Não até minha recente associação com uma Agente do Tempo, pelo menos.

Acacia. Deus, eu estava preocupado com ela.

O sr. Dimas me levou para dentro, acendeu a luz do corredor e gesticulou para eu me sentar no sofá. Comecei a andar até lá, mas hesitei. Eu sentia o sangue quente, úmido e pegajoso manchar a parte de trás da minha camisa sob o agasalho.

– Posso sujar tudo de sangue – falei, e ele me encarou por um tempo.

Eu sabia o que ele devia estar pensando: que não estava sangrando *visivelmente* (fora pelos cortes em meu punho, que eu mantivera enfiado no bolso no caminho até ali), mas que, se estava preocupado em manchar o sofá, podia ser pior do que parecia.

– É só um arranhão profundo, eu acho – falei. Ele suspirou.

– Normalmente eu não me preocuparia com manchas nos móveis, mas ainda não encerraram o caso sobre seu desaparecimento. Um momento... tire seu casaco se puder. – Ele deixou a sala.

Fiquei onde estava, tonto com todas as repentinas implicações. É claro que meu desaparecimento teria sido relatado à polícia. Eu era novo o bastante quando fui embora para ainda ser considerado um aluno que queria matar aula. Eu contara à minha mãe e ao sr. Dimas a verdade, e minha mãe devia ter dito ao papai e talvez à Jenny, mas não havia como terem contado a mais alguém.

– Ninguém está sendo acusado, está? – disparei quando o sr. Dimas voltou para a sala. Ele carregava dois sacos de lixo e um rolo de fita adesiva.

– Não – disse ele no mesmo instante, e relaxei um pouco quando começou a prender os sacos de lixo no sofá. – Seus pais disseram que você fugiu de casa dois dias depois que foi embora, mas a polícia ainda investiga todos com quem teve contato. Alguém viu você entrar para falar comigo depois da escola na noite em que desapareceu, então eles me investigaram mais a fundo.

– Sinto muito – falei, incapaz de pensar em algo a mais para dizer.

– Não precisa se desculpar. Sua mãe declarou publicamente e de maneira firme que não acreditava que eu tivesse qualquer envolvimento com o seu desaparecimento, o que ajudou. Eles não suspeitam que eu tenha cometido assassinato ou nada disso, mas isso *vai* acontecer se você deixar sangue nos meus móveis. – Ele terminou de forrar o sofá com os sacos e deu um passo para trás, assentindo para si mesmo. – Sente-se – falou, e eu obedeci. O plástico se enrugou debaixo de mim, mas todo o tecido estava coberto. Então me inclinei para trás,

bastante aliviado. Minhas costelas estavam me matando.

Ele se sentou à minha frente em uma poltrona de aparência confortável e se curvou para me ajudar a tirar o casaco, como me dissera para fazer antes.

– Não sei por onde começar – disse ele. Eu não tinha certeza se ele se referia aos meus ferimentos ou à minha história.

– Nem eu – admiti.

– Por que veio atrás de mim, e não da sua família?

– Eu não posso ficar – falei imediatamente.

A resposta era simples assim, na verdade. Eu não podia ficar, e minha família não iria querer que eu fosse embora. *Eu* não iria querer ir embora. Não seria justo criar expectativas neles, dar-lhes falsas esperanças de que eu estava de volta para sempre, ou que poderia, pelo menos, ficar por um tempo. Eu não estava de volta, e não poderia voltar, para a própria segurança deles.

Ele balançava a cabeça, aceitando minha resposta e as razões não ditas por trás disso.

– Está bem. Esse arranhão não parece tão ruim. Você não vai ter nenhuma hemorragia se eu correr até a farmácia. Do que precisa?

– Ah. – Hesitei, tentando pensar. – Meu punho direito com certeza está quebrado, e acho que algumas das minhas costelas também. Posso ter uma concussão; sofri uma queda grande... a caminho daqui – falei, inseguro, não querendo dar a impressão de que estava em apuros pouco antes de bater à sua porta. – Fraturei o ombro... – fiz uma pausa, tentando imaginar quanto tempo havia passado desde que aconteceu – ... em um deslizamento de terra – falei, procurando cortar o assunto. – Cuidaram do meu ombro, que está quase bom, mas ainda dói.

– Há quanto tempo cuidaram dele?

Era tão difícil dizer. Os últimos dias tinham sido um borrão de lugares, pessoas e lesões, e eu não dormia ou comia regularmente.

– Ah... há uma semana? Duas? Não tenho certeza – admiti.

– Vou lhe trazer uma aspirina. Uma tala para o punho é o melhor que posso fazer, já que calculo que não queira que eu o leve a um hospital. – Balancei a cabeça, e ele continuou: – Vou trazer esparadrapo para suas costelas, mas, se uma delas *está* mesmo quebrada, o melhor que pode fazer é evitar se mexer por um tempo. – Ele olhou para mim. – Imagino que não seja uma opção?

Balancei a cabeça outra vez.

– Vou embora assim que puder ficar em pé de novo – falei.

– Para onde?

– Outra dimensão – respondi. – Algum lugar onde eu possa encontrar ajuda. – Afinal, eu já tinha contado a ele parte da história.

– Entendo – disse ele, e se levantou. Parecia arrependido e estendeu a mão.

Apertei a dele na minha, sem saber direito por quê. – Joseph Harker – continuou. – Nunca tive certeza se você é louco ou se quem é louco sou eu, mas fico feliz em conhecer você assim mesmo.

– Obrigado, sr. Dimas – falei. Já era um hábito para mim. Quando estava diante dele, pelo menos.

– Me chame de Jack – disse ele. – Não sou mais seu professor.

Eu não sabia o que dizer, então assenti. Ele bateu o casaco para ter certeza de que estava com sua carteira, e então seguiu até a porta.

– Se puder aguentar sem a aspirina, vou buscar alguns analgésicos mais fortes.

– Isso seria ótimo – falei, embora a ideia de esperar mais alguns minutos não fosse nada boa. Ainda assim, eu sobreviveria, e seria melhor para mim a longo prazo.

– Volto logo – disse ele.

Assenti mais uma vez, embora ele já não estivesse mais olhando para mim, e ouvi quando a porta da frente abriu e depois fechou quando ele saiu. Escutei o clique de sua chave na fechadura. Eu não tinha certeza se ele estava me trancando lá dentro ou cuidando para que ninguém entrasse. Provavelmente as duas coisas.

Devo admitir: eu estava nervoso por procurar *qualquer um* para pedir ajuda. Não só era possível que ele voltasse com alguns homens da lei com jalecos brancos impecáveis, como também não havia como saber que tipo de problema eu poderia ter levado comigo. Meus inimigos tinham me mandado para ali de propósito, o que significava que provavelmente não viriam atrás de mim... *provavelmente*. Não havia como ter certeza. Mesmo sem levar isso em conta, um dos meus colegas de equipe já tinha se virado contra mim nos últimos tempos. Eu estava tendo alguns problemas de confiança, não que eu ache que alguém fosse me culpar por isso.

Encostei a cabeça no sofá coberto, ouvindo o plástico se enrugar. Estava zozinho. Eu precisava mesmo dormir por cerca de uma década, mas provavelmente só teria em torno de uma hora. Tinha sido enviado ali para testemunhar a destruição de tudo. Não sabia em quanto tempo eles planejavam fazer isso, mas era provável que eu não pudesse me dar o luxo de descansar muito.

Apesar desse pensamento, devo ter desmaiado no sofá enquanto esperava o sr. Dimas – Jack – voltar da farmácia. Num instante eu estava lá sentado, pensando que não poderia descansar muito, e no seguinte já ouvia a chave na fechadura de novo, percebendo que tinha adormecido.

E acordei com uma dor de cabeça terrível, que é basicamente a pior coisa *do mundo*.

– Por quanto tempo você ficou fora? – perguntei quando ele entrou no meu campo de visão.

Ele olhou para o relógio.

– Vinte e três minutos – respondeu, levantando uma sobrancelha para mim. – Você está bem?

– Água e analgésicos – falei. – Por favor.

Ele me trouxe uma garrafa de água e duas aspirinas extrafortes. Engoli as duas ao mesmo tempo, junto com metade da água. O sr. Dimas (eu continuava pensando nele assim, independentemente do que dissera) colocava alguns suprimentos na mesa: uma tala de punho, uma atadura, esparadrapo, curativos para ponto falso, gaze, antisséptico etc.

– Me conte o que aconteceu – disse ele, sentando-se à mesa diante de mim e passando o antisséptico na gaze.

– Não vai fazer muito sentido para você – falei, me desculpando.

– Tudo bem. Só fale comigo. Isso vai doer um pouco.

Ah. Assenti, tentando pensar por onde começar. Eu já lhe contara alguma coisa na última vez em que estivera em casa, antes de tomar a decisão de dedicar completamente minha vida ao EntreMundos...

– O que você lembra do que lhe falei antes?

– Eu nunca me esqueci de nada – disse ele. – Você desapareceu por um dia e meio e então veio me procurar uma noite na escola e me contou que descobriu que podia viajar através das dimensões.

– Chamamos isso de Andar – falei. Ele limpava os cortes deixados pelas garras de Lorde Dogknife em meu punho, e começava a arder. Muito.

– Certo. Você estava sendo perseguido por uma organização ligada à magia...

– A BRUX – completei. – Eles são os caras maus. Alguns deles, pelo menos.

– E você foi resgatado por uma versão mais velha sua, que foi morto no processo.

– Jay – falei, a dor das palavras e das lembranças parecendo nada se comparada à dos meus ferimentos. Pensar em Jay já não doía tanto quanto antes. Tudo acaba cicatrizando em algum momento. – E levei seu corpo de volta ao EntreMundos. Foi lá que conheci minhas outras versões.

– Porque vocês todos têm o mesmo poder – disse ele.

– Certo. Entenda, como *eu* tenho o poder de Andar entre dimensões, cada versão minha em todas as dimensões tem esse mesmo poder. Não sei por que eu... ou por que *nós*, mas é assim. Todos temos essa habilidade, e alguns são melhores nisso do que outros. Ao que parece, eu... sou muito bom nisso.

– E foi por isso que aconteceu sem querer a princípio – disse ele, juntando minha pele com um curativo para ponto falso no pior corte. Continuei a falar, observando-o com um fascínio vago e distante. – E então você saiu em uma missão de treinamento, correto? A que acabou se revelando uma armadilha?

– Sim. Todo mundo foi capturado pela BRUX, exceto eu. Só escapei por causa do Tom.

– Seu pequeno amigo extraterrestre. Você o chama de... FVM?

– Sim, F-V-M, que significa forma de vida multidimensional, ou fovimal. Ele não é bem um extraterrestre, ele é um... bem, uma forma de vida multidimensional. Ele parece uma grande bolha de sabão e se comunica através da mudança de cores, então eu o chamo de Tom. Ou *a* chamo, na verdade não sei... – Parei de falar por um momento, procurando respirar de maneira lenta e cadenciada.

O sr. Dimas limpava o arranhão na lateral do meu corpo. Eu nem sequer me lembrava daquele, mas doía bastante agora que ele o encontrara. Combates eram assim; a metade dos ferimentos você só sentia mais tarde.

– Sua equipe foi capturada pela BRUX. – Ele me incentivou a prosseguir, e fechei os olhos para me concentrar.

– Sim. Exceto por mim, por causa do Tom. Mas ainda parecia muito suspeito, então o Ancião... ele é nosso líder, outra versão de mim... apagou minha memória e me mandou de volta para cá. Foi quando apareci de novo depois de quase dois dias e vim falar com você.

– Porque você recuperou sua memória.

– Sim. Tom veio e me encontrou, e, ao vê-lo, eu só... me lembrei de tudo. Acho que eles não puderam tirar isso de mim por algum motivo...

– Então esse fovimal veio até aqui – disse o sr. Dimas, parecendo interessado –, para nossa Terra.

– Sim. Não sei se eles fazem isso o tempo todo, ou se foi porque eu estava aqui, ou...

– Onde está o Tom agora?

– Não sei. Ele é tipo um gato de rua. Fica por perto quando quer atenção ou se estou chateado e ele quer ajudar, e já salvou a minha vida mais de uma vez, mas às vezes desaparece por dias ou mesmo semanas.

O sr. Dimas acenou com a cabeça, fazendo um gesto para eu me sentar direito. Fiz isso com cuidado, e ele começou a esfregar um gel com cheiro de menta nas minhas costelas.

– Para os hematomas – explicou. – Me conte o que aconteceu depois que você voltou ao EntreMundos.

– Bem, a princípio pensei que tinha me lembrado de tudo, mas não conseguia *imaginar* como voltar para a Cidade Base. Então, em vez disso, descobri onde estava o resto da minha equipe, e todos nós conseguimos escapar.

Era uma versão incrivelmente condensada e simplificada do que de fato tinha acontecido, mas era o bastante. Consegui localizar minha equipe em um navio de batalha pavoroso da BRUX e chegar até eles a partir do Lugar-Algum, fui recapturado, causei um tumulto danado nas celas de prisão, libertei centenas de almas cativas e destruí todo o navio mais ou menos por acidente. Tive meus

momentos de pensamentos rápidos e alguns atos quase heroicos, mas a maior parte tinha sido pura sorte.

– Continue – pediu o sr. Dimas. Ele passava o esparadrapo em torno das minhas costelas agora, o que doía à beça.

– Hã, então, escapamos... e fui aceito de volta no EntreMundos. Isso foi há cerca de dois anos para mim. Eu vinha treinando, saindo em várias missões, indo bem nos meus estudos... o de sempre. Nada de muito estranho aconteceu até minha equipe e eu sermos enviados para recuperar alguns dados de um mundo Binário faz... ah, não sei. Uma semana? Duas, talvez? – Era tão difícil acompanhar o tempo...

– Mundo Binário?

– Os Binários são como a BRUX: os caras maus. São duas facções diferentes que querem a mesma coisa, embora os Binários sejam o que parecem: sobretudo máquinas controladas por um computador senciente que se autointitula zero-um-zero-um, ou “o Professor”. Eles são a ciência; a BRUX é a magia.

Ele olhou para mim por cima dos óculos.

– Magia?

Eu não pude evitar um pequeno sorriso.

– Sim. Tive a mesma reação, mas eu já vi. A magia. Eu poderia falar como funciona, o que é e tudo mais, mas realmente não importa. *Funciona e existe*, e a BRUX tem o monopólio sobre ela, fora os mundos limítrofes mais perto do fim do Arco, mas...

– Estou me perdendo – disse ele, prendendo com firmeza a ponta do esparadrapo agora ao redor do meu tronco.

– Acho que *eu* estou me perdendo – falei, tentando me concentrar em respirar. Minha vista começava a falhar.

– Sente-se por um minuto – aconselhou ele, me observando. – E beba mais água.

Assenti, seguindo seu conselho. Pelo menos os comprimidos começavam a fazer efeito, e a dor de cabeça diminuía. Mas não estavam fazendo muito pelo resto do meu corpo.

– O que é isso? – perguntou ele de repente. Virei a cabeça; ele tinha encontrado o discreto hematoma e a pequena marca de injeção em meu braço.

– Ah, isso. Me injetaram um rastreador por questão de segurança, após o deslizamento. É uma tecnologia avançada e vai se dissolver inofensivamente dentro de mais ou menos uma semana.

– Nada que precise da minha atenção? – Fiz que não. – Tudo bem. O que é um mundo limítrofe? – perguntou ele, quando já não parecia que eu ia desmaiar.

– É... bem, me explicaram assim: o Multiverso é *tudo*. Pense nele como a lua: um círculo gigante, parcialmente na sombra. A parte sombreada é o Altiverso. A parte iluminada, como uma lua crescente, é o Arco. O Arco tem todas as principais

versões do nosso universo, com a nossa Terra, e elas variam de lugares com uma magia forte a lugares com uma ciência forte, dependendo de onde estão no Arco. Isso acontece principalmente porque a BRUX e os Binários, cada um deles, governam os lados opostos, mas estão tentando governar TUDO. Chamamos esses mundos, mais perto de um lado ou do outro, de mundos limítrofes. Faz sentido?

Ele fazia que sim, embora parecesse um pouco atordoado. Creio que não possa culpá-lo. Eu tinha acabado de explicar fatos complexos sobre nossa bastante especulada cosmologia. Provavelmente tinha mexido com sua cabeça.

– Continue – disse ele.

– Está bem. Humm... – Fiz uma pausa. Eu estava lhe explicando sobre os mundos limítrofes, mas por quê...? – Certo, mágica versus ciência, ou BRUX versus Binários. O Professor é o líder dos Binários; o líder da BRUX é um... é tipo um cão demoníaco. Eles o chamam de Lorde Dogknife. Foi ele que causou a maior parte desse estrago. – Levantei o punho e aponte para as minhas costelas. – E me mandou de volta para cá.

– OK. Então, você disse que foram enviados para recuperar alguns dados de um mundo Binário? – Ele começou a enrolar a atadura em volta do meu punho.

– Certo, sim. Não conseguimos os dados; havia muitos nabos, que é como chamamos os soldados Binários; eles são basicamente clones sem inteligência, e parecia que as coisas iam ficar feias. Então uma garota apareceu. Cabelo escuro, olhos violeta. Eu nunca a tinha visto antes, mas ela nos resgatou. Seu nome era... é... Acacia Jones. Ela é uma... agente de outra organização.

Ocorreu-me de repente que talvez lhe contar sobre a Patrulha do Tempo não fosse a melhor ideia. Eu não sabia quase nada sobre eles, a não ser que se chamavam Patrulha do Tempo, que uma vez tinham me mandado para milhares de anos no futuro, e Acacia desempenhava uma função conhecida como Agente do Tempo. Parecia o tipo de coisa bastante secreta.

Achei que o sr. Dimas estava prestes a fazer uma pergunta, mas continuei falando:

– Mostrei a ela um pouco do EntreMundos, mas então tive de sair em outra missão. Outro Andarilho... é isso o que eu sou, um Andarilho... foi encontrado no mesmo mundo Binário de onde tínhamos tentado obter informações. O Ancião nos mandou de volta para buscar as informações e o Andarilho. – Lembrei-me de tudo isso com muita clareza. Rastejar pelos dutos de ventilação do prédio, encontrar minha outra versão presa em cativeiro, sentir uma conexão imediata... – Seu nome era Joaquim – falei, e meu estômago revirou. Senti um gosto amargo na boca, mas não tinha certeza se era por me lembrar da traição ou em razão da dor persistente de meus ferimentos. Fiquei imóvel por um momento, só respirando. Só lembrando.

– Joseph? – chamou o sr. Dimas, parando quando estendeu a mão para pegar a tala de punho.

– Estou bem – menti, tomando outro gole de água. – Resumindo, pensávamos que Joaquim era um de nós, mas não era. Ele era um clone, como os nabos que os Binários fazem, mas infundido com almas e alimentado pela magia da BRUX. Foi quando descobrimos que a BRUX e os Binários estavam trabalhando juntos.

Sacudi a cabeça, o peso de tudo isso recaindo sobre mim. A única coisa que dava uma chance de luta ao EntreMundos era a guerra entre a BRUX e os Binários. Agora que tinham feito uma trégua, mesmo que temporária, eles voltariam toda a sua atenção para nós.

– Infundido com almas? – repetiu o sr. Dimas, olhando para mim com ar sério.

– Sim – respondi desoladamente. – A BRUX e os Binários guardam as almas de qualquer Andarilho que peguem. Ao que parece, essa é a fonte do nosso poder, a essência do que somos. Eles nos usam como combustível para suas naves, para que possamos viajar entre dimensões também.

– Então fizeram um clone seu.

– Usando o sangue de Jay de onde ele tinha morrido.

– E o energizaram com...

– As almas dos Andarilhos mortos.

– OK – disse ele, parecendo triste. Balançou a cabeça. – Então ele não era realmente um de vocês.

– Não. Ele estava sabotando o EntreMundos de dentro. Ele causou um deslizamento durante uma missão de treinamento que feriu alguns de nós – aponte para o meu ombro – e matou um amigo meu. Seu nome era Jerzy.

– Sinto muito – disse o sr. Dimas. Assenti.

– A BRUX e os Binários estavam usando Joaquim para energizar uma... a BRUX a chamou de NoiteGélida. E ela... foi basicamente criada para reiniciar o universo. Assim, eles poderiam fazer dele o que quisessem.

O sr. Dimas parecia ter dificuldades para entender. Eu não podia culpá-lo.

– Reiniciar o *universo*?

– Ou o Multiverso, dependendo de quão longe eles cheguem. Eu... Acacia e eu tentamos deter isso, mas...

– Vocês conseguiram?

– Eu... não posso supor que sim.

– Imagino que saberíamos se vocês não tivessem conseguido. Ou talvez não soubéssemos, mas também não estaríamos aqui?

– Talvez. Não sei quão rápido isso se move, ou... É um sólito, o que significa que vai manter uma velocidade constante sem perder o impulso ou a energia... ou, pelo menos, é o que me disseram. Por isso ainda levaria um tempo para apagar *tudo*.

– Entendo. Como você tentou deter isso, ou é muito complicado?

– Eles estavam tentando usar Joaquim *e eu* – admiti, levantando a outra mão. A

pele do meu punho ainda estava irritada por causa das tiras de onde eu me soltara. – Eu fugi com a ajuda de Acacia – acrescentei depressa, vendo que ele ia perguntar. Eu não queria dizer a verdade: que, embora Acacia *tivesse* me ajudado, não fora ela quem quebrara a máquina. Tinha sido eu. Milhares de eu, espalhados pelo ar como vaga-lumes...

Eu tinha usado as almas. Eu as chamara para mim, somara o poder delas ao meu e as direcionara a fazer o que eu queria. Ainda não tinha certeza se os fins justificaram os meios, ou se isso me igualou aos monstros que eu combatia.

– Então você acha que, sem você, aquilo poderia não ter se energizado por completo?

– Talvez, mas, como eu disse, não tenho como saber.

O sr. Dimas fez que sim com a cabeça outra vez.

– O que aconteceu depois que você saiu de lá?

– Tentamos voltar ao EntreMundos, mas não conseguimos. O Ancião tinha descoberto que Joaquim drenava a energia de todos na nave e colocou os motores em marcha acelerada para escapar. Estávamos esperando a nossa nave vir nos buscar quando a vimos se deformar e desaparecer, seguida por uma nave da BRUX. E... a BRUX ter encontrado a Cidade Base do EntreMundos é...

– Ruim, imagino?

– Muito ruim. – Fiquei vendo o sr. Dimas prender a tala no meu punho. Doeu, mas relaxei quando percebi que não precisava mais me concentrar em não mexê-lo muito. – O EntreMundos pode ter conseguido ficar à frente da nave da BRUX, mas eles vão ter que continuar fugindo, o que significa que estão essencialmente presos. Eles não podem parar, nem mesmo por um segundo.

– Deixe-me ver se tenho algo para essa queimadura em seu punho e a da lateral do seu corpo.

O sr. Dimas se levantou, me deixando confuso por um instante. Que queimadura na lateral do meu corpo? Eu me virei, encontrando a textura áspera na minha pele, e a dor que isso acarretou. *Certo...* Era do laser de J/O. Isso era algo que eu deixara de fora da minha história. Meu companheiro de equipe J/O, uma versão ciborgue de mim, tinha se voltado contra nós em razão de um vírus Binário. Acacia me salvara dele também, e o deixamos vagando através do tempo à nossa procura...

– Ele não estava na nave – falei, de repente, quando o sr. Dimas se sentou de novo diante de mim.

– Quem não estava?

– J/O. Um colega meu, é uma versão ciborgue de mim – expliquei, sem prestar muita atenção ao que dizia. Meu cérebro funcionava rápido demais para a minha boca. – Ele foi infectado por um vírus Binário e estava trabalhando com Joaquim. Ele me atacou... essa queimadura na lateral do meu corpo foi feita pelo seu laser,

mas Acacia nos fez viajar no tempo e ele não conseguiu nos encontrar... mas isso significa que ele não estava na Cidade Base quando tiveram de acelerá-la, e deve ter sido deixado para trás. Ele ainda está por aí em algum lugar... – Parei, sem querer assustá-lo, mas a frase continuou na minha cabeça. *Ele pode vir me encontrar. Ele pode vir aqui.* – Tenho que ir – falei, mas o sr. Dimas balançou a cabeça.

– Não com esses ferimentos – disse ele com firmeza, colocando uma das mãos em meu ombro fraturado quando tentei me levantar. Eu me encolhi, e ele me lançou um olhar que dizia *está vendo?* – Mal consegue andar, e esses poucos cuidados que tive com você não vão ajudar muito, a menos que *durma e espere até melhorar.*

– Você pode estar em perigo – tentei.

– Você *está* em perigo e não vai conseguir escapar vivo a menos que descanse, isso sem falar em comer também. – Ele me encarou com um olhar severo por cima dos óculos, o olhar que eu me lembrava de quando assistia as suas aulas.

Meu estômago roncou alto naquele exato momento, como se para ressaltar o que ele havia dito. Baixei o olhar, traído, e senti o calor subir ao meu rosto.

– Está bem – falei baixinho, decidido a ir embora assim que comesse. Eu não ia colocá-lo mais em perigo do que já colocara, e, além disso, tinha coisas a fazer. Meu exército não se reuniria sozinho.

– Bom – disse ele, endireitando-se. – Agora uma pergunta importante: O que você quer comer?

– Eu... – Então parei. De repente me ocorreu que eu poderia comer qualquer coisa que quisesse. O EntreMundos nos mantinha alimentados, é claro; barras de proteína e água vitaminada, muito nutritivo e nem um pouco delicioso. Mas eu estava em *casa* agora, de volta ao meu mundo, e poderia comer qualquer coisa. – Pizza – falei. Sei que é clichê, mas me dê uma folga... sou um adolescente. O que *você* teria pedido? Brócolis?

– Não estou surpreso. De que sabor?

– Pepperoni e brócolis – respondi. Ah, vai, na verdade parecia bem gostoso.

O sr. Dimas saiu para buscar a pizza (“Vou buscá-la”, dissera ele, “e é melhor você estar aqui quando eu voltar, Joseph. Estou falando sério.”) e eu relaxei no sofá de novo, pensando mesmo em desmaiar. Mas, em vez disso, forcei minha mente a algo parecido com meditar. Era o melhor que eu podia fazer. Ainda estava exausto, com muita dor e preocupado, e cada carro que passava ou cada rangido da casa me fazia dar um pulo.

Mesmo com todos os ferimentos, medos e aflições, eu não conseguia deixar de pensar em Acacia. Não tinha chegado a essa parte da história com o sr. Dimas, de que estávamos juntos vendo a nave BRUX perseguir sua presa, o EntreMundos, quando Lorde Dogknife me atacara do nada... Ela nem o vira chegar. Eu não sabia o que ele tinha feito com ela, só sabia que, na segunda vez em que ele a derrubara,

suas garras estavam sujas de sangue e ela não se levantara mais.

Lembrava-me da expressão no rosto dela pouco antes de sermos atacados. A maioria das minhas lembranças dela eram assim, na verdade, momentos de ação congelados no tempo. Lembrava-me de vê-la sorrir para mim um segundo antes de o som do laser encher o ar quando J/O nos encontrara; lembrava-me de como ela inclinara o rosto em minha direção antes de Lorde Dogknife atacar. Eu me recostei no sofá, recordando como nós tínhamos nos sentado de costas um para o outro em um momento de descanso, os dois machucados, conversando sobre estratégia e nos encorajando mutuamente. Eu me perguntava se nossa amizade (relacionamento?) seria diferente se não tivesse acontecido enquanto lutávamos por nossas vidas.

Acima de tudo, eu me perguntava onde ela estava agora. Eu não sabia se tinha desaparecido por vontade própria, se Lorde Dogknife a mandara para longe ou se ela fora resgatada. Não sabia quais eram as chances de vê-la de novo e me perguntava se isso aconteceria algum dia.

Passei o resto da noite meio entorpecido. Comi cinco fatias de pizza e tomei três garrafas de água, além de mais dois analgésicos. O sr. Dimas cuidara dos meus ferimentos, me dera comida e me deixara usar seu chuveiro. Ele me oferecera seu quarto de hóspedes (depois de garantir que eu não deixaria marcas de sangue em nada) e me fizera prometer não ir embora sem avisar. Finalmente desabei na cama por volta das nove, ainda zozado em razão do turbilhão de acontecimentos.

Lembro-me de que a comida estava boa e de ter gostado, mas eu estava passando por muita coisa para saber de fato o seu *gosto*. Meu corpo fazia hora extra tentando se curar, então tinha de me colocar para dormir.

Eu estava com medo de dormir. Não vou mentir, já vi coisas que fariam o próprio diabo ter pesadelos (se é que ele existe; esse tipo de teologia foi algo que nunca aprendemos de fato em estudos básicos) e tinha conseguido passar por isso muito bem. Agora, porém... não só eu estava com medo dos sonhos que poderia ter, mas estava com medo de algo vir atrás de mim. Estava com medo de estar tão exausto a ponto de continuar dormindo ainda que alguém invadisse a casa e machucasse o sr. Dimas antes mesmo de chegar até mim.

Era por isso, no fim das contas, que eu estava ali, e não com minha família. Porque não podia arriscar que o perigo chegasse à porta deles e encontrasse minha mãe, meu pai e meus irmãos pequenos. Mas meu professor de Estudos Sociais? Pelo que parecia, eu estava disposto a arriscar sua vida.

Completamente enojado de mim mesmo, caí em um sono intranquilo.



CAPÍTULO DOIS

Devo ter dormido profundamente por pelo menos algumas horas, porque a primeira vez que acordei assustado com um barulho foi perto das três da manhã.

Tinha sido um barulho baixo, do tipo que você não consegue identificar quando acorda, mesmo sabendo que foi aquilo que o despertou. Poderia ter sido um baque ou um rangido... Eu tinha fechado a porta quando fui dormir ou a tinha deixado entreaberta? Estava aberta agora.

A cama balançou quando algo saltou sobre ela, e me sentei depressa, ao mesmo tempo agravando minhas lesões e assustando um gato.

– Certo, um gato... o sr. Dimas tem um gato – murmurei, olhando fixamente para a criatura curvada perto dos meus pés. Era um gato rajado de amarelo. Eu não lembrava seu nome, só que o professor usava o hábito do gato de trazer ratos e pássaros mortos como paralelo para ensinar uma coisa ou outra em aula.

Respirei fundo e olhei pela janela. Nenhum sinal da luz do sol. Levantei-me da cama, testando meu equilíbrio e a funcionalidade geral de todos os meus membros. Meu corpo estava incrivelmente dolorido, mas eu conseguia me mover. Eu tinha um plano antes de ir à casa do sr. Dimas, e agora que estava um pouco melhor podia começar a trabalhar nele. Era hora de recrutar ajuda.

Sei que eu havia prometido, mas realmente não tinha escolha. O sr. Dimas iria tentar me convencer a ficar, e era melhor para todos que eu fosse embora.

Ainda assim, havia algo que eu tinha de fazer antes de sair.

Como eu estava hospedado na casa de um professor, não foi difícil encontrar papel e lápis. O gato me seguiu quando calcei as meias e os sapatos e ronronou e se esfregou na minha mão enquanto eu tentava recolher minhas coisas. Não pude deixar de sorrir. Eu sempre gostara de animais, e o gato me fazia lembrar de Tom. Às vezes, quando o fovimal queria atenção, simplesmente se metia no meio do que eu estivesse fazendo.

Eu tinha duas cartas para escrever. A mais importante era também a mais difícil, então a deixei por último. Em vez disso, curvando-me sobre a mesa, com o gato enroscando-se em meus tornozelos, escrevi:

Sr. Dimas (Jack),

Me desculpe por ir embora assim, mas você devia esperar que isso fosse acontecer. Sei que prometi, mas é mais seguro para você e minha família se eu não ficar mais neste mundo. Falando da minha família, a outra carta aqui é para eles. Por favor, não deixe de entregá-la.

Obrigado por tudo que fez para mim e, principalmente, por não achar logo que eu estava maluco quando lhe contei toda essa história temerária. Os suprimentos vão ajudar muito, e tenho certeza de que não serei o único a agradecer por eles.

Não tenho muito mais a dizer. Sei que vai parecer loucura (de novo), mas, se o mundo for destruído, você saberá que falhei em minha missão. Farei o melhor que puder para que isso não aconteça.

Obrigado mais uma vez.

Pensei por alguns instantes se devia ou não assinar meu nome – podia ser visto como algo incriminador, mas o sr. Dimas seria inteligente o suficiente para queimar a carta depois de lê-la. Ainda assim, preferi não arriscar. Ele saberia de quem era.

Caminhei sem fazer barulho até a sala de estar, pegando a mochila vermelho-ferrugem que ele tinha enchido com barras de granola, garrafas de água e suprimentos médicos para mim. Outra coisa pela qual eu estava grato, principalmente pela aspirina. Tomei mais duas delas, então saí silenciosamente por uma das janelas para não deixar a porta da frente destrancada. Parecia o mínimo que eu poderia fazer.

O gato ficou no parapeito da janela, me observando seguir sozinho pela rua escura.

O parque era o melhor lugar de onde Andar. Tinha muito espaço aberto, mas árvores suficientes para eu me esconder facilmente e não ser pego desaparecendo, ou reaparecendo, conforme o caso. Muitas das minhas aulas no EntreMundos me explicaram que eu tinha um sistema de navegação instintivo para Andar, tipo como quando você fecha os olhos e ainda consegue perceber que está prestes a dar de cara com uma parede. A chance de tentar Andar entre dimensões e acabar ocupando o mesmo espaço que um carro ou uma lixeira, ou até outra pessoa, era quase nula, mas Andar em um amplo espaço aberto tornava isso muito *menos* provável.

Não havia luar naquela noite, mas havia alguns postes pela rua. Era claro o suficiente para enxergar, mas escuro o bastante para que alguém tivesse de se aproximar muito de mim para me reconhecer. Infelizmente, como Greenville é uma cidade pequena, qualquer policial local passando pela área poderia decidir parar e perguntar o que eu estava fazendo ali aquela hora da noite. Eu me escondi dos poucos carros na rua para evitar qualquer problema. Finalmente, eu estava no parque, respirando fundo. Queria sentir o cheiro da minha antiga vida uma última vez.

Greenville fica perto de um rio enorme, e sempre havia névoa no início da manhã, mesmo durante o verão. E sempre cheirava a relva molhada e asfalto úmido à noite.

Também notei o odor fraco de gasolina do posto no fim da rua e o aroma doce da loja de donuts que vinha da direção oposta. A loja abria às cinco horas, então o dono, o sr. Lee, começava a assá-los por volta das três. Às sete e meia, os donuts praticamente já tinham acabado, mas, se você parasse lá a caminho da escola e ainda restasse algum, recebia um de graça.

Inspirei e expirei cuidadosamente, guardando tudo na memória mais uma vez. Então Andei, sussurrando um adeus silencioso àquela pequena cidade adormecida.

Andar entre dimensões, uma vez que você se acostuma, é como andar normalmente, só que mais fácil, se é que faz sentido. Melhor. Parece a coisa *certa*, como um bom e satisfatório espreguiçamento. É como fazer aquilo para o qual você nasceu.

Senti uma névoa fria na minha pele e ouvi um tilintar, como o som de uma caixinha de música. Sensações aleatórias são comuns ao Andar, já que você tem de passar pela Interzona para chegar a qualquer lugar, e a Interzona é... bem, é praticamente tudo. Ao mesmo tempo. É o lugar pelo qual passamos quando Andamos, como sua própria dimensão de bolso. Ou, mais precisamente, a dimensão entre todas as dimensões.

O parque se estendeu diante de mim, parecendo quase o mesmo de um instante atrás. Havia uma árvore a uns noventa metros à frente que não estava lá antes, mas era a única diferença perceptível, pelo menos a princípio. Comecei a andar pelo parque, olhando em volta, fascinado, à medida que as pequenas mudanças ficavam mais visíveis.

Eu já não sentia o aroma da loja de donuts; em vez disso, o cheiro de café fresco veio até mim pelo ar, saindo de uma lanchonete vinte e quatro horas do outro lado da rua. Eu tinha de admitir que estava com inveja. A *minha* Greenville não tinha nada vinte e quatro horas.

Fui até a esquina, atravessando a rua na faixa de pedestres. O homenzinho iluminado do sinal era azul, não branco como aqueles a que eu estava acostumado. Eu não notara isso na última vez em que estivera ali. Passei por um McDonald's com arcos verdes em vez de amarelos. Tive de sorrir; aquela era a primeira coisa que eu notara quando fora parar lá da outra vez, naquela versão da minha cidade.

Corri quando estava na minha rua. Meus ferimentos já não me incomodavam tanto quanto antes (aspirina é demais!), e eu precisava fazer isso o mais rápido possível. Na primeira vez que estivera ali, eu tinha me deparado com a primeira outra versão minha que conheci. Uma menina. Josephine.

Eu me lembrava do nome dela assim como me lembrava do meu, porque, de certa forma, era isso. Eu tinha ido à minha casa, perdido e confuso, e lá estava ela. A garota morava na minha casa com a minha mãe, que olhara para mim como se nunca tivesse me visto antes e chamara sua filha Josephine. Sua filha, não seu filho. Uma

versão feminina de mim, vivendo uma vida paralela à minha.

Ela seria minha primeira recruta.

Eu estava a meio caminho da minha casa quando parei para procurá-la. Podemos sentir um ao outro, de alguma forma, como quando você está sozinho em um cômodo, mas percebe quando alguém entra sem se virar. Parei por um segundo e fechei os olhos, expandindo meus sentidos, e isso foi o que provavelmente salvou minha vida.

Eles estavam esperando por mim.

Eu me joguei para o lado quando algo parecido com uma rede foi lançado onde eu estivera parado. Eles começaram a sair das sombras, ou talvez fossem as próprias sombras. Era difícil dizer. Tudo o que eu sabia com certeza era que eles eram agentes da BRUX e tinham me encontrado.

Havia talvez quatro ou cinco deles. Fui treinado em treze diferentes estilos de artes marciais e no mesmo instante identifiquei seis objetos próximos que poderiam ser usados como armas improvisadas.

Eu também não tinha nenhum dispositivo defensivo e estava ferido em cinco lugares diferentes. Isso sem falar que eram agentes da BRUX, não Binários. Os Binários, pelo menos, eram previsíveis; tinham suas armas de plasma, seus números absolutos e escudos temporários, seus discos antigravidade. Material básico. Os agentes da BRUX? Eram imprevisíveis. Eu tinha feito três cursos diferentes de Estudo da Magia no EntreMundos principal e provavelmente só sabia um quarto do que eles podiam fazer.

Eu estava mais do que um pouco em desvantagem.

Eles me cercavam aos poucos, movendo-se como líquido, espalhando-se em um semicírculo. A noite sem luar e os poucos postes faziam com que alguns deles ficassem quase invisíveis no escuro. Então fiz a coisa mais sensata: eu corri.

Bem, eu Andei.

Ouvi a caixa de música de novo e um som como o de pinos de boliche caindo. Senti o cheiro de algo salgado e vi uma mancha rosa enquanto passava pela Interzona e chegava a outra versão de Greenville.

A rua estava vazia mais uma vez, mas continuei andando de qualquer maneira, de volta para o lugar de onde tinha vindo. Não havia por que ir para a casa de Josephine, não naquela dimensão e nem nessa. Eu não conseguia sentir outra versão minha ali. Não sabia se era porque essa versão minha tinha morrido, ou sido capturada pelos Binários ou pela BRUX, ou se aquele era o planeta natal de um dos meus colegas da Base. Não passei muito tempo pensando nisso.

Quando eu expandira meus sentidos para procurar Josephine, logo antes de perceber o ataque da BRUX, eu a sentira... e ela não estava em casa.

O que uma versão minha, que ainda nem completara dezessete anos, fazia fora de

casa às três da manhã? Greenville não tinha uma vida noturna ativa (embora aquela pelo menos tivesse uma lanchonete vinte e quatro horas...) e eu nunca fora a mais popular das crianças. Eu com certeza não era descolado o bastante para sair com alguém que passaria a noite fora. Talvez aquela versão minha fosse diferente, mas eu duvidava.

Continuei em movimento, pulando de vez em quando para uma dimensão distinta a fim de me livrar de perseguidores. Quando eu começara a Andar, fizera isso por instinto e, ao que parecia, mal. Um dos meus professores tinha explicado que eu basicamente fizera um buraco na parede em vez de achar a porta. Eu ficara melhor nisso desde então, e era mais fácil passar entre os mundos sem causar tantas perturbações. Eu podia Andar sempre que houvesse um portal por perto; a BRUX e os Binários operavam com energia emprestada, então minha esperança era de que, sendo um alvo móvel, pudesse desencorajá-los a ir muito longe atrás de mim.

Depois de algum tempo, finalmente voltei para a Greenville de Josephine, a alguns quarteirões de onde eu tinha começado. Os agentes da BRUX não pareciam mais estar me seguindo. Não consegui senti-los quando procurei localizá-los.

Mas eu *podia* senti-la. Ela se encontrava a algumas ruas de distância de onde eu estava naquele momento, fora da área residencial. Eu via as luzes mais brilhantes do distrito comercial ao longe, e era para lá que aquela sensação familiar estava me levando.

Suspirei. Nada nunca era fácil...

Com os meus sentidos em alerta e minhas costelas doendo de novo por causa de todo o movimento, comecei a descer a rua.

Não levei muito tempo para localizá-la, embora ainda não entendesse por que aparentemente ela estava em um prédio de escritórios abandonado. Os pelos da minha nuca estavam arrepiados. Na última vez em que estivera num lugar assim, eu encontrara Joaquim, o Andarilho, que acabou revelando não ser um Andarilho de verdade e que traíra a minha equipe e causara a morte de Jerzy. Ele fingia ser um prisioneiro dos Binários, para que nós o “resgatássemos”... Será que Josephine tinha sido feita prisioneira?

Parecia cada vez mais provável. Os batedores da BRUX em frente à sua casa... talvez eles não estivessem esperando por mim, afinal. Talvez a tivessem encontrado.

Isso era ruim. Eu ainda corria grande perigo, me recuperando de várias lesões e sem nenhuma arma. Eu não tinha a quem pedir reforços. Josephine devia *vir a ser* um dos meus reforços.

A coisa mais inteligente a fazer seria minimizar as perdas e seguir em frente – partir para outra versão de Greenville e encontrar outro eu. Como disse, desde que houvesse portais, eu não precisava parar de Andar. Eu poderia ir a qualquer lugar

que quisesse, desde que chegasse lá antes que a NoiteGélida destruísse tudo...

Enquanto arrombava o cadeado do edifício abandonado, eu me repreendia por nunca ser capaz de fazer a coisa mais inteligente.

Veja bem, quando a BRUX e os Binários capturam um Andarilho, eles não o matam. Eles o *usam*. Eu tinha explicado isso ao sr. Dimas, mas não dissera como. A BRUX nos ferve, literalmente nos coloca em um caldeirão gigante, ainda vivos e gritando, e nos ferve como lagostas. Vai além de nossa pele e nossos ossos, até chegar a nossa essência. Então colocam essa essência em um pote, lançam algum tipo de feitiço nela e a usam quando precisam Andar. E essa não é a pior parte, de jeito nenhum.

A pior parte é que, de alguma maneira, ainda estamos vivos. Ainda *conscientes*. E sabemos o que está sendo feito conosco e para que estamos sendo usados.

Prefiro morrer agora – e deixar que todos os mundos sejam destruídos – a permitir que isso aconteça com mais algum de nós.

Passei pela porta, parando para meus olhos se adaptarem. Estava escuro lá fora, mas era ainda mais escuro ali; a única luz que entrava vinha das janelas, e a maior parte delas estava coberta por placas que diziam ALUGO ESTE ESPAÇO.

O piso era de mármore, uma dessas recepções de boa aparência que faziam você esquecer que provavelmente estava ali para ver um terapeuta ou um dentista. Havia portas para os meus dois lados, ambas fechadas e com vidros foscos, e o saguão se estendia pela escuridão à minha frente.

Tudo estava em silêncio enquanto eu me movia, andando com cuidado pelo piso imaculado. Estava atento a qualquer barulho, para perceber qualquer sinal de que pudesse não estar sozinho, e uma sutil alteração na pressão do ar me alertou um segundo antes de eu ouvir um *clique* distinto atrás de mim.

Virei, me agachando imediatamente, e vi a figura atrás de mim fazer o mesmo.

– Não se mova – sussurrou ela, e em suas mãos havia uma arma. E estava apontada para mim.



CAPÍTULO TRÊS

Eu já tinha visto todos os tipos de armas desde que começara a treinar no EntreMundos, de todos os mundos e tempos. Desintegradores, emissores, armas de raios, armas laser com mira Bluetooth, armas de plasma, qualquer uma em que possa pensar. Aquele era um revólver moderno, um Colt .45. Básico, simples, e ainda assim capaz de me matar duas vezes antes de eu cair no chão.

– Opa – falei, estendendo as mãos diante de mim.

– Não se mova – repetiu ela.

A arma estava firmemente apontada para mim, e, pelo olhar no rosto logo atrás, essa não seria sua estreia. Eu me perguntei se era assim que parecia em minhas aulas de treinamento com armas. Imaginei que não devia ser muito diferente, já que tínhamos o mesmo rosto.

– Josephine – falei, tentando fazer minha voz soar o mais suave possível. – Está tudo bem. Meu nome é Joe, eu sou...

Minhas palavras não tiveram o efeito tranquilizador que eu esperava.

– É *você* – bradou ela, ríspida, e suas mãos começaram a tremer. – Era você na minha casa naquele dia!

– Sim – falei, mas não acrescentei nada. Ela começou a se levantar. Eu também, mas ela brandiu a arma irritada, indicando que eu devia me abaixar.

– Você arruinou a minha vida – disse ela, furiosa, aproximando-se.

Eu sabia bastante sobre armas para reconhecer o que uma bala daquela ali faria com a minha cabeça se a garota atirasse. Ela ainda tremia, embora estivesse claro que de raiva em vez de medo.

– Você não quer atirar – falei, tentando ser razoável. Esperava que ela não pudesse ouvir o pânico que ameaçava acabar com a minha calma. – A delegacia de polícia não é muito longe daqui, eles vão ouvir os tiros. – Aquilo era um palpite, na verdade. Eu me lembrava de que a delegacia ficava em uma rua com o mesmo nome daquela, mas não tinha ideia da distância que ficava dali.

– Eu não me importo – disse ela, de pé, fora do meu alcance. Devia ter mais ou menos a minha altura e usava uma calça jeans larga e um agasalho com capuz folgado, peças que já deviam ter visto dias melhores. Seu cabelo vermelho crespo era curto, mal tocando as bochechas, e parecia que já não era escovado havia algum tempo. Apesar das roupas largas, eu podia ver que ela era mais magra do que saudável. Tudo isso somado a um desespero que me fez acreditar em suas próximas palavras. – Vai valer a pena. Mesmo que eu vá para a cadeia, vai valer a pena. Eles finalmente vão parar de vir atrás de mim.

Não me dei o trabalho de ressaltar que, se ela me matasse, não importaria se iria ou não para a cadeia; ela provavelmente morreria de qualquer forma quando a NoiteGélida destruísse tudo. Havia outra coisa que eu podia usar para tentar convencê-la com mais propriedade.

– Não, eles não vão. Eles não estão atrás de mim! Bem, eles não estão *só* atrás de mim. Estão atrás de você. – As peças finalmente tinham se juntado. Os agentes da BRUX em frente à casa dela esperavam *Josephine* voltar para casa. Os caras maus a haviam encontrado porque eu Andara até lá inadvertidamente. Eu os levava até ela.

Resumindo, eu tinha arruinado *mesmo* a vida dela.

– Cala a boca! Você está mentindo. Por que eles estariam atrás de mim? Eles começaram a aparecer depois que você esteve na minha casa naquele dia. Devem estar atrás de você!

– Eles estavam, mas agora estão atrás de *nós*. Você tem que confiar em mim. Olhe, olhe para mim! Nós poderíamos ser gêmeos!

– Você é apenas um deles, tentando... fazer qualquer mágica estranha que eles fazem para tomar o meu lugar!

– Não, Josephine, ouça! – Falei a ela meu nome completo, o dia do meu aniversário, os nomes e os aniversários da minha mãe e do meu pai. Contei a ela onde estudava e qual era minha sobremesa preferida. Pelo olhar em seu rosto, vi que tudo o que eu dizia era verdade para ela também. – Se eu estivesse tentando tomar o seu lugar, antes de mais nada, por que eu seria um *menino*, e, depois, por que eu não estaria apenas vivendo sua vida agora? Você obviamente não está. Você nem tem estado em casa, não é mesmo?

– Não, há meses – admitiu ela, embora a arma ainda estivesse apontada para mim.

– Então por que eu viria atrás de você?

– Para trazê-los até onde estou – disse ela, mas parecia menos convicta.

– Não – falei o mais vigorosamente que ousei. – Estou tentando ajudar você. Eu *sou* você, você de um mundo diferente. E você sou eu *deste* mundo.

– E aquelas coisas? – perguntou ela.

– Aqueles são os caras maus – respondi. – Sei que é uma explicação simples, mas não temos tempo de entrar em detalhes. Prometo que vou explicar no caminho, mas não podemos ficar aqui. Eles podem nos sentir, e eles vão acabar nos encontrando em algum momento. Você tem que confiar em mim.

Ela apenas olhou para mim, a indecisão bem clara em seu rosto. Eu quase podia ler cada pensamento que passava por sua mente; afinal, eu sabia o que estaria pensando se estivesse em seu lugar. Eu sabia o que *tinha* pensado, quando tudo aquilo acontecera pela primeira vez comigo.

– A alternativa é ficar aqui, por conta própria – falei. – Sem poder ir para casa, sem poder confiar em *ninguém*. Juro que você pode confiar em mim.

Seus lábios se repuxaram, ficando a meio caminho entre um grunhido e uma careta. Seu queixo tremeu, só por um segundo, e ela começou a baixar a arma.

Ouvi um *pop* fraco e alegre atrás de mim, e Josephine arregalou os olhos. Eu também, quando percebi o que ia acontecer. E gritei “Não, espera!”, enquanto ela levantava a arma e disparava, o som alto o suficiente para nos ensurdecer temporariamente.

Avancei, sem nem mesmo virar para ver se Tom estava bem. Josephine mirava outra vez. Agarrei seu punho, girando-o, e enfiei o polegar no tecido mole abaixo de seu escafoide. Ela deixou a arma cair, fechando o outro punho e o projetando sem jeito em minha direção. Ela não tinha um quarto do meu treinamento. Eu a segurei na mesma hora, apesar da força que ela fazia.

Josephine podia não ter tido minha formação, mas definitivamente estava acostumada a lutar por sua vida. Ela ergueu um joelho, embora não na minha virilha, como eu teria esperado. Em vez disso, tentou pisar com força no meu peito do pé. Mal consegui evitar, segurando-a com mais firmeza enquanto procurava Tom.

O pequeno fovimal subia e descia no ar, alternando entre um tom assustado de branco e um cinza-azulado confuso.

– Tom, você está bem? – perguntei, mais do que um pouco ansioso. Uma vez eu o vira ser atingido por uma arma a laser e sair praticamente ileso, mas...

– Eu sabia que você era um deles – disse Josephine, ainda lutando.

– Não sou, nem o Tom é. Ele é meu amigo, e você quase o acertou. – O fovimal girava lentamente, como se para me mostrar que não havia sido atingido. Eu não via nenhuma marca ou descoloração em sua superfície, o que era uma bênção.

– Ele parece um balão demente – disse ela. – E já vi mais coisas mais estranhas daquelas... outras criaturas. Como eu devia saber que ele era seu amigo? Ainda não tenho nem certeza de que *você é meu* amigo.

– Bem, é melhor você começar a ter – falei a ela.

Então ouvimos o gemido lento de uma sirene à distância. Eu não sabia se alguém tinha pedido ajuda ao ouvir o tiro ou se era uma coincidência, mas não estava disposto a arriscar.

Falei isso para Josephine, soltando-a (embora eu tivesse pegado a arma antes dela). Ela ficou ali parada, hesitante, observando alternadamente Tom e eu.

– O Tom ter aparecido não muda nada – disse, segurando a arma de maneira não ameaçadora ao lado do corpo. – Você parecia prestes a vir comigo. Se ficar aqui sozinha, eles *vão* pegá-la. Se vier comigo... e o Tom... isso não vai acontecer. É simples assim.

Era muito simples, de fato. Eu não podia prometer que a BRUX ou os Binários *nunca* a pegariam, ou que nenhuma outra coisa aconteceria com ela, mas era melhor do que deixá-la ali. Eu precisava dela, e ela precisava de mim. Nós, os J,

precisávamos ficar juntos.

– Vamos – chamei, e Josephine finalmente capitulou de má vontade. Ela resmungou algo que soou como “está bem” e virou para passar de volta pela porta de onde me surpreendera. Eu a segui.

Depois da porta, havia outra sala ampla e um elevador. Uma vassoura e uma pá encontravam-se encostadas na parede perto dos botões de subir e descer. Enquanto eu observava, ela enfiou a parte fina da pá no pequeno espaço onde as portas do elevador se encontravam, em seguida empurrou até ter espaço suficiente para encaixar a vassoura. Então abriu as portas, revelando o que parecia ser sua acomodação temporária.

Ela possuía um saco de dormir e um travesseiro esfarrapados, duas mochilas surradas e três ou quatro livros empilhados no canto do elevador. A saída de emergência no teto estava aberta, e uma corda descia dela. Sinceramente, não era uma organização ruim; tudo o que Josephine tinha a fazer era levar a vassoura quando saísse ou entrasse, abrir as portas apenas o suficiente para poder passar e assim conseguir fechá-las outra vez. E tinha uma saída de emergência, caso alguém tentasse encontrá-la, que ela poderia usar para chegar a qualquer andar do prédio.

Era exatamente o que eu poderia ter feito se estivesse em seu lugar.

Ela terminou de colocar os livros em uma das mochilas e enrolou o saco de dormir antes de virar para me encarar. A sirene ficava mais alta.

– E agora? – perguntou.

– Agora, vamos Andar um pouco.

O que eu realmente queria fazer era ir direto para o EntreMundos – o futuro EntreMundos, quer dizer. Ainda não expliquei essa parte, não é? Eu não tinha dito nada sobre isso ao sr. Dimas; não havia muito por quê, e eu realmente não queria ter de falar sobre essa coisa toda de viagem no tempo. Era confuso na melhor das hipóteses, e foi por isso que evitei falar sobre Acacia. Eu não lhe contara que tinha sido feito prisioneiro pela Patrulha do Tempo, ou que eles me mandaram milhares de anos para o futuro no EntreMundos. Uma versão decadente e destruída do EntreMundos.

Essa tinha sido a coisa mais triste que eu já vira, o que dizia muito.

Ainda assim, eu não tinha como chegar ao *meu* EntreMundos, não agora. Ele estava perdido em algum tipo de alternância de dimensões, perseguido por uma nave da BRUX. Mas aquele outro EntreMundos, milhares de anos no futuro... eu podia voltar lá. Ou, mais especificamente, Tom podia.

Veja bem, Andarilhos não podem viajar no tempo. Mas Tom é, como eu disse, uma forma de vida multidimensional – e o tempo, à sua maneira, é uma dimensão. A Patrulha do Tempo tinha me mandado para o futuro, e Tom me trouxera de volta ao

passado. Isso significava que ele podia me levar até lá outra vez. Eu e Josephine.

Essa era a parte que me tomaria algum tempo para convencê-la.

Eu explicava tudo isso a ela enquanto estávamos sentados em um banco no meio de um parque que se parecia apenas ligeiramente com aquele em que eu estivera antes. Eu aproveitara uma oportunidade e Andara para uma dimensão mais distante. Se a própria experiência de Andar não a convenceria, sentar em um banco de madeira verde sob um céu roxo e ver o sol nascer azul provavelmente iria. Andar para tão longe tinha uma chance maior de chamar a atenção para nós, mas também me ajudara a convencê-la.

Já mencionei a história de fazer um buraco na parede em vez de usar uma porta, certo? Andar sem passar pela Interzona era meio assim. A Interzona era a porta; mas também era uma *loucura*, e eu não tinha certeza de que ela já estava pronta para isso. Havia algumas histórias entre os Andarilhos mais velhos do EntreMundos sobre novos recrutas que tinham enlouquecido e precisaram ter suas memórias apagadas depois de sua primeira viagem através da Interzona. Eu não tinha certeza de que acreditava nelas, mas por que arriscar?

– Então você pode viajar através do tempo? – disse ela, observando-me como se ainda julgasse minha sanidade.

– Eu não – esclareci. – Tom pode.

– E ele pode nos levar junto.

– Sim.

– Para o futuro.

– Sim.

– Para essa sua “base” que foi completamente destruída.

Assenti.

– Por que ele não pode nos levar *de volta* no tempo, para antes disso acontecer? Ou avançar até algum ponto em que todos estejam bem?

– Não funciona bem assim – respondi, mas era óbvio que ela queria mais explicações. – Acho que ele precisa ter algo em que se ancorar – falei, tentando me lembrar de tudo que Acacia me contara sobre fluxos temporais e ancoragem e todo o resto. – Tipo, ele é meio fixado em mim, então pode me seguir para onde for, mesmo através do tempo. E *eu estou* fixado no meu fluxo temporal pessoal, então só posso ir e voltar dentro dele.

– Isso é inconveniente. – Parecia que ela estava tentando descobrir se eu estava dando desculpas ou não.

– Talvez, mas também impede as pessoas normais de mexerem com o tempo, o que poderia causar todos os tipos de problemas – falei, mas um pensamento me incomodava.

Se eu *pudesse* ir a algum lugar, se Tom pudesse me levar a algum lugar, os

Agentes do Tempo viriam me buscar? Jay dissera que eles eram tipo a polícia dos fluxos temporais... Se eu começasse a bagunçar as coisas, isso chamaria a atenção deles? Eu conseguiria sua ajuda?

Muito arriscado, concluí, lembrando como eu tinha sido tratado na sede da Patrulha do Tempo. Eles me mantiveram em uma cela de prisão e me ejetaram para o futuro sem dizer uma palavra. Eu não ia correr o risco de deixá-los fazer isso de novo. Havia muita coisa em jogo.

– Então você e eu vamos ao futuro recrutar mais de nós, antes que os caras maus possam usar uma combinação de ciência e magia para refazer o universo – disse ela, me afastando dos meus pensamentos.

– Essencialmente é isso.

– E você está dizendo que existem centenas de nós, espalhados por todas as dimensões.

– O número provavelmente é incalculável – falei, me lembrando de quando eu procurara meu nome no banco de dados dimensional do EntreMundos. Eu encontrara algumas milhares de ocorrências só com o meu nome; quem sabe quantas versões havia com nomes como Josephine, Jo, Jakon e Josef.

Esses três últimos eram meus colegas de equipe. Eu sentia falta deles.

– É difícil dizer quantos de nós de fato existem – continuei, colocando minha súbita melancolia de lado. – Já que há mais dimensões sendo criadas e destruídas todos os dias. A cada segundo, até. Mas isso é informação demais para agora – falei rapidamente, vendo-a abrir a boca para perguntar. Ela a fechou com irritação, o rosto furioso. – O que importa é voltarmos à base que temos, treinarmos você e os outros que pudermos encontrar e determos a NoiteGélida.

Ela olhava para mim, e eu começava a perceber como soava maluco. Não só em termos de “Você espera que eu acredite em coisas que parecem malucas”. Ainda que alguém acreditasse em tudo que eu estava dizendo sobre a BRUX, os Binários, viagens no tempo e múltiplas dimensões, ainda que a pessoa concluísse que tudo era verdade e fazia sentido, eu continuava parecendo louco. Meu plano era pegar o maior número de recrutas destreinados que conseguisse e enfrentar os piores vilões do universo – dos *dois* grupos – sem nenhum reforço ou plano B. Independentemente do ponto de vista, aquele plano era tanto insano quanto suicida.

Mas também era minha única opção.

– Está bem – disse ela abruptamente. – Vamos fazer isso.

Olhei para ela.

– O que foi? – disse ela por fim, intensificando o tom de voz e a postura. – Não era essa a resposta que você queria ouvir?

Não, pensei a contragosto. Para dizer a verdade, eu nunca tinha pensado se ela concordaria ou não. Nunca houve uma opção em minha mente. O plano era encontrar

Josephine, convencê-la a me ajudar, levá-la de volta à base, então encontrar todos os outros e fazer o mesmo. O fato de ela concordar em lutar em uma guerra sobre a qual nem ouvira falar até cinco minutos antes fazia eu me sentir mal, como se estivesse deliberadamente mandando-a para um campo minado sem um mapa.

De certa forma, era o que eu estava fazendo.

– Sim – respondi, mas acho que ela não acreditou em mim. Sei que eu não acreditei.



CAPÍTULO QUATRO

Convencer Josephine a deixar Tom nos levar para o futuro foi mais fácil do que eu imaginara. Convencê-la a de fato *fazer* isso, no entanto, era bem mais difícil.

– De jeito nenhum – disse ela com firmeza, observando a maneira como Tom ondulava sobre o meu corpo como um terno de Geleca.

– Só parece um pouco estranho – insisti. – Mas não dói.

– Não me importo se parece estranho, não quero aquela *coisa* tão perto assim de mim.

– O nome dele é Tom – rebati, tentando me acalmar. – Ele é meu amigo *e* está nos ajudando. Você só tem que confiar em mim, OK?

Josephine ficou em silêncio, um músculo repuxando em sua mandíbula. Ela só estava disposta a confiar em mim até aquele ponto.

– Olha – disse eu, me aproximando. Josephine recuou, mas não se afastou muito.

Estendi a mão. Depois de uma hesitação que já estava me dando nos nervos – não tínhamos *tempo* para aquilo –, ela pegou minha mão.

Vá até ela, Tom, falei em silêncio. *Devagar. Ela está assustada.* Com Tom em volta de mim como uma segunda pele, eu tinha descoberto que podíamos nos comunicar sem falar. Pelo menos, na medida em que eu conseguia me comunicar com Tom. Ele parecia entender linguagem básica (várias diferentes, na verdade), mas às vezes havia conceitos ou nuances que o confundiam. Ou ele só me ignorava; era difícil dizer.

A geleca de Tom começou a fluir para baixo sobre meu braço, em direção às nossas mãos. Senti os dedos dela apertarem os meus e uma resistência, como se ela quisesse se afastar, mas eu a segurei firme. Tom se moveu sobre os nossos dedos, cobrindo lentamente a mão dela até o punho. Lá ele parou e esperou.

– É mesmo meio estranho – disse ela, embora não parecesse tão assustada.

– Sim – concordei. – Como Geleca, não é?

– Como o quê?

– Não importa. – Suspirei. Essa era uma diferença cultural comum com as minhas paraencarnações. Muito embora existisse McDonald's nos nossos dois mundos, nada dizia que, quem quer que tivesse inventado algo como a Geleca no meu mundo, também fizera isso no dela.

– É tipo Leleca, eu acho – disse ela.

Quase.

– Claro – concordei, ainda segurando a mão dela. – Agora, *confie em mim*, OK? Vamos fazer exatamente o que eu disse. Você tem que se aproximar de mim para que

Tom possa cobrir nós dois. Ele não é tão grande assim. Então eu vou Andar. Você vai entender quando sentir isso.

– Tudo bem – disse ela de maneira breve, como se estivesse concordando antes que pudesse mudar de ideia.

Dei um passo à frente, passando meus braços ao redor de seus ombros, enquanto os dela abraçavam de maneira um pouco hesitante minha cintura.

Sinceramente, eu não sabia bem como iria funcionar. Não sabia se Tom precisava cobrir Josephine também, ou se eu só precisava tocá-la. Tudo o que eu sabia era que as chances de algo dar errado se ela entrasse em pânico eram bem altas, e era por isso que eu a segurava firme.

Tom se esticou até ficar fino como um papel sobre nós dois, e senti Josephine se juntar mais a mim. Era como estar em um tanque de privação sensorial, imagino, pelo menos a princípio. Deixei de sentir o ar em mim, de ouvir os pássaros, de ver o brilho do sol azul nascente.

E então, quando abri os olhos, vi, ouvi e senti *tudo*.

Tom era como o melhor espelho do universo, como o elemento que faltava e fazia tudo se encaixar. Que fazia tudo fazer *sentido*. Andar não era mais encontrar a porta, era de repente perceber que você estava cercado por portas e sabia exatamente onde cada uma delas ia dar. Era como se sentar para fazer um teste para o qual não estudou e descobrir que sabe todas as respostas de qualquer maneira.

Eu sentia tudo. Sentia como Josephine estava maravilhada e assustada e percebia sua lenta compreensão e seu forte anseio. Ela experienciava o que nascera para fazer e já podia sentir seu medo dando lugar à ansiedade, ao desejo de aprender.

Mesmo que, na teoria, eu soubesse aonde *cada porta* iria me levar, era sempre mais fácil ir a algum lugar que você já conhecia. Segui o caminho para o futuro EntreMundos com tranquilidade, e em pouco tempo estávamos lá sob a luz roxa do amanhecer, naquela base em ruínas.

Josephine me soltou assim que Tom recuou, dando alguns passos para trás, embora não parecesse assustada. Parecia que ela entendia.

Ela andou lentamente pelo caminho de cascalho, olhando ora para as árvores escurecidas pela fumaça, ora para o chão queimado. Eu ainda não sabia o que tinha acontecido ali. Talvez em algum momento, quando eu tivesse tempo, poderia fazer Tom me mostrar.

Tudo o que eu sabia era que em algum momento no futuro do EntreMundos, a base devia ter sido atacada. Havia coisas queimadas por todo o lugar, áreas em que o chão estava escuro, vermelho-ferrugem com a lembrança da violência. Não havia nada ali, nem mesmo uma brisa. Estávamos sozinhos em um mundo morto.

– Este é o futuro? – perguntou Josephine, embora não parecesse muito uma pergunta.

– Vários milhares de anos à frente de onde estávamos, sim. Não sei direito quanto tempo – falei, avistando algo que reluzia ao sol da manhã.

Ajoelhei para inspecionar e encontrei um pedaço de metal retorcido que poderia ter sido qualquer coisa, desde um fragmento de uma arma até uma parte de uma joia. Não parecia nada além de lixo agora.

– Então por que continuar lutando? – perguntou ela.

– O quê?

– Por que se importar? Você disse que tem que voltar ao seu EntreMundos, mas ele será isso aqui um dia. Mesmo que você o salve no passado, ele vai acabar assim. – Ela apontou para a área em torno de nós, o vidro estilhaçado, as árvores mortas e portas quebradas. – Você vai perder de qualquer maneira.

Fiquei em silêncio por um momento, observando Tom flutuar em direção a um dos telhados. Ele pousou lá, empoleirado na beirada como uma gárgula em forma de balão, e ficou da mesma cor do metal. Eu nunca o vira se camuflar antes, mas o carinho tinha uma centena de truques que eu desconhecia.

– Sim, talvez – falei, enfiando as mãos nos bolsos do meu casaco. – Um dia.

– Então por que você se preocupa?

– Porque, se eu não fizer alguma coisa, tudo isso – dei de ombros, indicando a devastação ao redor – vai acontecer em todos os lugares bem mais cedo. Não vai restar nem mesmo isso. Não haverá nada.

Ela arrastou o pé pelo caminho de cascalho, observando os seixos se espalharem para um lado e para o outro.

– Mas a existência desta nave no futuro, mesmo que abandonada, não significa que *existe* um futuro? Que o mundo não será destruído?

– Não funciona assim – falei para ela. – A NoiteGélida vai apagar tudo, passado, presente e futuro, tudo de uma vez. Se for colocada em ação, toda esta dimensão, todo este fluxo temporal vai desaparecer.

Ela pareceu aceitar isso, embora tenha cruzado os braços e se encolhido, como se não gostasse do que estava para dizer.

– OK. Mas ainda assim... digamos que você consiga reunir todos nós, e a gente vá deter essa NoiteGélida. Vamos dizer que a gente salve o mundo, ou todos os mundos. Por que não nos deixar ir para casa, então?

Respirei fundo, segurei o ar por um instante, então o soltei aos poucos.

– Porque o EntreMundos sai em defesa de todos contra a BRUX e os Binários. É o que fazemos. Rastreamos seu movimento e os detemos. Cuidamos para que eles não peguem mais de nós, não consigam mais armas. Não machuquem pessoas inocentes ou dominem mundos inteiros e usem os habitantes como bucha de canhão. Somos o espinho na vida deles, e é tudo o que podemos fazer. Podemos não ser muita coisa, mas somos a primeira linha de defesa. Somos a *única* linha de defesa.

Temos que continuar sendo isso, independentemente do que aconteça. É tudo o que temos, mesmo que, no final, isso for tudo o que resta.

Para ser sincero, eu não sabia direito o que ia dizer quando abri a boca. As palavras apenas vieram até mim, com base em um monte de coisas diferentes, principalmente coisas que eu ouvira o Ancião dizer. Ele não era um homem de muitas palavras, mas as que usava costumavam ser bastante eficazes.

Josephine estreitava os olhos para mim, como se ainda não soubesse direito qual era o meu jogo.

– Ainda acho que você é louco – disse ela –, mas agora por motivos diferentes.

– Sim – falei, e me virei para entrar na base. Após um instante, ouvi Josephine vir atrás de mim.

– O mais importante agora é chegarmos à sala de controle – disse a ela enquanto procurávamos trilhar um caminho em meio aos escombros nos corredores. – Ainda pode haver alguns núcleos de alimentação auxiliares por aí. Não faço ideia de quando isso aconteceu, então não sei se ainda vão estar bons.

– E se não estiverem?

– Então a gente torce para que possam ser recarregados.

– Recarregados? Como?

– Depende do quão antigos eles são – expliquei, procurando controlar minha impaciência crescente. Eu não tinha nada para fazer, além de explicar coisas enquanto seguíamos para a sala de controle, e ela realmente não sabia nada disso. Imagino que eu devia fazer o mesmo quando Jay me encontrou. – Eles podem ser recarregados de algumas maneiras diferentes se os transdutores ainda estiverem funcionando. Energia térmica, química, eletromagnética etc. A nave praticamente funciona com energia cinética, pelo que entendo. – Olhei para trás para ver se ela estava entendendo tudo isso, então continuei: – O que significa que, uma vez que for ligada, vai desenvolver o próprio momento linear e carregar a si mesma.

– Entendo – disse ela, subindo numa pilha de escombros. – Então como a fazemos começar a funcionar?

– Bem, algum tipo de pulso. Um choque, ou...

– Como um choque estático?

– Teria que ser mais poderoso do que isso, mas essa é a ideia.

– Então, se os trans...dutores não estiverem funcionando?

– Nós os consertamos de alguma forma.

– Como?

– Não sei como – admiti. – Então vamos torcer para que estejam funcionando.

– Está bem – disse ela, parecendo cética.

Praticamente podia ouvi-la reclamar de sua decisão de vir comigo, já que era óbvio que eu não sabia o que estava fazendo.

E ela estava bem certa.

Não demoramos muito para chegar à sala de controle. Eu estava muito ansioso a cada passo do caminho. Ficava esperando dar de frente com caras maus, ou pior... com o que restava dos caras bons. No entanto, não havia nada, nenhum corpo de nenhum tipo ou evidência de qualquer coisa viva. Por um lado, eu estava feliz. Por outro lado, eu queria saber o que tinha acontecido ali. Queria saber como impedir.

Encontramos alguns núcleos de alimentação usados, e alguns ainda tinham um pouco de energia. Não o suficiente para fazer a nave levantar e voar, mas o bastante para acionar os mecanismos que ainda funcionavam. Como por exemplo, ativar os painéis solares.

– Pelo menos vamos ter energia quando o sol se levantar – falei, levantando uma longa linha de interruptores que ativavam os painéis sobre todo o telhado do edifício principal.

– Então isso aqui é tipo uma nave e uma cidade – comentou Josephine, observando com atenção o que eu estava fazendo.

– Sim. A coisa toda é uma nave... só não se *parece* com uma. Não parece fechada, mas é. Pelo menos, é quando os escudos estão funcionando, para que possamos viajar para mundos que não tenham o tipo certo de ar para nós.

– Mas este mundo tem, certo?

– É óbvio, ou não estaríamos respirando.

– Como você sabia que teria?

– Já estive aqui antes. A nave não pode viajar sem os motores, e os motores não funcionam sem energia. Eu sabia que estaria no mesmo local.

– Então podemos viajar de novo se tivermos energia?

– Talvez. Sei que a energia faz a nave funcionar, mas não sei bem como a fazemos viajar. Sei como a BRUX e os Binários fazem isso com *suas* naves, mas... – Balancei a cabeça. Isso não estava em questão.

– Como?

Eu deveria ter esperado por essa pergunta.

– Eles nos usam – falei o mais diretamente possível para evitar entrar em mais detalhes. – Eles pegam nossa habilidade de Andar e a usam em suas próprias naves.

Ela apertou os lábios, desviando o olhar. Mesmo sendo nova nisso, ela sabia como era Andar, e acho que já não podia imaginar ter essa habilidade tirada dela. Eu sabia como ela se sentia.

– Vamos – falei, acionando um último interruptor. – É hora de uma lição.

Eu não me importara de olhar pelas janelas na última vez em que estivera ali. Estava com muita pressa, desesperado demais para voltar para o lugar ao qual pertencia. Naquela época, eu presumira que a nave ainda flutuava acima do solo,

deslizando a cerca de mil e quinhentos metros, como de costume.

Percebi isso aos poucos enquanto caminhávamos pela nave dessa vez, mas na verdade estávamos ancorados: completa e absolutamente imóveis. Estávamos no chão em um campo aberto, nada além de planícies cobertas de grama visíveis até onde a vista alcançava. Eu achava que tinha visto um brilho de água à distância, mas poderia muito bem ter sido um truque da luz.

– Estamos sozinhos no planeta também? – perguntou Josephine quando entendeu o tamanho do EntreMundos. Não estávamos falando do tamanho de Nova York ou coisa assim, mas com certeza levaria bastante tempo para dar a volta nele todo.

– Depende da sua definição – respondi, apontando para um grupo de borboletas se reunindo em torno de algumas flores. – Somos as únicas pessoas. Este é um mundo pré-histórico.

– Mas pensei que estávamos no futuro.

Fiz uma pausa. *Ah, caramba. Isso ia ficar complicado.*

– Estamos. Mas o EntreMundos opera em um amplo espectro de locais. Não só para lá e para cá – movi a mão de um lado para o outro –, mas para a frente e para trás. Existem milhares de diferentes dimensões programadas nos motores de matriz sólton, mas apenas três Terras básicas. A nave se move, ou se movia, para a frente e para trás no tempo durante certo período, bem como para os lados em diferentes dimensões nessas três Terras. Mesmo que a nave *possa* se mover mais para a frente no futuro, tendemos a permanecer em tempos pré-históricos e nos mover lateralmente. Há menos chance de assustar os moradores dessa forma.

Ela olhava fixamente para mim.

– Você respondeu de verdade minha pergunta, ou só despejou um monte de best...

– Me desculpe, me desculpe. Eu me empolguei. Basicamente, *nós* não estamos no futuro. Estamos no passado, porque esse foi o último lugar em que este EntreMundos atracou. Mas *este* EntreMundos veio até aqui, para o passado deste mundo, vindo do futuro.

Ela franziu a testa, pensando a respeito.

– Mas... fomos para o futuro. Mais ou menos. Quero dizer, foi o que pareceu. Foi como dar um passo gigantesco para a frente, quando aquela sua bolha...

– Tom.

– ... nos envolveu.

– Sim, mas fomos para a frente no futuro do EntreMundos, o que nos trouxe ao passado – expliquei. – Então, a nave é do futuro, mas o planeta está no passado. Faz sentido?

Ela hesitou, parecendo que tinha uma pergunta a fazer que achava que poderia ser considerada estúpida. Depois de um instante, ela perguntou:

– Existem dinossauros aqui?

Eu não ri. Meio que queria, mas entendi por que ela perguntava isso. Quero dizer, você não teria perguntado? Sei que *eu* teria.

– Sinceramente não sei – respondi, e ela olhou em volta como se houvesse a chance de ver um. – Em alguns planetas, sim, existem. E, sim – falei, incapaz de conter um sorriso –, eu já os vi. Mas não sei se foi neste. Não sei em que planeta paramos.

– OK – disse ela, ainda olhando para o céu, que assumia um tom de azul ofuscante. Estava frio ali fora de manhã cedo, mas nós dois usávamos casaco, e o sol estava quente onde subia acima do horizonte. – E agora?

– Agora vou lhe ensinar a Andar – falei, fazendo sinal para ela me seguir. – É melhor ficar afastado de tudo na primeira tentativa. É muito pouco provável Andar para dentro de algo que já está aí, mas não é impossível.

– Você quer dizer que eu poderia ficar presa em uma rocha, ou algo assim...?

– Como eu disse, é pouco provável, mas é possível. Temos, basicamente, algoritmos subliminares integrados para esse tipo de coisa, como um sistema de navegação instintivo. Tipo um reflexo. Mas, quando você começa a aprender, é melhor não arriscar.

– Está bem – disse ela, observando-me com atenção. Josephine tinha um olhar familiar de determinação em seu rosto; familiar porque ela se parecia muito comigo. – Me ensine.

Passei a maior parte da tarde ensinando-a a Andar e descobri que não só ela era uma aluna fantástica, como tinha uma habilidade especial para isso. Não que fosse mais fácil para ela do que para qualquer outro de nós (na verdade, ela levou quase uma hora para seguir minhas instruções da maneira correta), mas, assim que aprendeu, ela passava tranquilamente pelas dimensões como um ladrão em um assalto sem dificuldade. Eu até a perdi uma vez, o que foi assustador, considerando que ela era minha única recruta. Acabei tendo de passar rapidamente por quatro dimensões diferentes e procurá-la com meus sentidos todas as vezes, o que foi bastante cansativo.

– E você nunca Andou antes? – perguntei quando a encontrei, sentada no meio do campo, soprando dentes-de-leão ao vento.

– Nunca antes de hoje – disse ela, parecendo satisfeita consigo mesma. – Por quê?

– Bem, você é muito boa nisso – falei, reajustando a tala amarrada em volta do meu punho. Eu vinha tentando ignorar uma coceira ali durante os últimos quinze minutos.

– Pensei que fosse levar um tempo para aprender.

– Você levou um tempinho para aprender, mas, quando conseguiu... Você é quase indetectável, sabia disso?

– Sério? – perguntou ela, olhando para mim.

Josephine já não parecia tão reservada ou irritada ou como se estivesse para fugir. Ela parecia feliz, como minha irmã ficava quando estava tendo sonhos bons.

Contente. Tranquila.

– Sim. É como quando você entra na água e não provoca nenhuma ondulação. Você parece simplesmente deslizar.

Ela sorriu e deu de ombros, embora eu pudesse ver que ela estava satisfeita em ser boa em alguma coisa em particular. Sei que eu teria ficado.

– Isso vai ser útil? – perguntou ela.

– Sim – respondi com sinceridade, estendendo a mão esquerda, que não estava machucada. Ela aceitou-a, permitindo que eu a ajudasse a se levantar. – Se você for a pessoa a Andar, poderemos reunir os outros sem sermos detectados. O que nos dá uma folga. Por que não tenta agora? Ande de volta para o mundo em que estamos parados.

Normalmente, quando ensinamos um novo Andarilho a voltar para a base, nós lhe passamos uma fórmula. É um endereço, uma equação que nos diz exatamente como chegar em casa, onde quer que a casa esteja. Isso nos diz que não importa onde a base esteja, estamos conectados a ela e podemos encontrá-la em qualquer lugar.

Esse futuro EntreMundos – o EntreMundos Beta, como eu passara a pensar nele – podia ou não ter o mesmo endereço quando fosse ligado. Como não estava ligado no momento, eu não tinha como saber. Só sabia que o endereço que *eu* conhecia, aquele para o que seria o EntreMundos Alfa, era um beco sem saída. Talvez não viesse a ser se a nave alguma hora parasse, ou se no fim das contas o endereço pudesse ser usado para o EntreMundos Beta quando a nave fosse ligada outra vez. De qualquer maneira, era inútil; não havia por que ensinar isso a ela agora.

Josephine continuou segurando a minha mão, fechou os olhos e se concentrou. Mantive os meus abertos; era mais fácil Andar quando não se está vendo as coisas mudarem ao seu redor, mas eu estava de carona dessa vez.

O cenário se modificou; estávamos na sombra por um instante, depois outra vez sob o sol.

Um bando de aves passou por cima das nossas cabeças...

O chão tremeu por um momento, como se houvesse o estouro de um rebanho de animais grandes nas proximidades...

O momentâneo cheiro salgado do mar e o grito de uma gaivota sobre as montanhas...

E então o EntreMundos Beta estava à nossa frente, triste e majestoso, como um navio encalhado. Uma cidade abandonada perdida no tempo.

Josephine não largou minha mão dessa vez enquanto o mundo se acomodava ao nosso redor. Era solitário, de alguma forma. Era nossa salvação e nossa esperança;

era parte do que nos deixava testemunhar as coisas extraordinárias que tínhamos visto e viver as coisas incríveis que tínhamos feito. Era o vento em nossos cabelos e a poeira de viagem em nossas botas, e não era certo ele estar preso ali, morto e sem vida.

Ela olhou para mim, convencida e determinada, e soltou minha mão. Nós finalmente nos entendemos, e acho que ela compreendeu por que eu estava disposto a arriscar tudo. Acho que ela também estava disposta.

Pelo menos, era um pequeno conforto.



CAPÍTULO CINCO

Entramos no depósito, reunindo toda e qualquer coisa que pudesse ser útil. Levamos material de limpeza, bem como luvas grossas e joelheiras para os corredores, e passamos o resto da manhã tirando os escombros e cuidando para que o caminho estivesse livre para os principais locais a que precisávamos ir.

Da sala de controle ao depósito, até os deques mais baixos de onde poderíamos sair para nosso planeta-lar temporário, os alojamentos, o refeitório, e de volta à sala de controle. Ficamos nisso por algumas horas e estávamos morrendo de fome apesar de termos comido alguns lanches e barras energéticas que pegamos das nossas mochilas.

Não tínhamos conseguido muita comida no refeitório, nem mesmo os kits de proteína ou pacotes de comida pronta para o consumo, no estilo militar, a que eu estava acostumado. A única coisa boa que encontrei foram alguns litros de água armazenados em recipientes fechados, que eram *muito* úteis de verdade. Colocamos vários deles no sistema de filtração séptica, que estava vazio. Eu não sabia se algum líquido restante tinha simplesmente secado, ou se fora esvaziado de propósito. Pelo que eu sabia, poderia ter sido uma evacuação de toda a base.

– Posso Andar para algum lugar e conseguir comida – sugeriu Josephine, enquanto fazíamos a triagem de uma pilha de eletrônicos descartados em uma tentativa de encontrar qualquer coisa útil.

Hesitei. Por um lado, ela já havia demonstrado sua capacidade de Andar sem causar nem uma ondulação sequer e provavelmente conseguiria buscar suprimentos para nós sem incidentes.

Por outro, ela era tudo que eu tinha.

– Não tenho certeza de que é uma boa ideia – falei, e recebi em troca um olhar irritado.

– O que vamos comer, então?

– Posso ir buscar alguma coisa – respondi, mas ela balançou a cabeça.

– Você vai precisar começar a confiar em mim em algum momento – rebateu ela.

– Não posso ser a única a dar votos de confiança por aqui.

– Não é uma questão de confiança – protestei. – Você é a minha primeira e única recruta. Você é minha responsabilidade. Não posso deixá-la sair para fazer algo potencialmente perigoso, e, além disso, aonde você iria? Estamos em uma Terra pré-histórica, lembra? Você não pode simplesmente Andar até a loja da esquina e comprar leite.

Agora era a sua vez de hesitar, embora tenha sido por um instante incrivelmente

curto.

– Há outras formas de se conseguir comida. Tenho certeza de que há árvores frutíferas por aqui, certo? E peixe?

– Não acho que existam árvores de peixe – falei, e ela jogou uma bobina de fio de cobre em mim. Mas eu conseguira fazê-la rir. Mais ou menos. – Embora não seja uma má ideia. Pescar, quero dizer.

– Não, não é. Nem preciso Andar para nenhum lugar, posso só descer da nave. Tudo bem? Mande sua bolha atrás de mim se eu demorar muito.

– O nome dele é Tom – lembrei a ela, embora tenha evitado falar que eu não tinha certeza de que poderia *mandar* Tom a algum lugar. Ele não estava exatamente à minha disposição.

– Tanto faz. Me dê uma dessas bolsas que vou buscar algumas frutas, OK? É melhor do que nada, que é o que nós temos.

Entreguei-lhe uma. Com alguma relutância, mas eu sabia que ela estava certa: tinha de começar a confiar nela. Estávamos trabalhando juntos há apenas algumas horas, mas se tratava do destino do mundo. Eu precisava deixá-la esticar as pernas, e era melhor que ela fizesse isso agora, enquanto ainda estávamos relativamente seguros.

Além do mais, significava que *eu* poderia cuidar de algumas coisas na nave que seria mais confortável fazer sozinho.

Em primeiro lugar, quando ela saiu, desci pelos corredores que limpamos até os alojamentos. Podia ser bobagem, mas eu queria encontrar meu quarto – ou o que tinha sido meu quarto. Se aquele EntreMundos vinha de milhares de anos no futuro, tenho certeza de que eu já tinha morrido há muito tempo. Meu quarto devia pertencer a outro Andarilho agora, mas eu só... queria ver. Queria algo familiar, qualquer coisa.

Mas nada parecia familiar, é claro. O EntreMundos não permitia muita personalização para começo de conversa, e quem quer que tivesse usado aquele quarto antes de a base ser evacuada (abandonada? Se render?) não deixara nenhum item pessoal. O máximo que encontrei foi uma camisa velha, tão amarelada pelo tempo que era impossível dizer se algum dia já tivera algum tipo de logotipo.

Coloquei minha mochila lá assim mesmo e tirei o máximo de poeira que pude. As venezianas – feitas do acrílico grosso usado nas janelas dos aviões – estavam abaixadas e não abriam até a nave estar energizada de novo. O sol já tinha nascido havia algumas horas e estava bem em cima de nós agora; os painéis solares absorviam seu calor, e, com alguma sorte, teríamos energia suficiente para executar algumas funções básicas quando Josephine voltasse. Então eu poderia abrir as janelas e arejar os quartos, tirar a poeira dos sistemas de ventilação, usar o fogão e os fornos na cozinha, e (eu esperava) ter água quente suficiente para tomar banho.

E talvez, se conseguisse usar a energia solar para carregar alguns dos núcleos de alimentação, eu poderia colocar a Zona de Perigo para funcionar. Então Josephine teria *realmente* a chance de esticar as pernas.

Ela voltou algumas horas mais tarde, bem quando eu começava a me preocupar. Enquanto ela estava fora, limpei dois quartos para nós o máximo possível e levei nossas coisas para lá. Eu estava no “meu” quarto; o dela era logo ao lado. Imaginei que seria seguro o bastante e muito menos constrangedor do que tentar compartilhar um. Eu ainda estava certo de que ela não gostava muito de mim. Isso acontecia muito com a maioria das minhas paraencarnações, ao que parecia. (Uma pequena parte de mim se perguntava exatamente que implicações psicológicas traziam o fato de eu nunca parecer gostar muito de mim. E o restante de mim estava apenas empenhado em tentar manter todos vivos.)

Eu também conseguira fazer funcionar o sistema de ventilação, e havia energia solar suficiente para abrir as persianas quando Josephine voltou. Ainda inalaríamos séculos de poeira por um tempo, mas já não estaria tão ruim no dia seguinte.

– Estas maçãs são tão grandes quanto sua cabeça – disse Josephine quando me encontrou, jogando uma em minha direção. Peguei a fruta por reflexo, embora tenha precisado usar as duas mãos. Ela não estava brincando.

– Bom – falei, dando uma mordida. – Está mais para... – Fiz uma pausa, mastigando lentamente. – Não parece maçã.

– É ruim? – Olhou para a dela, desconfiada.

– Não, é só que... não tem gosto de maçã. Mas é boa.

Ela deu uma mordida.

– Meio que lembra uma maçã... uma maçã estranha.

– A Evolução das Maçãs – falei, colocando um pouco de drama na voz. Era para ser engraçado, mas ela parou e olhou para a fruta vermelha gigante em suas mãos.

– Sabe, provavelmente estamos comendo algo que ninguém comeu em milhares de anos – disse ela.

– Milhões – corriji. – Mas, sim. É uma das vantagens deste trabalho.

Ela tentou não parecer satisfeita com isso, mas eu via que estava. Comemos nossas não maçãs gigantes em silêncio.

– Tudo bem, chefe – disse ela, quando terminamos de comer e encontramos lugar na cozinha para as várias outras frutas, legumes, nozes e bagas que ela trouxera de volta. – E agora?

– Agora – falei, olhando para o céu lá fora. – Tomamos nossos tão merecidos banhos quentes enquanto ainda temos energia solar e vamos dormir.

Por mais feliz que estivesse com a ideia de um banho quente, ela parecia igualmente decepcionada por já estar na hora de dormir.

– Não está cansada? – perguntei, sentindo de repente como se falasse com uma

criança pequena.

– Não – disse ela, parecendo sincera. – Quero aprender mais.

– Bem, estou acordado desde às três da manhã, e não foi exatamente um dia tranquilo. Estou destruído. Pode procurar algo para fazer, se quiser, mas eu a aconselharia a dormir um pouco. Provavelmente vou acordar entre quatro e cinco horas e vou chamar você.

– Tudo bem. – Ela deu de ombros. – Posso realmente procurar alguma coisa para fazer? Tipo... posso explorar por aí?

– Eu preferiria que não – falei, com cautela. – Mas não vou lhe dizer para não fazer isso. Só fique dentro da nave, OK?

Ela hesitou, mas assentiu.

– OK.

– Que bom. Vou curtir meu banho.

– Onde ficam os chuveiros? Vou querer tomar banho mais tarde.

– Você tem um pequeno banheiro em seu quarto. Deixe-me mostrar onde é.

Eu a levei de volta para os quartos (ela pareceu satisfeita em ver que eu já levava suas coisas para lá, ou provavelmente ao saber que não dividiríamos um quarto) e lhe mostrei como usar todas as instalações, já que eram feitas para serem compactas e mostravam-se um pouquinho complicadas. Apesar de seu entusiasmo com a ideia de explorar a nave, pude ouvi-la andando de um lado para outro no quarto vizinho enquanto eu me preparava para dormir. Imagino que estivesse feliz com o espaço, já que vinha morando em um elevador. Não que nossos quartos fossem *muito* maiores, mas ainda assim... eram maiores do que um elevador, mesmo um grande elevador corporativo.

De modo geral, o dia não tinha sido muito ruim. Eu ainda estava dolorido, com fome, exausto e com medo de que o universo pudesse acabar a qualquer momento... mas possuía uma nave, uma recruta e um plano. Era mais do que eu tinha no dia anterior.

Durante os três dias seguintes, Josephine e eu seguimos uma rotina específica. Acordávamos às cinco, saíamos para correr em volta da nave (o que era uma tortura para as minhas lesões no início, mas aos poucos foi ficando mais fácil), voltávamos e tomávamos café da manhã, então limpávamos e organizávamos as coisas até a hora do almoço. Então saíamos de novo, até um riacho a cerca de três quilômetros de distância (íamos correndo), onde eu a ensinei a pegar peixes com as mãos. Fiquei feliz mais uma vez pelas minhas aulas no EntreMundos; embora tais acontecimentos fossem raros, todos fizéramos cursos básicos de sobrevivência na selva para o caso de acabarmos presos em um mundo primitivo.

Enquanto eu estava com água pelos joelhos no riacho, mostrando-lhe como a luz

desviava na água e fazia os peixes parecerem estar ligeiramente um pouco mais para o lado de onde realmente estavam, me lembrei de como essa aula sempre fora difícil para J'r'ohoho. O centauro não conseguia se curvar tanto quanto o resto de nós e não encostava na água sem ir parar mais no fundo. Seus cascos escorregavam nas rochas lisas, e ele acabava encharcado com apenas um único peixe.

Josephine se saiu bem, pegando o primeiro peixe na quarta tentativa. Ela acabou deixando-o escapar, o animal se debatendo e escapando de suas mãos, mas conseguiu segurar o segundo e o terceiro. Ela se saía cada vez melhor com o passar dos dias, e lhe dei um curso rápido de táticas de batalha, enquanto trazíamos os peixes de volta para base. Conversávamos sobre como se antecipar ao inimigo enquanto limpávamos e cozinávamos; então, enquanto comíamos, eu lhe explicava o básico sobre viagem planar e o conceito de *por que* Andar funcionava.

Depois do almoço, saíamos para outra corrida em torno da base, então eu lhe dava treinamento de combate. Josephine tinha mais chance contra mim do que achava, por causa dos meus ferimentos, mas ainda assim consegui lhe ensinar algumas noções básicas sem me machucar mais. Em seguida, cuidávamos de novo da limpeza (especificamente dos outros quartos) e trabalhávamos mais táticas de combate, principalmente com relação ao que ela poderia esperar da BRUX e dos Binários. Uma última corrida em volta da base, mais peixe para o jantar, em seguida uma hora de lazer antes de dormirmos.

No primeiro e no segundo dia, ela usou essa hora extra para dormir. No terceiro, parecendo não menos exausta, mas ainda mais determinada, ela me pediu outra lição de combate.

No quarto dia, achei que tinha chegado a hora.

– Tom vai se ligar a nós de novo – expliquei – e vamos voltar à nossa linha do tempo. Então, por meio do Tom, vou procurar outro Andarilho. Vou com você nessa primeira missão, mas uma hora você e eu vamos liderar equipes distintas de extração.

– O que significa que nós dois vamos atrás de diferentes versões de nós.

– Sim.

Pela primeira vez em três dias, ela parecia pensativa.

– Como eu devo simplesmente... tirar outro de mim da vida dele ou dela? Não é justo.

– Da mesma forma que fiz com você – expliquei a ela.

Ela franziu a testa.

– Você não me deu escolha... apareceu e aquelas coisas começaram a vir atrás de mim...

– Exatamente. Eu não lhe dei escolha. – Era duro, mas era verdade. Tinha de ser a verdade. Era a única maneira de ganharmos.

Ela olhou para os sapatos por um instante, depois assentiu.

– Está bem. – Depois de uma pausa, sua expressão se suavizou, embora ela ainda não sorrisse. – Não aguento mais peixes, de qualquer maneira.

– Eu também. – Dei um tom de solidariedade à minha voz, uma espécie de desculpa pela forma como falara um instante atrás.

– Nós vamos agora? – perguntou ela.

– Agora é um momento tão bom quanto qualquer outro – respondi, mas a verdade era que agora Tom estava ali (não o tínhamos visto nos últimos três dias), e eu não queria arriscar que ele desaparecesse de novo por mais tempo dessa vez.

Ela assentiu com a cabeça.

– Tom? – chamei, e o pequeno fovimal apareceu animado de onde ele vinha fazendo uma imitação razoável de um tapete. Levantou-se lentamente, como um balão que se enche de hélio, e flutuou. – Ei, amigo – falei, estendendo a mão para tocá-lo. Ele adquiriu uma tonalidade satisfeita de azul-claro, exercendo uma leve pressão contra a palma da minha mão. – Você está pronto? – Ele mudou de cor outra vez, agora para um bronze decidido, e estendi a mão para Josephine.

Como antes, Tom fluiu sobre nós dois como um mel estranho e não grudento, e eu Andei.

Josephine estava um pouco mais acostumada a Andar agora, o que tornava a transição mais suave para mim; mas estávamos tropeçando e não deslizando pelo caminho, o caminhar de um viajante cansado que tem estado de pé há muito tempo.

Acho que Tom está ficando cansado, me disse Josephine em pensamento. Bem, não é que ela estivesse exatamente me dizendo em pensamento; era mais como se eu soubesse o que ela pensava. Como se ela dissesse seus pensamentos em voz alta, mesmo sabendo que ela não estava fazendo isso.

Provavelmente, respondi. *Não sei o quanto isso exige dele, mas ele tem dormido muito.*

Vamos tentar não fazer tantas viagens, sugeriu ela. *Podemos Andar de um lado para outro e reunir o maior número de Andarilhos que pudermos encontrar, então trazê-los de volta todos de uma vez.*

Não era um plano ruim, e se fosse Josephine quem Andasse a maior parte das vezes de um lado a outro – o que significava ir de dimensão em dimensão em vez de para a frente e para trás através do tempo – havia muito menos chance de sermos detectados. Eu tinha de fazer essas próximas viagens valerem a pena.

Com isso em mente, procurei a fonte mais forte de energia de Andarilho que poderia encontrar.

E encontrei. *Perto.*

Bem, relativamente. Estávamos ancorados em uma das Terras pré-históricas do futuro do EntreMundos. Tom nos levou de volta na linha do tempo do EntreMundos

e, assim, fomos para a frente na linha do tempo da Terra. A essência de Andarilho que eu estava sentindo encontrava-se em um planeta paralelo, uma Terra que nunca tinha se recuperado do impacto do meteoro cerca de sessenta e seis milhões de anos antes.

A energia que eu sentia neste planeta, neste planeta morto, era *forte*. Muito forte. *Poderia ser uma armadilha?*, perguntou Josephine em silêncio.

Alguns dias atrás, eu teria dito não. Teria dito que não havia como simular a energia de Andarilho vindo de alguém que não era um Andarilho. Eu teria dito que nós *saberíamos*.

Agora eu sabia que isso não era verdade, então só respondi *Talvez*.

A aterrissagem nos fez sentir um forte impacto, assim como quando você está descendo uma escada e chega ao chão antes do que esperava porque achava que havia mais um degrau. O chão era duro e implacável, avermelhado, rachado como um leito de rio seco. O ar era denso, cheio de pó e cinzas, a luz do sol transpassando fracamente o nevoeiro. Cheirava a coisa podre e pântano, a paisagem restrita a uma paleta de cinzas, vermelhos e marrons. Apesar das cores quentes, o frio era congelante.

– Argh – disse Josephine, ofegante, levando a manga até a boca e o nariz. – Tem cheiro de água podre.

– Sim – falei, fazendo o mesmo. – Espere. – Fechei os olhos, em parte para me concentrar e em parte porque ardiam e lacrimejavam. Respirando fundo através da minha manga, me concentrei no pulso forte e claro de familiaridade, de um poder como o meu, da mesma forma que eu tinha encontrado Josephine. Ainda estava ali, à minha frente, como um rastro de migalhas de pão.

– Por aqui – falei, seguindo por entre as árvores. Josephine veio atrás de mim, tossindo.

– Essa poeira é muito densa – observou ela, a voz abafada pela manga. – Será que um vulcão explodiu por aqui ou algo assim?

Ignorei a onda súbita de adrenalina que me percorreu quando sua pergunta me fez lembrar do deslizamento que tinha matado Jerzy e fraturado meu ombro. Eu queria parar e respirar fundo, mas isso não era exatamente uma opção. Em vez disso, dei de ombros e disse:

– Talvez. O mais provável é que tenha sido um enorme meteoro.

– Quer dizer, como o que matou os dinossauros?

– Sim. Esta é uma versão da Terra que sofreu efeitos mais duradouros disso, o que quer que tenha sido.

– Você acabou de dizer que foi um enorme meteoro.

– Isso é o que provavelmente foi – falei. – Mas ninguém nunca teve certeza. As evidências sugerem que foi um meteoro, mas os cientistas têm algumas outras

teorias.

Ela inclinou a cabeça, parecendo curiosa.

– Mas não são coisas que poderíamos descobrir? Como se foi *mesmo* um meteoro e se existiu ou não uma Atlântida, e o que se passa na Estrela das Bermudas, e...

– Na verdade não existe nada na Estrela das Bermudas – falei. – Esse lugar é chamado de Triângulo das Bermudas no meu mundo e é basicamente um mito perpetuado pela televisão e outros meios de comunicação.

– Mas e todos os aviões e navios que desapareceram? – perguntou ela, parecendo decepcionada.

– Isso não é verdade. Não aconteceram mais sumiços ou naufrágios naquela área do que em qualquer outra – falei. Ela continuava parecendo decepcionada. – Quero dizer, pelo menos na minha Terra. Talvez seja diferente na sua.

– Talvez – disse ela, animando-se. – Mas e quanto às outras coisas, como Atlântida ou a tripulação desaparecida do *Maria Christine*?

– Nunca ouvi falar dessa última história... talvez tenha um nome diferente no meu mundo, se aconteceu. Mas o fato de você e eu irmos de mundos com mitos sobre Atlântida pode significar que há alguma coisa aí.

– Humm. – Ela parecia pensativa. – Creio que sim. Você acha que essa seria outra maneira de descobrir? Andar para diferentes mundos e ver se têm os mesmos mitos, ou encontrar um onde Atlântida nunca tenha afundado?

– Sim, provavelmente. E isso – falei, afastando a manga do rosto por tempo suficiente para ela me ver sorrir – é o que chamamos de vantagens do trabalho. Às vezes temos mesmo um tempinho para sair da Base.

– Isso é incrível. Mal posso esperar para explorar.

– Quando terminarmos de salvar todos os mundos – lembrei-a.

– Eu sei – disse ela, um pouco irritada.

Acho que eu não precisava ficar lembrando a ela como isso era sério. Não havia nada de errado em ansiar pela sobremesa mesmo sabendo que você ainda precisava comer seus legumes.

– Eu costumava ter um livro inteiro sobre coisas desse tipo – falei depois de um instante, tentando puxar conversa enquanto avançávamos com dificuldade em meio ao ar denso e úmido.

Eu sabia que devia poupar fôlego, mas não tivéramos muita chance de falar sobre outra coisa que não táticas e coisas técnicas sobre naves. Não sabia quase nada sobre ela, fora o que imaginava que tínhamos em comum.

– Coisas como o quê? Mistérios modernos?

– Sim. Minha tia me deu.

– Eu tinha um assim também – disse ela. – Tia Teresa?

– Sim. – Sorri. – Capa azul?

– Não, verde. O título em amarelo.

– O meu era preto, eu acho. Não me lembro; ganhei quando ainda era muito pequeno. Minha mãe e a irmã dela não se falam muito, na verdade.

– Acho que era assim com a gente no início, mas elas ficaram mais próximas depois do acidente – comentou ela.

– Que acidente?

– O acidente de carro. – Josephine olhou de soslaio para mim. – Quando mamãe perdeu um braço.

Fiz uma pausa, mais uma vez impressionado ao perceber como todos nós éramos diferentes, mesmo sendo essencialmente os mesmos. Quando fui pela primeira vez ao mundo de Josephine, quando ainda não sabia o que estava acontecendo ou por quê, eu entrara em sua casa e vira a mulher que era minha mãe, mas não era, que se parecia com ela e falava como ela, mas tinha um cabelo diferente e um braço protético.

– Isso não aconteceu com você – observou ela.

– Não – admiti. – Eu me lembro de um acidente de carro que sofremos, mas não foi tão ruim.

Ela ficou em silêncio por um momento, pensando a respeito. Não parecia chateada, só pensativa. Josephine era assim, eu começava a perceber; ela costumava absorver bem os impactos e enfrentar os problemas. Acho que ela precisara fazer isso.

– Bem, foi ruim para nós. Tenho uma cicatriz bem aqui, de quando bati a cabeça.

– Ela tirou a manga da frente da boca por tempo suficiente para afastar o cabelo para trás. Eu não conseguia identificar a cicatriz porque meus olhos lacrimejavam muito em razão da poeira no ar, mas assenti assim mesmo. – E eu não lembro direito o que aconteceu. Acordei no hospital com meu pai sentado ao meu lado, e ele me disse que ficaríamos ali por alguns dias até mamãe se recuperar da cirurgia.

– Sinto muito – falei, sem conseguir pensar em mais nada para dizer.

– Não esquentar – disse ela. – Não tenha pena de mim ou nada assim. Não foi tão ruim. Mamãe já se acostumou a usar o braço protético e pode fazer quase tudo facilmente. Ela até faz joias.

Automaticamente levei a mão ao colar por baixo da minha camisa, aquele que eu sempre usava. Minha mãe o fizera para mim na noite em que saí de casa, e eu me perguntava se a mãe de Josephine tinha conseguido fazer o mesmo antes de ela ir embora.

– Sou eu, ou está ficando cada vez mais difícil respirar? – perguntou ela.

– Não é só você – respondi, fazendo uma pausa. – E você está ouvindo isso?

Nós dois paramos, prendendo a respiração por mais de um motivo. Eu ouvira mesmo um leve farfalhar ali perto? Agora eu não tinha certeza. À nossa volta, havia

o mesmo silêncio anormal que nos cercara desde que chegáramos: nenhum pássaro, nenhuma brisa, nenhum inseto. Mas agora havia um peso no ar, uma sensação de *espera*, de expectativa.

Derrubei Josephine para o lado quando senti o chão tremer atrás de mim, ligeiramente para a direita, minha única indicação de que algo estava para acontecer. Senti uma corrente de ar sobre a cabeça e ouvi um som estrangulado e estridente que me provocou um arrepio na espinha. Parecia o som de um pássaro, mas... não.

Rolei defensivamente, me levantando, uma pequena parte de mim notando com orgulho que Josephine fazia o mesmo.

Uma forma se avultava saindo do pó vermelho em direção a nós, os olhos pequenos e redondos brilhando sob a luz fraca. Parecia algum tipo de avestruz ou ema, mas... bem, mas nem de longe tão tolo. Aves grandes que não voam sempre pareceram meio estranhas para mim, sabe? Mas não aquela. Em primeiro lugar, porque tinha provavelmente o dobro da minha altura, e sei que não sou exatamente grande, mas *ainda assim*.

Rolei para o lado de novo quando a cabeça da coisa – quase do tamanho do meu torso – veio em minha direção, rápida como uma cobra dando o bote. Tive a impressão de ver algum tipo de bico curvo antes que passasse por mim, mirando Josephine. Definitivamente carnívoro, definitivamente com fome.

Eu gostaria de dizer que o que fiz em seguida foi heroico, mas provavelmente estava mais para burrice. Quando Josephine correu para trás, a fim de evitar o bico, me atirei para cima da coisa com o que eu esperava ser um salto coordenado. Provavelmente parecia mais que eu abanava os braços enquanto caía, mas consegui abraçar o pescoço da coisa de qualquer maneira, as pernas em torno de seu corpo e os pés fora do chão.

Era em momentos como aquele, meio montado na traseira de uma monstruosa ema pré-histórica, que eu me perguntava o que estaria fazendo agora se tivesse uma vida normal. Não estaria brincando de rodeio com um pássaro gigante, sem dúvida.

– Corra! – gritei, procurando me segurar enquanto o que quer que fosse aquilo saltava e corcoveava.

Consegui passar um braço em torno de seu pescoço, prendendo uma das minhas mãos com a outra. Senti penas e uma pele áspera e coriácea em meu braço, e então meus dentes rangeram quando ela tentou bater comigo em uma árvore. A anatomia básica ensina que a maioria dos mamíferos e das aves tem de respirar, em geral por meio de algum tipo de traqueia, e eu esperava que aquela coisa não fosse uma exceção. É claro que, com toda a fuligem e poeira por ali, eu poderia estar errado... Talvez aquela criatura tivesse evoluído de forma a não precisar de oxigênio? Eu provavelmente devia ter pensado nisso antes.

Pelo canto do olho, vi Josephine se curvar e rolar, partindo para o ataque com um

chute bem colocado na junta de uma perna. A criatura pendeu para o lado por baixo de mim e não consegui me segurar, balançando para a frente da ave. Aquilo não era o ideal, já que agora ela podia curvar a cabeça o suficiente para que o bico voltasse a ser uma preocupação.

Fiz a coisa certa e soltei, conseguindo aterrissar mais ou menos bem de pé. Josephine mergulhou atrás de uma árvore quando a criatura atacou – ouvi o som de galho se quebrando e casca de árvore estalando quando o bico afiado como lâmina deixou uma pequena cratera no tronco. Eu não tinha dúvida de que aquele bico poderia quebrar o meu braço ao meio se me pegasse.

Eu vasculhava meu índice mental de potenciais armas quando ouvi outro som, o grito lancinante de algo muito maior. Uma sombra passou sobre nós, bloqueando o pouco sol que havia, e a ave gigante parou, levantando a cabeça. Vi suas pupilas se contraírem; em seguida ela se ergueu por completo e soltou um grito desafiador. Ao fazer isso, notei as linhas distintas das costelas sob suas penas – o que quer que aquele bicho fosse, estava claramente faminto. Ou não havia muita comida ali, ou aquela coisa não ocupava um lugar alto o bastante na cadeia alimentar para competir. Se fosse o último caso, eu não queria ficar por perto para descobrir qual ocupava.

Dei a volta na árvore de Josephine bem a tempo de ver algo grande e musculoso atravessar a floresta, as garras de fora. Devia ser do tamanho de um avião pequeno.

Não, pensei, e agarrei a mão de Josephine. Não havia como lutarmos contra essas coisas. Eu não tinha nada além do Tom, que descansava no capuz do meu casaco – e ele não era páreo para monstros como aqueles, de qualquer maneira. Josephine já se movia, e saímos pela vegetação rasteira tão rápido quanto era seguro, dado o fato de que não conseguíamos ver mais de dois metros à frente.

Parando para pensar, provavelmente devíamos ter ido ainda mais devagar. Os sons de luta continuavam muito perto, atrás de nós, quando a terra sob os meus pés pareceu mais solta, e percebi que estávamos descendo muito rápido. Apesar dos meus esforços, meus pés escorregaram e fui caindo pela ravina rochosa, Josephine ao meu lado.

Por um terrível instante, meus sapatos deixaram a terra e eu estava em pleno ar, sem ter ideia de quão longe eu poderia estar caindo. Então o chão me pegou, não muito delicadamente. Fiquei sem ar e continuei ali parado por um instante, atordoado e sentindo dor. A adrenalina me alcançou um segundo mais tarde, e levei de novo a manga da minha camisa à boca, inspirando o ar apenas parcialmente filtrado de poeira. Podia ouvir Josephine tossindo ao meu lado, mas só conseguia me concentrar em respirar e não entrar em pânico por não estar recebendo ar suficiente.

Este lugar é uma armadilha mortal, pensei, zozinho. *Como há uma fonte de energia de Andarilho tão forte aqui?*

– Temos certeza... de que é este mesmo... o lugar? – perguntou Josephine, ofegante, a voz abafada atrás das mãos.

– Sim. – Tossi. – Bem, não tenho certeza de que *este* é o lugar certo, uma vez que *isto* parece ser algum tipo de ravina... profunda... – Parei. Josephine virou para olhar para mim, o ar cauteloso e cansado. – Você ouviu isso? – perguntei, sentindo meus ombros caírem. Eu estava realmente cansado de coisas tentando me matar/mutilar/comer.

Josephine inclinou a cabeça, prestando atenção. Pela expressão em seu rosto, vi que ela também escutou – uns estalos, ou arranhados, como alguma coisa com um monte de pernas rastejando por cima das rochas... ou muitas coisas com um monte de pernas...

– Não – disse Josephine, cobrindo os ouvidos com as mãos. – Não, não estou ouvindo na...

– Vamos! – Desci pela ravina, me esquivando de rochas do tamanho da minha cabeça e plantas finas e compridas que pareciam que iam se desfazer em pó quando eu passasse ou que seriam fortes e resistentes como arame farpado.

Josephine estava alguns passos atrás de mim. O som aumentava para um ranger alto, e não ousei olhar para trás enquanto corria. Só enxergava dois metros à frente com aquela poeira, lembra?

Sim. Falando nisso...

– Beco sem saída! – Josephine engasgou, afastando a manga da boca o bastante para pressionar as mãos contra as rochas. Havia um penhasco escarpado à nossa frente, que se elevava além do que eu podia ver. Eu me virei.

Eu ainda não conseguia ver nada, mas o barulho se aproximava. Enquanto eu observava, estreitando os olhos para tentar enxergar através da poeira e das lágrimas, captei um vislumbre de movimento aqui e ali, nos cantos da minha visão. Coisas compridas e musculosas, deslocando-se sinuosos como cobras e rápidos como escorpiões. Comecei a identificar uns estalos, como poderosas pequenas garras.

– Suba! – falei, juntando as mãos em concha e me preparando para ajudar Josephine a escalar. Ela olhou para mim, para o penhasco, e de volta para as criaturas em parte caranguejo, em parte cobra e em parte escorpião. – Veja como é alto! – Insisti, lembrando-me de sua relutância em fugir quando eu lhe dissera para correr da coisa que parecia uma ema. Ela realmente não era de fugir das coisas, mesmo quando provavelmente era mais seguro para ela. Eu teria de ter isso em mente.

Ela colocou o pé nas minhas mãos em concha e eu a levantei, ignorando a dor no ombro e nas costelas. Com certeza haveria tempo para alguns analgésicos assim que tudo naquele planeta parasse de tentar nos matar.

Recuei contra o penhasco, mais uma vez tentando descobrir o que eu poderia usar

como arma. As formas pretas se aproximavam, aproveitando o momento para avaliar o quão ameaçador eu era. Tentei me fazer parecer tão grande quanto possível.

Cada um deles tinha cerca de sessenta centímetros de comprimento e estavam mais para centopeias do que para serpentes, com um monte de pernas pretas finas, garras de caranguejo e uma terrível cauda de escorpião. Agora que estavam mais perto, vi que havia padrões em seus corpos, linhas vermelhas, azuis e douradas serpenteando em torno de suas escamas (carapaças?). Era até bonito, ou seria se não estivessem a ponto de me comer.

– Estou no alto, não é tão longe assim! – gritou Josephine, e então respirei fundo e virei de costas para eles.

Eu mal podia ver o contorno de Josephine curvado sobre a face do penhasco, me oferecendo a mão. Pulei e agarrei-a com meu braço bom, usando os pés e a outra mão para me segurar firme quando algo se enroscou na minha perna.

Chutei descontroladamente, sentindo algo ser esmagado entre o meu joelho e o penhasco quando Josephine me puxou para cima. Pedras e madeiras machucavam minhas mãos enquanto eu subia pela beira do precipício, mas fiquei logo de pé e me afastei do penhasco. Eu não sabia se aquelas criaturas sabiam escalar ou não, mas provavelmente era mais seguro acreditar que sim.

Josephine pressionou as costas nas minhas e ficamos assim, ofegantes, eu, de frente para o penhasco, atento a qualquer sinal daquelas coisas finas e medonhas, e Josephine virada para onde quer que estivéssemos e à procura de sabe-se lá mais o quê. Emas gigantes. Grandes aves demoníacas, talvez, ou um maldito tiranossauro. Com a nossa sorte, o único T-Rex não extinto moraria naquela rocha.

– Tem *certeza* de que esse é o planeta certo? – resmungou Josephine, por fim, depois de um momento abençoado de silêncio, em que nada subiu pela beira do penhasco ou nos atacou saindo da densa poeira.

– Sim. – Suspirei. – Ei, você...

– Se você disser “Você ouviu isso?”, eu *juro* que atiro em você!

Eu quase tive vontade de rir, mas não tinha fôlego para isso.

– Tem um lenço?

– Está brincando comigo? – perguntou ela. – Quem ainda carrega um lenço?

– Todos no EntreMundos – me defendi. – Eles são úteis para um monte de coisas. Como amarrá-los em volta do rosto para bloquear a fumaça.

– Bem, eu não tenho – retrucou ela, então reconsiderou. – Tenho uma bandana e uma faca. Poderíamos cortá-la ao meio.

– Melhor do que nada – falei.

Não demorou muito para cortarmos a bandana azul de Josephine ao meio, na diagonal, para usarmos como máscara. Peguei uma garrafa de água da minha mochila, tomei vários goles, dei à Josephine e molhei os dois pedaços de pano antes

de amarrar o meu ao redor da boca e do nariz. Automaticamente coloquei a garrafa plástica vazia de volta na mochila para não deixar nenhum lixo ali, então tive de rir de mim mesmo. Todos nós aprendíamos a deixar o mínimo de marcas possível nos mundos que visitávamos, então é claro que eu tinha de guardar a garrafa – mas a ideia de alguém ir parar naquele planeta morto e encontrar uma única garrafa plástica de água em meio a toda aquela ruína de repente me pareceu absurdamente engraçada. Acho que eu estava um pouco histérico.

Encontrei a mão de Josephine, avançando através da nuvem de poeira e detritos. Havia pedras em vez de árvores agora, gigantes rochas negras maiores do que eu, bloqueando o caminho. Algumas vezes, tínhamos de contorná-las, e as rochas me lembravam da última vez em que eu respirara tanta poeira. Parecia a ocasião em que eu fraturara meu ombro no deslizamento que matara Jerzy.

Percebi que estava tenso, à espera de que o chão comesse a fazer barulho e as pedras caíssem, para nos esmagar. Meu coração estava disparado, mas eu não sabia se era pela falta de oxigênio ou pelas lembranças repentinas. De um jeito ou de outro, enquanto Josephine e eu caminhávamos com dificuldade, levei um instante para perceber a figura emergindo da poeira à nossa frente.

Josephine puxou minha mão com força, o que provocou dor em quatro lugares diferentes. Levantei a cabeça de repente, transferindo o peso para meu pé de trás – e então o ar clareou tão de repente que me fez engasgar.

A mão de Josephine se soltou da minha, provavelmente para que ela pudesse limpar os olhos. Eu não a culpava; estava fazendo o mesmo.

– Você é Joseph Harker, não é? – perguntou uma voz, e olhei para o rosto de outra versão minha.

Como eu (e Josephine), a garota tinha pele pálida, cabelos vermelhos indisciplinados e sardas. Mas seus olhos eram verdes, tão vibrantes que pareciam brilhar. Suas mãos estavam erguidas, na defensiva, e, pelas roupas, parecia ter saído de um romance de aventura medieval: marrons e verdes, com botas altas, perneiras e uma túnica simples. Algibeiras e coisas de couro que eu não reconhecia pendiam de um cinto com desenhos intrincados. Seu cabelo estava curto o bastante para me deixar em dúvida com relação ao seu sexo por um instante. Além disso, sinceramente, seu rosto era do tipo que podia ser tanto feminino quanto masculino.

– Sim – disse Josephine atrás de mim. – Ele é, sim. Eu sou Josephine.

Fiquei feliz em ver que ela conseguia formar frases – eu me sentia como se pudesse desmaiar com o súbito afluxo de oxigênio. Passei a bandana no meu rosto de novo, limpando a poeira, antes de amarrá-la ao meu cinto, me forçando a respirar lentamente.

– Sou Jari – disse ela, e o nome me fez lembrar de alguma coisa.

Agora, não me entendam mal. Eu costumava viver na Base com cerca de

quinhentas versões de mim, todas com nomes que começavam pelo som de *J*. Mesmo que seus nomes estivessem em um idioma diferente, ou uma equação matemática, em geral poderia ser traduzido para um som com *J*. Dizer que o nome daquela menina me fazia lembrar de alguma coisa parecia muito insignificante, exceto por um pequeno detalhe: eu nunca a tinha visto antes.

Depois de um instante, eu me lembrei.

– Você é um dos gêmeos – falei.

Ela assentiu com a cabeça.

– Sim. Meu irmão está a caminho.

– Gêmeos? – perguntou Josephine. – Nós podemos ser gêmeos?

– É raro – falei. – Na verdade, nunca se tinha ouvido falar disso até então, mas, sim, podemos ser gêmeos. Aparentemente. – Sorri para Jari.

– Não é tão incomum para mim – disse ela. – Acho mais perturbador saber que há muitos de vocês que não são gêmeos. Eu não poderia me imaginar sem o meu irmão.

– Isso lhe deu alguma vantagem no EntreMundos? – perguntou Josephine. – Tipo, nos treinamentos?

– Não tivemos muita chance de descobrir – disse Jari.

– Eu nunca nem cheguei a conhecê-los – expliquei. – Eles foram levados para a nave pouco antes de eu sair. Eles vêm de um mundo em que a magia é forte.

Lembra, expliquei sobre o arco de magia e ciência... – Então parei, olhando para Jari outra vez. As mãos dela não estavam erguidas na defensiva, como eu pensara a princípio. Ela mantinha a poeira e as cinzas afastadas, envolvendo-nos em uma bolha protetora de oxigênio. Eu imaginara (estupidamente) que ela tinha algum tipo de aparelho, mas parecia que ela nem sequer saberia a diferença entre um disco antigravidade e um celular.

– Como está fazendo isso? – perguntou Josephine.

– Meu dom particular – disse ela. – Todos no meu mundo têm um. Eu posso me adaptar a qualquer ambiente, ou criar um qualquer numa pequena esfera à minha volta. É por isso que mandaram meu irmão e eu em busca de comida.

– Ele pode fazer a mesma coisa? – perguntei.

– Ele pode mudar sua forma – explicou ela, e virou para olhar para o céu. Ou, para onde eu presumia que o céu estava; não havia nada além de nossa pequena esfera, fora um miasma de detritos. – Vocês não acham que o fato de aparecer um predador maior durante sua luta com o pássaro monstro foi coincidência, não é?

Ela sorriu, levantando abruptamente um braço para o céu... e um enorme búteo de cauda vermelha deslizou para fora da nuvem de cinzas e pousou em seu braço coberto de couro. Ele se ajeitou, mexendo as asas, e inclinou a cabeça para nós.

– Este é o meu irmão, Jarl – disse ela, e o falcão piou baixo. – Ele não costuma ter tantas penas – acrescentou com um sorriso.

– Prazer em conhecê-lo – disse Josephine, e eu poderia dizer pelo seu tom que ela mais uma vez concluía que aquilo tudo era absurdo e simplesmente seguiria em frente.

– Digo o mesmo – falei, olhando nos olhos da ave. Verdes e brilhantes, como os de Jari.

– Jarl – disse Jari, chamando a atenção do pássaro.

Eles pareceram trocar ideias por um instante, só olhando um para o outro, embora a ave mostrasse pouca ou nenhuma reação e nenhum dos dois voltasse a falar.

Finalmente, ela balançou o braço e o falcão abriu as asas, lançando-se no ar. Então desapareceu no miasma.

– Você e seu irmão são... – comecei.

– Telepatas? – interrompeu ela, então sorriu. – De certa forma. O que temos é conhecido como telepatia cinestésica. Quando encontrou vocês mais cedo, ele me enviou uma imagem do que estava vendo. Quando alcancei vocês, enviei-lhe uma sensação de triunfo, para que ele se juntasse a nós.

– E você sabia que eu estava prestes a perguntar, porque senti que sou curioso?

– Não. – Ela abriu mais o sorriso. – Já nos perguntaram isso várias vezes desde que conhecemos todos vocês. Imaginei que você também perguntaria. Posso usar a telepatia com o meu irmão, mas somente com ele.

– É justo – falei, embora algo que ela dissera estivesse me perturbando. – Vocês estavam procurando por nós, especificamente?

– Sim. Jobb nos mandou para encontrá-los.

Soltei o ar aliviado. Jobb também era um nome que eu reconhecia. Ele era um oficial sênior no EntreMundos, e alguém que eu tinha como amigo. Até onde sabia, ele estava no EntreMundos quando a nave da BRUX o encontrara. Ele devia estar preso no campo de dobra como todo mundo. Se não estava, e os gêmeos estavam com ele... talvez houvesse mais de nós ali do que eu pensava.

Talvez tivéssemos mais chance do que eu notara.

– Como ele sabia que estávamos aqui? Ele nos sentiu Andar?

– Você terá que perguntar a ele – disse ela, e fez um gesto para que a seguissemos.

– Quem é Jobb? – perguntou Josephine enquanto atravessávamos as densas nuvens vermelhas, seguros em nossa bolha de oxigênio.

– Outro de nós. Um oficial sênior no EntreMundos, de uma Terra bem próxima à nossa. Ele é muito parecido comigo, eu acho. Mais velho, talvez. – Jobb era, de fato, muito parecido comigo, mas, para ser sincero, ele se parecia ainda mais com Jay. Ele tinha uma espécie de aura de irmão mais velho e costumava cuidar de todos os novos recrutas; provavelmente tinha sido por essa razão que ele acabara naquele mundo com os gêmeos. – Ele é um cara legal – falei. Ele tinha sido uma das poucas

peessoas a começar a falar comigo depois que cheguei ao EntreMundos.

Conversávamos sobre nossas famílias, uma vez que em seu mundo seu irmão mais novo era uma menina, e não um menino, e o apelido dela era Rata em vez de Lula.

Havia sempre pequenas semelhanças como essa entre todos nós.

– É sim – concordou Jari, encontrando seu caminho pela área. Havia algumas pedras ali, às vezes, e coisas pequenas, escuras e retorcidas, que um dia podiam ter sido árvores. A única vez em que pude vê-las foi quando a esfera de ar limpo passou por eles, permitindo-nos um vislumbre de coisas aqui e ali, enquanto caminhávamos; fora isso, eram apenas formas indistintas distorcidas pela fumaça. – Ele e quatro outros foram nos buscar, meu irmão e eu, em nosso mundo. Havia outras coisas também, coisas perigosas da qual fugíamos.

– Sei como é isso – disse Josephine, lançando-me um olhar sombrio.

– Eu também – lembrei-a, e Jari continuou a falar enquanto caminhávamos.

Eu andava com cuidado; mesmo que não tivéssemos ido longe, eu já sentia uma tensão em minhas panturrilhas. E em meu ombro, depois de toda essa atividade. Enquanto seguíamos em frente, peguei um rolo de atadura da minha mochila e improvisei uma tipoia para aliviar um pouco do peso.

– Sim, Job disse que eles tinham ido nos capturar quando percebemos pela primeira vez nosso poder de Andar – continuou Jari. – Jarl e eu não achávamos que teríamos quaisquer outras habilidades além de nossos dons, mas... – Ela parou, lembrando.

– Mas então vocês descobriram como Andar – adivinhei.

– Sim. Foi incrível... no início. Mas então os caras maus vieram atrás de nós, e fugimos. Conseguimos voltar ao nosso mundo, mas eles nos perseguiram. Foi quando Job e os outros vieram. Eles eram todos muito corajosos e se feriram nos ajudando... mas Job fez questão de falar com a gente depois que voltamos para a cúpula, para ter certeza de que estávamos bem. Depois, o Capitão nos mandou para fora de lá...

– O Ancião fez isso? – interrompi. – Por quê?

– Ancião – repetiu ela, parecendo achar graça. – Job disse que algumas pessoas o chamam assim.

– A maioria de nós, na verdade. Por que ele mandou vocês saírem de lá? E quando?

– Eu não sei por quê – disse ela, parecendo um pouco irritada com as interrupções. – Você terá que perguntar a Job.

– Aonde estamos indo? – perguntou Josephine. – Existe alguma parte deste mundo que não esteja completamente arruinada, ou todo mundo prende a respiração o tempo todo? Ou vocês têm outra nave?

– Não temos uma nave – disse ela –, mas a poeira só vem até aqui.

Foi nesse momento que percebi que a tensão em minhas pernas não se devia ao fato de termos andado muito, mas porque estávamos subindo. Ignorei o pulo repentino do meu coração. A ideia de ir a qualquer lugar perto de outra montanha era, no mínimo, assustadora...

Ouvi um falcão gritar acima de mim e olhei para o alto. Por força do hábito, na verdade; eu não esperava ver nada. Para minha surpresa, porém, eu vi. Pouco visíveis, e tão fracos que pensei ter imaginado, lá estavam o suave brilho do sol e a sombra de um pássaro passando sobre nós. O miasma estava diminuindo.

– É um pouco mais longe – disse Jari.

– Então você e seu irmão podem enviar emoções um para o outro?

– Sim, e muitas vezes sabemos a localização do outro.

– Você já fez isso por acaso? – perguntou Josephine.

– Quando éramos mais jovens, sim. Não tanto agora. Se estamos sentindo dor ou com medo, muitas vezes pensamos no outro primeiro, e então essas emoções podem ser enviadas por engano. Jari uma vez quebrou o braço brincando perto do salgueiro-raposa nos últimos dias de verão, e eu soube na mesma hora. – Havia algo em sua voz quando ela mencionou o incidente; a maneira casual como falava de coisas sobre as quais eu nunca tinha ouvido falar me fazia lembrar dos meus próprios verões, viajando para a praia com minha família ou quando minha irmã e eu comíamos picolés à sombra da árvore gigante do nosso jardim da frente. Passava uma sensação de ternura familiar e um profundo sentimento de perda; o que quer que fosse um salgueiro-raposa, Jari provavelmente nunca mais veria um. E eu também provavelmente nunca mais veria aquele gigante carvalho de novo.

Ela olhou para mim, e abri um sorriso. Josephine estava em silêncio enquanto caminhava atrás de mim. Nós dois entendíamos.

– Por aqui – disse Jari antes que eu pudesse falar mais alguma coisa, desviando para a direita.

O ar agora já estava limpo o suficiente para vermos o caminho fora da nossa bolha, e estávamos definitivamente nas montanhas. A inclinação ficava mais acentuada, e o ar, gradualmente mais rarefeito.

– Não vamos ficar sem oxigênio ou coisa assim, vamos? – perguntou Josephine.

– Duvido que a montanha vá tão alto – falei, e ela estendeu o punho para socar meu braço. O braço bom, felizmente.

– Sei *disso*. Estava falando da bolha em que estamos.

– Ah – falei, olhando em volta. Isso podia ser mesmo uma preocupação legítima.

– Não estamos em uma bolha – explicou Jari. – Estou purificando o ar à nossa volta em um pequeno raio enquanto caminhamos. Vocês poderiam facilmente sair do meu alcance, se quisessem.

– E você pode fazer isso em qualquer lugar? Mesmo embaixo d'água?

– Sim. – Ela parecia orgulhosa. – Embaixo d’água, embaixo da terra, em qualquer lugar. É especificamente a habilidade de criar o ambiente de que preciso para sobreviver, independentemente do que esteja ao meu redor.

– E você disse que pode se adaptar, também? – perguntou Josephine.

– Sim. Posso criar a bolha para aqueles com quem estou ou posso me permitir respirar onde quer que eu esteja.

– Você pode desenvolver guelras ou algo assim? Tipo, você muda de forma?

– Não, esse é o dom do meu irmão. Ele pode se tornar um habitante das águas; eu só posso morar na água do jeito que sou. – Ela soou irritada de novo. Eu começava a achar que ela pensava que a habilidade de mudar de forma de seu irmão era melhor do que a dela.

– Isso é show – disse Josephine, e então tivemos de explicar o coloquialismo para Jari. Quando terminamos, o ar já tinha limpado o suficiente para Jari deixar de lado sua não bolha, e entramos em uma base improvisada.

Meus joelhos ficaram fracos de alívio. Havia pelo menos meia dúzia de acampamentos temporários, que poderiam abrigar quatro pessoas de maneira confortável. Havia o dobro de Andarilhos cuidando de várias tarefas, e reconheci a maioria deles – e uma em particular, uma garota fácil de reconhecer por suas belas asas brancas.

– Jo! – gritei, surpreendendo-me enquanto me lançava em sua direção. Fiquei ainda mais surpreso quando ela também se adiantou, me abraçando.

Embora Jo fosse uma das primeiras pessoas com quem eu interagi no EntreMundos, nosso relacionamento sempre fora frio na melhor das hipóteses. Ainda assim, ela era uma colega de equipe e (até onde me dizia respeito) uma amiga, e a primeira que eu via em quatro ou cinco dias.

Eu a abracei com força, ainda que tomando cuidado com suas asas e ela, com meu ombro. Então se afastou quase imediatamente, parecendo envergonhada por seu comportamento efusivo incomum.

– Joey – disse ela, a voz carregada de alívio. – Você está... – Ela parou antes de dizer a palavra *bem*. Eu obviamente não estava assim tão bem, dada a tipoia, a tala no punho e as diversas ataduras.

– Vivo – completei. – Você também. Estou feliz – falei sinceramente, e trocamos sorrisos melancólicos. Era meio assim agora; “vivo” era o melhor que poderíamos esperar.

– Também estou feliz em vê-lo relativamente bem, embora não ileso – disse outra voz, uma que eu teria reconhecido no mesmo instante, mesmo que não fosse pelo excesso de formalidade em seu tom.

– Ei, Jai! – Ah, mas que diabos... eu o abracei também, algo que ele aceitou um pouco surpreso. – Você está bem? Não o vejo desde... – Então parei sem saber

como chamar o que houvera. Eu não poderia dizer *o acidente*, porque não tinha sido um.

– Fui afortunado o bastante em permanecer praticamente incólume – disse ele – e tentei garantir o mesmo destino para nossos camaradas. Com pouco sucesso – acrescentou baixinho, seu rosto pardo se enchendo de tristeza. Apertei seu ombro.

– Teria sido muito pior sem você – falei.

Um pequeno grupo se reunia em torno de nós, um grupo de pessoas que eu reconhecia. Todos eles se revezavam acenando para mim ou me cumprimentando, dizendo que estavam felizes em me ver ou aliviados por eu estar vivo e ali. Lá estava o restante da minha equipe, fora J/O: Josef, com o dobro da minha altura e fortes músculos, e Jakon, minha elegante prima peluda com aspecto de lobo, e outros que não eram da minha equipe, mas sentiram minha falta de qualquer maneira. J'r'ohoho, o centauro de um mundo primitivo que, apesar disso, se destacava nas aulas de ciência, e Jaya, a garota de cabelo vermelho-dourado e voz doce.

Estavam todos ali, felizes em me ver. Foi meio que uma festa de volta ao lar, do tipo que eu ainda não tivera no EntreMundos. Ninguém ali já tinha ficado feliz em me ver antes, me dera abraços ou dissera que sentia minha falta. Era legal, não só por mim, mas porque Josephine observava com uma compreensão silenciosa. Eu estava feliz que ela pudesse ver a camaradagem que sentíamos um pelo outro em primeira mão.

– Como chegaram aqui? – perguntei, finalmente, erguendo a voz para ser ouvido acima do burburinho das conversas.

– Isso é algo que você e eu precisamos conversar – disse uma nova voz, firme, mas não rude, e algumas pessoas se afastaram para Joeb passar.

– Ei – falei, cumprimentando-o, outra onda de alívio tomando conta de mim.

Não era só que eu estava contente em vê-lo. Ele e Jai eram oficiais seniores, o que significava que eu não seria o único a ter de tomar decisões agora. Eu já não precisava mais fazer isso sozinho.

– Venha se sentar – disse ele, apontando para algumas camas portáteis dispostas em torno de um aquecedor. Estava mais quente agora que podíamos de fato sentir o calor do sol, mas eu imaginava que devia esfriar bem ali em cima.

Joeb e eu nos sentamos em uma cama. Todos os outros nos seguiram, sentando-se também em camas ou no chão, apoiando-se uns nos outros e procurando ficar confortáveis. Aparentemente, era a hora da história.

– O Ancião me chamou em seu escritório seis dias atrás – começou Joeb, os olhos castanhos bem sérios. – Ele disse que houvera uma violação da segurança, um vazamento de informações que tinha acabado de descobrir.

– Foi Joaquim – falei. As pessoas em volta começaram a murmurar.

– Não pode ter sido – disse alguém.

– Nós saberíamos – insistiu outro, e algumas outras vozes se ergueram, concordando.

– *Foi* Joaquim – disse Joeb claramente, aumentando a voz mais uma vez sobre as conversas em volta. Ele deixou que todos pensassem naquilo por um momento, observando os rostos daqueles reunidos. – O Capitão Harker confirmou isso antes de partirmos.

Olhei para eles também, vendo a mesma descrença que eu sentira, o mesmo sentimento de traição que me angustiava havia dias.

– Ele está morto – falei, e Joeb olhou para mim. – Ele era uma criação dos Binários... e da BRUX – falei, e todos em volta começaram a murmurar outra vez. – Eles estão trabalhando juntos agora. Utilizaram uma combinação de ciência e magia para criar o que chamam de NoiteGélida e usaram Joaquim e eu para energizá-la. Acacia me ajudou a escapar, mas Joaquim...

– Foi morto? – perguntou Jo, quando hesitei.

– Teve toda sua energia consumida – respondi, incapaz de olhar para ela. Eu não conseguia olhar para ninguém. Ficava me lembrando do rosto de Joaquim, ainda contorcido em uma máscara de medo e raiva, nenhuma emoção, vigor ou vida restante em seus olhos. – Ele era alimentado por magia. E por nós, a partir das essências roubadas quando somos apanhados pela BRUX. – Então olhei para ela e para todos eles, meu olhar correndo pelos rostos daqueles camaradas que eram meus pares. Todos pareciam tão enojados quanto eu.

– NoiteGélida – disse Joeb, após um momento de silêncio. – O que é isso? Respirei fundo.

– Basicamente? Um supercontínuo autoperpetuante que reorganiza todo o tempo e espaço em seu caminho.

Um breve silêncio se seguiu à minha declaração. Aqueles que tinham tido algum tipo de aula básica no EntreMundos Principal pareciam devidamente preocupados. Outros, como Jari e Josephine, pareciam não ter a menor ideia do que eu dissera.

– OK – disse Joeb, que era um dos que pareciam preocupados. – Qual é o seu caminho, exatamente?

– Todo lugar. É autoconsciente; e pode alcançar qualquer dimensão.

– Mas tem de se dispersar uma hora – arriscou alguém na multidão. – Não é?

– Não *sei* – disparei, em seguida levei a mão à testa. Eu não pretendia ser tão direto, só estava frustrado. Não sabia tanto sobre aquilo quanto precisava. Eu a vira ser criada, mas ainda não sabia quase nada. – Era alimentada por *nós*, por mim e Joaquim e todas as almas com que o infundiram. Pegaram todos... eles, ele, mas eu escapei.

– Como? – perguntou alguém, e eu não tinha certeza de que notava alguma desconfiança.

– Acacia – falei, e Jobb levantou a mão.

– Espere – disse ele, olhando para mim solidariamente. – Vou lhe contar nosso lado da história, e então você pode preencher as lacunas para nós.

Assenti, agradecido, e ele continuou:

– O Ancião me chamou em seu escritório dois dias depois de resgatarmos os gêmeos. – E acenou com a cabeça para Jari e o falcão. – Ele disse que havia um vazamento de informações no EntreMundos e que todos estavam em perigo. Então instruiu a mim e vários outros oficiais a levar pequenos grupos para treinar fora da Base e não retornar até termos notícias dele. Ele também me deu um RDA – então tirei um rastreador dimensional avançado, um pequeno dispositivo circular, do bolso – e me disse para ficar de olho em você.

– Em mim? – Peguei o rastreador que ele me entregou, olhando para a tela. Tinha exatamente um pequeno ponto vermelho no centro. Eu. – Caramba – murmurei, olhando fixamente para o ponto. Lembrava-me de estar sentado na enfermaria completamente branca, mal sentindo a injeção em meu braço, ainda entorpecido por causa dos meus ferimentos e do funeral de Jerzy no dia anterior. – Ele me injetou um rastreador no mesmo dia em que o mandou para fora da Base. Horas antes, eu aposto. Ele disse que era para minha segurança, mas agora não tenho tanta certeza. – Afinal, aquela não era a primeira vez que o rastreador viera a calhar. O Ancião tinha de saber que seria útil, mas como?

Acacia, percebi, apertando o RDA. Ela era uma Agente do Tempo. Ela devia saber que isso iria acontecer, devia ter avisado o Ancião.

Fiz o melhor que pude para controlar uma onda de raiva, entreguei o RDA de volta a Jobb e tentei me concentrar no que ele estava dizendo. Por que ela não podia tê-lo avisado sobre todas as outras coisas horríveis que aconteceram na última semana? A morte de Jerzy? Os Binários e a BRUX trabalhando juntos? O Professor sacrificar seu “filho” para criar um sólton autoconsciente que vai apagar tudo no Multiverso, pelo amor de Deus! Ela não achou nada disso tão importante quanto me injetarem um rastreador?

– Joey? – A voz de Jobb me trouxe de volta dos meus pensamentos, e percebi que estava completamente perdido na conversa.

– Desculpe. O quê?

– Perguntei se você sabia por que o Capitão Harker ainda não entrou em contato conosco. Quero dizer, eu achava que estava à sua espera, mas imagino que você não tenha nos trazido ordens de voltar para a base.

Balancei a cabeça.

– Não. Eles... O EntreMundos está comprometido – contei, odiando as palavras à medida que saíam dos meus lábios. Ouvi todos prenderem a respiração à minha volta. – Está sendo perseguido por uma nave da BRUX. Eles estão fugindo, não sei

para onde nem por quanto tempo. Acho que estão presos em uma dobra temporal perpétua, pelo menos por enquanto.

– Eu tinha medo disso – disse Joeb. Ao meu olhar, ele deu de ombros. – A fórmula do EntreMundos... parece um elo quebrado agora. Como se não pudesse me levar a nenhum lugar se eu tentasse usá-la. – Ele suspirou, levantando a mão para esfregar a nuca, enquanto virava a cabeça de um lado para o outro para alongar os músculos tensos em razão da preocupação e do estresse. Eu conhecia bem aquela sensação. – Então esse é o meu lado da história. Estamos nesta montanha há quase uma semana agora, praticando alguns treinamentos rudimentares, enquanto esperávamos notícias do Ancião ou ver seu pequeno ponto aparecer no RDA.

– E quanto aos outros oficiais e suas equipes? Sabe onde eles estão?

– Nem sei se algum deles conseguiu sair da Base – admitiu. – Reuni meus recrutas rapidamente... minhas equipes e aqueles que consegui da sua. – Ele acenou para onde Jo, Jakon, Josef e Jai estavam sentados ali perto, ouvindo.

– A maioria dos meus colegas ficou ferido no deslizamento – murmurei, mais ou menos para mim mesmo. Por que o Ancião o fez tirar os Andarilhos feridos da Base?

Joeb sorriu para mim. Pisquei ao ver sua expressão. Por motivos óbvios, seu sorriso parecia meio sem propósito.

– Eles não aceitariam um não como resposta quando descobriram que estávamos saindo da Base – explicou. Jakon mostrou os dentes para mim, com seu sorriso feroz característico, e Josef me levantou o polegar.

Baixei a cabeça, dando uma risada discreta. Essa era a minha equipe.

– Está bem – falei, as palavras saindo como um suspiro. – Prontos para ouvir meu lado da história?

Não levei muito tempo para contar a Joeb e aos outros tudo o que tinha acontecido comigo. Eu contara aquilo tantas vezes, para o sr. Dimas e para Josephine, que fiz isso mecanicamente no momento, deixando meu cérebro se afastar do que eu estava dizendo para pensar em outras coisas. Como por exemplo, como levar todos eles de volta para o EntreMundos Beta.

Eu não esperava me deparar com tantos Andarilhos de uma só vez. Sinceramente, eu estava preocupado com o fato de que ter tantos deles ali pudesse chamar a atenção indesejada de nossos inimigos, principalmente se tentássemos Andar. Andar, quando não se era cauteloso o bastante, tendia a alertar os agentes de captura da BRUX e dos Binários. Nem sempre, mas eles tinham sensores específicos para isso. Era assim que nos encontravam quando descobríamos nosso poder, antes mesmo que soubéssemos o que estava acontecendo...

Será que Tom conseguiria levar todos nós ao mesmo tempo? Ou, se ele me

cobrisse, eu seria capaz de Andar com todos nós através do tempo? Embora muitos de nós Andando ao mesmo tempo com certeza dispararia sensores em algum lugar.

Mas, supondo que a NoiteGélida havia sido iniciada, será que eles se importariam com o que estávamos fazendo? *Você não poderá Andar para longe o bastante*, dissera Lorde Dogknife, tripudiando de mim. Ele me deixara vivo no meu planeta natal, então obviamente não estava muito preocupado com o que eu faria ou deixaria de fazer. Será que estariam prestando atenção para notar se muitos de nós Andássemos ao mesmo tempo?

Droga. Havia muita coisa que eu não sabia.

– Então, quando Acacia me enviou para o futuro para me manter seguro – continuei –, ela me mandou para uma versão futura do EntreMundos. Consegui voltar, graças ao rastreador que o Ancião injetara em mim e ao Tom. Tom pode agir como um traje de combate e se moldar a mim. Quando ele faz isso, posso Andar para qualquer linha do tempo. É como... como se eu também me tornasse multidimensional.

– É seguro? – perguntou alguém.

– Sim. – Surpreendentemente, foi Josephine quem respondeu. – Não me entendam mal, ainda não tenho certeza de que confio naquele pequeno balão, mas Andamos através do tempo facilmente. E encontramos vocês.

Assenti.

– Então, nós temos uma nave. É só uma questão de chegar até ela e ligá-la quando estivermos lá. Assim que colocarmos os motores de dobra para funcionar, podemos levar a nave para nossa própria linha de tempo.

– E então? – perguntou Joeb, me observando com cuidado.

Eu tomei fôlego.

– Então nos dividimos em dois grupos. Um grupo será responsável por buscar novos Andarilhos, e o outro irá treinar. Muito.

– OK – disse Joeb, levantando a mão. – Entendo por que vamos buscar novos Andarilhos. É o que sempre fizemos, e isso garante que a BRUX e os Binários não os encontrem primeiro. Mas para que, especificamente, vamos treinar?

– Para deter a NoiteGélida.

Seguiu-se, então, um instante de silêncio e depois Joeb perguntou:

– Como?

– Não sei. Mas, se conseguirmos colocar o EntreMundos Beta para funcionar, podemos usar a biblioteca para pesquisar possíveis soluções. – Houve mais um instante de silêncio, e suspirei. – Sei que não é bem um plano. Se algum de vocês tiver uma ideia melhor, acreditem, sou todo ouvidos.

– Quanto tempo temos? – perguntou Joeb, depois que o silêncio se estendeu um pouco mais.

– Não sei. Faz alguns dias que fui deixado em meu mundo. Precisamos agir agora. Já pode ser tarde demais, mas ou fazemos tudo o que pudermos, ou simplesmente desistimos.

– Ninguém está sugerindo não fazermos nada – falou Jo, um pouco rispidamente. Respirei fundo. Estava começando a me sentir frustrado, e o tom de Jo era um aviso, um lembrete de que ficar chateado não iria resolver nada.

– Eu sei – falei, olhando brevemente para ela em agradecimento. – E sei que todos vocês estão dispostos a fazer o que for necessário.

– Uma coisa de cada vez – disse Joeb. – A primeira coisa que temos que descobrir é como voltar ao EntreMundos de Joey.

– EntreMundos Beta – corriji baixinho. Eu não ficava confortável em ouvir se referirem a ele como meu.

– Quantos de nós você acha que seu fovimal poderia levar de uma só vez?

– Não sei. Ele me levou sem nenhum problema e conseguiu levar Josephine e eu também, mas não sei se poderia levar todos nós. Não sei o que aconteceria se tentássemos e algo desse errado.

– É melhor prevenir do que remediar – disse Joeb.

– Não estamos seguros de nenhum jeito – ressaltou Jo – com tantos de nós aqui. Se o que Joey falou sobre Joaquim e a maneira como o alimentavam estiver certo, eles podem conseguir fazer isso de novo. Podem ser capazes de nos sentir, da maneira como sentimos um ao outro. E podem vir aqui.

– E se dariam ao trabalho? – perguntou Joeb, ecoando meus pensamentos anteriores.

– Não sei – falei outra vez. Parecia a milionésima vez que eu dizia aquelas palavras nos últimos minutos, e era irritante. Eu não estava ajudando ninguém. – Lorde Dogknife parecia bastante confiante de que não haveria nada que eu pudesse fazer para detê-los. Agora se eles estarão nos observando de qualquer maneira, eu... – Parei, sem querer voltar a dizer aquelas duas palavras. – Não posso dizer – falei em vez disso. Foi um pouco melhor.

– É melhor prevenir do que remediar – repetiu Joeb. – Vamos supor que possam e decidam mesmo nos sentir, quer a gente fique em grupo ou Ande. Isso significa que precisamos levar o maior número de Andarilhos que pudermos para o EntreMundos Beta. Eles não serão capazes de nos seguir até lá, certo?

– Certo – respondi, esperando desesperadamente que *estivesse* certo. Eu precisava estar. Eles não tinham nenhuma maneira de viajar através do tempo, não como eu podia se estivesse com Tom. – Eles não podem Andar através do tempo.

– Ninguém pode, exceto o seu fovimal. Felizmente. – Joeb sorriu para mim.

E Acacia, pensei a contragosto, e consegui sorrir de volta. Eu me perguntava se o que Acacia fazia tecnicamente era Andar, ou algo completamente diferente. Não

tínhamos tido muito tempo para discutir a mecânica disso.

– Então, já que não sabemos o que aconteceria se algo saísse errado ao tentarmos Andar através do tempo, deveríamos ir em pequenos grupos – afirmou Joeb. – Mas já que devemos supor que eles serão capazes de nos sentir Andar e poderão mandar batedores, deveríamos levar o maior número de Andarilhos possível ao mesmo tempo. Alguma ideia?

– Acho que o melhor a fazer é irmos em duas equipes – arrisquei. – Vamos dividir o grupo ao meio e seguir assim. Todos concordam?

Olhei em volta. A maioria dos Andarilhos parecia incerta, mas alguns acenavam a cabeça. Parecia mesmo a melhor opção.

– OK – continuei. – Quero que Josephine leve os dois grupos. Ela é a Andarilha mais discreta que já conheci. Quando leva alguém, essa pessoa com certeza chega sem ser detectada. Vamos mandar alguns dos feridos primeiro...

– O que deveria incluir você – observou Joeb.

Balancei a cabeça.

– De jeito nenhum.

– Você está muito abatido – ressaltou Jo.

– Eu não vou primeiro – falei. – Vou garantir que todos vocês cheguem lá em segurança, e ponto final.

– Você é o único que soube em primeira mão sobre tudo o que está acontecendo – insistiu Jo. – Se o perdermos, vamos ficar tropeçando no escuro.

– Já estamos assim de qualquer maneira. Vocês sabem tanto quanto eu agora. Jo – continuei, quando ela começou a argumentar de novo –, quero você no comando do primeiro grupo.

Como eu esperava, isso a surpreendeu o suficiente para frustrar seu próximo protesto. Então, ela falou:

– Eu? Joeb é...

– Vou ficar com o segundo grupo – disse Joeb.

Jo franziu a testa.

– Mas Jai também é um oficial sênior.

– E ele precisa de um tradutor – falei, e ouvi umas risadinhas. Jai sorriu serenamente, sem se importar com a piada às suas custas.

– Todo e qualquer ferido, fora eu – esclareci, quando Jo me fuzilou com o olhar –, vai com o primeiro grupo. Isso inclui Jakon, Josef, Jai, Jo e Josephine. Jo é a líder da equipe. Depois Josephine volta aqui e leva o segundo grupo. De acordo?

– Estou praticamente ileso – finalmente ressaltou Jai.

– Mas você também é um oficial sênior, e quero você lá para ajudar Jo caso algo dê errado – falei.

– Muito sensato – concordou ele. – Vamos nos segmentar em agrupamentos

proporcionais?

Olhei para Jo.

– Sim, vamos nos dividir em dois grupos iguais – disse ela, notando meu olhar, e quase sorrindo.

Sentei-me com Jo, Jai, Josephine e Job para decidir como deveríamos nos dividir, enquanto todos os outros levantavam acampamento. Nenhuma dessas duas tarefas demorou muito, já que cinco de nós já estavam em um grupo, e não havia muito o que desmontar.

Havia cerca de quinze de nós em cada grupo (especificamente, catorze no meu e quinze no outro – sempre fazíamos questão de uma contagem exata para qualquer missão). Ficamos bem afastados uns dos outros, caso alguma coisa desse errado. Josephine parecia estoica e determinada, embora eu tivesse certeza de que ela devia estar nervosa. Sorri para ela quando demos um passo à frente.

– OK, Tom – falei, e o pequeno fovimal flutuou de onde estava no capuz do meu agasalho.

Aquilo era estranho; embora eu raramente o visse encolher ou se esticar, ele sempre parecia se encaixar onde quer que precisasse. Ele agora estava maior do que o capuz em que andara descansando, mais ou menos do tamanho do balão que costumava ser. Eu nem o notara ali, então ele devia mesmo ter se encolhido. Acho que era uma das vantagens de ser multidimensional.

– Venha aqui, Tom – chamou Josephine. Ele flutuou até lá, pousando em sua mão estendida.

Eu estava preocupado com o fato de que ele pudesse não cooperar com ela, ou então que se ligasse a ela por tempo suficiente para levá-la de volta ao EntreMundos Beta e depois sumisse. Esperava que, caso isso acontecesse, ele voltasse para mim. A última coisa de que precisávamos era ficarmos presos ali até Tom decidir voltar. Mas o carinha ainda não tinha me decepcionado. Ele às vezes sumia por semanas, mas sempre voltava.

– Faça o que você fez com a gente antes – pedi, quando Tom se empoleirou na mão de Josephine. Ele cintilou de azul para branco, então brilhou prateado por um segundo. – Sim, isso. Ajude-a a voltar para a nave. – Eu não sabia bem por que a cor prateada me fazia lembrar da forma como ele fluía sobre mim, mas fazia... Depois de um instante, porém, eu entendi. O traje de combate que eu usara uma vez fluía sobre mim da mesma maneira. Tom tinha um modo muito específico de se comunicar comigo, que parecia se basear principalmente na minha memória visual. Eu sempre me perguntava a respeito disso.

Tom subiu e desceu algumas vezes, parecendo saltar na mão de Josephine. Então se moveu para o lado, só que parte dele ficou nas pontas dos dedos dela. Tom

começou a se mover em volta dela assim, cobrindo-a lentamente, como fizera antes. De repente, me senti ansioso, como na primeira vez que minha mãe deixara minha irmã ir até a loja da esquina sozinha. Eu tinha certeza de que ela herdara meu terrível senso de direção e ficaria completamente perdida no caminho até lá.

– Lembre-se de se concentrar – falei para ela. – Você não está criando um caminho, está...

– Encontrando um que já existe – completou ela, ficando imóvel enquanto Tom se estendia até seus pés e subia pelo seu torso. – Eu sei. Já Andei várias vezes nos últimos dias, lembra?

– Está bem, está bem. Quanto ao resto de vocês – inclinei a cabeça para me dirigir aos doze Andarilhos atrás dela –, Josephine vai Andar, vocês vão segui-la. Não a percam. Não conseguirão encontrar o caminho sozinhos. Não podem ver aqueles que viajam através do tempo. – Eu me perguntava se Acacia via as coisas da mesma maneira que nós; se o fluxo temporal era como um monte de caminhos que ela poderia seguir para a frente ou para trás.

– Vocês estão prontos? – perguntou Josephine, e sua resposta foi o silêncio. Todos nós tínhamos sido suficientemente treinados para saber que, se houvesse um coro de sins, não ouviríamos a pessoa dizendo não. Ela olhou para mim e assenti, então ela segurou a mão de Jo, respirou fundo...

...e desapareceu, que era o que parecia quando alguém Andava. Eles sumiam num piscar de olhos, como se desaparecessem no ar. Pude senti-los partir, por causa da minha própria habilidade de Andar. Era como sentir uma porta se abrir e se fechar quando se está sozinho em uma sala. Você sabe que aconteceu, mesmo quando não está olhando.

– OK – falei, virando para o meu grupo.

Eu reconhecia alguns rostos; Joeb, é claro, e os gêmeos, que tinham pedido para ficar com ele. Jarl já não era um pássaro, e sua semelhança com a irmã era impressionante. A única coisa que me permitia distingui-los era a barba bem aparada no rosto dele; o cabelo era tão curto e vermelho quanto o de Jari e ele tinha os mesmos olhos verdes brilhantes.

Identifiquei mais alguns rostos, como Jirho e Jijoo, e mais um ou dois. Eram pessoas que eu costumava ver aqui e ali, mas eu não havia tido aulas ou treinado com muitas delas (fora J'r'ohoho).

– Não deve levar mais do que alguns minutos para Josephine voltar. – *Desde que tudo corra de acordo com o plano, por favor, por favor, que tudo corra de acordo com o plano pelo menos dessa vez...* – Então é melhor ficarmos prontos.

– Se ela está viajando através do tempo – disse Jirho na frente do grupo –, não deveria poder voltar imediatamente? Apenas alguns segundos depois que saiu?

– Não funciona dessa forma – respondi. Conversar com uma Agente do Tempo

tinha me dado uma compreensão básica dessas coisas, e eu esperava soar seguro o bastante para que eles não me questionassem. – Ela ainda está ancorada à sua linha do tempo. Ela pode ficar no passado pelo tempo que quiser, mas o tempo vai continuar passando. Se ela ficar por cinco minutos, vai voltar cinco minutos depois de quando saiu.

– Isso é decepcionante – disse alguém. – Qual é o sentido de viajar no tempo se você não pode voltar para corrigir alguns erros?

– Qual é o sentido de ser capaz de Andar? – rebati, e alguns pareceram pensativos. Não havia nenhum sentido, na verdade. Era só algo que podíamos fazer, e tínhamos sorte (ou azar, dependendo da sua perspectiva) de poder usar isso a nosso favor em uma guerra.

– Quando chegarmos ao EntreMundos Beta – continuei – ainda haverá muito o que fazer. Coloquei o básico para funcionar com energia solar por ora, mas ainda temos de carregar os transdutores. Quando o sólito estiver funcionando, os motores poderão nos mover para a frente e para trás outra vez. Então poderemos levar a nave de volta para a *nossa* linha do tempo e não precisaremos depender do Tom para nos levar de volta à base.

– Como vamos alimentar os transdutores? – perguntou J'r'ohoho.

Eu sempre achara divertido ouvir minha versão centauro falar sobre tecnologia; embora tivesse vindo de uma sociedade tribal que tinha praticamente acabado de inventar a roda, ele tinha aprendido logo suas lições de ciência e em geral era um dos melhores da turma.

Era típico dele fazer as perguntas difíceis.

– Vamos encontrar uma maneira quando chegarmos lá – cortou Joeb, provavelmente sentindo que minha resposta seria outra versão de *Não sei*. Fiquei, mais uma vez, imensamente grato. – Vamos nos preocupar com uma coisa de cada vez.

Eu tinha acabado de falar quando, de novo, tive a sensação de uma porta abrindo por perto, o que felizmente significava que tínhamos *menos* uma coisa com que nos preocupar. Josephine surgiu do nada a poucos passos de onde estivera antes, parecendo bastante satisfeita consigo mesma. Tom (mais uma vez parecendo menor do que deveria) estava empoleirado em seu ombro.

– Bem-vinda de volta – falei alto para ser ouvido sobre as comemorações de todos quando ela reapareceu. – Foi tudo bem?

– Tranquilo. Eu os deixei no pátio. – Ela fez uma pausa, seu orgulho por um trabalho bem-feito diminuindo. – Alguns deles ficaram muito chateados ao ver tudo daquele jeito.

Assenti, olhando para os outros. Eu tinha explicado que fora mandado para o futuro EntreMundos e o encontrara destruído, mas saber disso não era o mesmo que

ver. A Cidade Base do EntreMundos era nosso lar tanto quanto os lugares de onde todos nós tínhamos vindo, e vê-lo daquele jeito era muito difícil. Não havia esperança. Parecia que já tínhamos perdido.

– Vamos consertá-lo – falei para ela, embora estivesse falando para todo mundo. – Ficará melhor do que novo, e então voltaremos para o *nosso* EntreMundos e resgataremos o restante de nós. Será como nosso lar outra vez.

Estendi as mãos, uma para Josephine e outra para Joeb, e assenti para a primeira.

– Vamos. Por que não faz as honras?

– Ah? Imaginei que você gostaria de fazer isso, já que é tão superprotetor – disparou ela para mim, mas parecia satisfeita. – OK, Tom. Mais uma vez.

Tom (que parecia estar um ou dois tons mais pálido do que sua cor neutra de costume – isso provavelmente *estava* esgotando-o) fluiu sobre ela de novo, mal roçando meus dedos onde Josephine cuidadosamente segurava minha mão machucada. Então ela Andou, assim como Joeb, eu mesmo, os gêmeos e os outros nove conosco.

Foi diferente desta vez. Era como passar por uma porta, como sempre, mas não encontramos nada do outro lado. Nenhum caminho. A escuridão se fechou em torno de nós quando cruzamos a entrada, tão depressa que não tivemos tempo de avisar um ao outro. Senti Josephine tropeçar e cair, e eu atrás dela, lançado de cabeça em um vazio.

A mão de Joeb escorregou da minha, e a minha boca abriu e as minhas cordas vocais vibraram em um grito, mas não havia som. Não havia nada mesmo.

Agarrei firme a mão de Josephine, mas não tinha nem certeza de que ainda a podia sentir na minha. Pensei ter sentido um perfume, algo doce, como rosas. Ouvi algo também, um eco do que poderia ter sido uma risada ofegante, e depois a escuridão me engoliu por inteiro.



CAPÍTULO SEIS

Não é que eu tenha desmaiado, exatamente. Quando você desmaia (o que, como tenho certeza de que você sabe, já aconteceu comigo algumas vezes), sentimos a testa extremamente quente quando recobramos a consciência. Acordar não é nem mesmo o termo certo para isso. É como voltar a si depois de ter saído, só que você não sabe bem onde esteve.

Foi assim que me senti no início, mas eu sabia que não tinha desmaiado, de fato, porque não estava com essa dor de cabeça febril. Era mais como quando você entra em um lugar por um motivo específico, mas depois não se lembra por quê, então fica ali parado, sentindo-se perdido.

Abri os olhos para a mais completa e absoluta escuridão, e meu primeiro pensamento foi: *por que eu vim aqui?* Então me lembrei de Josephine e de tentar Andar através do tempo, e meu segundo pensamento foi: *onde estão todos?*

Eu começava a enxergar coisas no meu campo de visão que me deixaram com medo de que eu *estivesse* prestes a desmaiar, pequenas partículas brilhantes de luz que iam e vinham quando eu tentava olhar para elas. E também rodopiavam e se entrelaçavam à minha volta vertiginosamente, então parei de tentar focar nelas. Eu sentia algo estranho no ar e aquele cheiro doce que me fazia lembrar da primavera e da cor rosa.

Tinha de encontrar meus amigos. Nem sequer ligava para onde *eu* estava, desde que encontrasse Josephine e os outros.

Tentei me sentar e percebi que não tinha nada em que me apoiar. Eu flutuava, sem peso, suspenso no ar. As luzes brancas dançando à minha volta eram estrelas, ou pelo menos pareciam. Não cheguei a ter certeza, mas vê-las consolidou minha realidade. Eu sabia onde estava.

Aquilo era o Lugar-Algum.

Eu tinha estado ali antes, duas vezes. E esperara nunca mais voltar. Era meio como a Interzona, só que, enquanto a Interzona era *tudo*, o Lugar-Algum era nada. Era completamente escuro, não escuro como quando você não consegue ver nada, e sim mais como se não houvesse nada além de escuridão para se ver. Não havia nada ali, além de pequenas luzes que podiam ser estrelas distantes ou minúsculas faíscas próximas, e ainda assim você sempre se sentia como se não estivesse sozinho.

Era o domínio da BRUX.

Eu não podia mover meus braços e minhas pernas. Procurei conter minha onda de pânico e levantei a cabeça para dar uma olhada. Meus punhos e tornozelos estavam presos por uma força invisível, e percebi que algumas das pequenas luzes brancas

que eu achava que eram grandes e estavam distantes, na verdade estavam perto e eram muito pequenas. Estavam espalhadas ao redor de mim em um padrão que primeiro tomei por uma constelação desconhecida. Era simétrico e, sinceramente, bonito, formando arcos para cima e para baixo de mim. Linhas horizontais iam e voltavam sobres diagonais bem esticadas, cordões de pequenas faíscas brancas que você veria em torno de uma árvore de Natal ou como o orvalho da manhã em uma teia de aranha.

Uma teia de aranha...

Eu ainda não podia mover meus braços e pernas. A adrenalina tomou conta de mim (eu achava que era isso, mas, como percebia que estava preso em uma teia de aranha gigante, provavelmente era apenas pânico), e eu me contorci com todas as forças, mas não conseguia ver nada além dessas pequenas luzes brancas que poderiam ser estrelas.

– *Josephine!* – gritei e ouvi a minha voz ecoar de volta para mim. – *Joeb!*

– Estou aqui – disse a voz de Joeb de algum lugar à minha esquerda. Eu não conseguia vê-lo.

– Joeb! – chamou uma voz feminina, também da esquerda, embora soasse bem mais distante. – Jarl e eu estamos aqui!

– A maioria de nós está, eu acho – falou Joeb. – Vamos fazer uma contagem para ver se estamos todos aqui. Um!

– Dois! – disse a voz de outra pessoa, depois ouvimos um “três”, e então, após uma pequena pausa, “quatro”!

A coisa interessante sobre um grupo de pessoas – quaisquer pessoas, de qualquer mundo – é que elas em geral desenvolvem um senso de coesão, um fluxo, um padrão. No meu mundo, haviam sido feitos diversos estudos sobre o fluxo do tráfego de pedestres em cidades grandes e densamente povoadas, como Nova York. A maneira como as pessoas andam através da multidão e pelas calçadas, olhando para baixo, para seus celulares, é incrível, e tem algo a ver com instinto social. É aquilo que *não* está funcionando quando você dá de cara com alguém em um corredor e, em seguida, faz quase uma dancinha tentando contorná-las.

É também o mesmo instinto que permite que uma sala cheia de pessoas tenha uma conversa. Você desenvolve um sentido para notar quando é a sua vez de falar, ou quando outra pessoa o fará. Como eu disse, algumas pessoas são melhores nisso do que outras. Mas éramos todos diferentes versões da mesma pessoa, o que significava que tínhamos aproximadamente os mesmos instintos e padrões sociais.

– Cinco! – disse uma voz distante, atrás de mim, depois “seis” e “sete” em vozes que soaram iguais, provavelmente os gêmeos.

– Oito! – ressoou uma voz à minha direita, e então senti que era minha vez.

– Nove! – gritei, e os números continuaram.

Com certeza, uma ou duas vezes, duas pessoas estavam para dizer o mesmo número, mas uma delas parava e dizia logo depois. Quando não ouvimos mais nenhuma voz, estávamos no número treze. Faltava alguém.

E eu não tinha ouvido a voz de Josephine.

– Está faltando um – disse Joeb.

– É a Josephine – falei, e então alguém gritou.

Era um som de espanto, involuntário, alto e estridente. Eu sabia que era um de nós.

Vinha de trás de mim, e estendi o pescoço até o ponto de sentir dor. Não consegui ver nada além da escuridão e mais estrelas. Meu coração batia forte. Prendi a respiração, procurando em minha mente por alguma coisa, qualquer coisa para fazer ou dizer.

– Jenna! – gritou outra voz atrás de mim. – O que houve?

Havia duas garotas diferentes chamadas Jenna na base; as Greenvilles do meio do Arco como aquela de onde eu viera eram mais comuns do que as dos mundos limítrofes, portanto alguns de nós tinham o mesmo nome. Eu conhecia as duas de passagem; uma fizera aula de História da Alquimia comigo e me lembrava minha irmãzinha. A outra era uma recruta nova, tímida e doce, e acho que nunca tinha estado em uma missão antes. Acredito que me lembraria dela no meio da multidão quando nos preparávamos para sair, mas não tinha certeza agora. Minha mente estava em outro lugar.

– Jirho, consegue vê-la? – perguntou um de nós com voz estridente, e reconheci no tom o mesmo pânico que ameaçava tomar conta de mim. Eu me contorci contra a teia de luz, e com isso consegui apenas sentir mais dor ao torcer o ombro e o punho.

– Não, não consigo ver ninguém! – Essas duas pessoas pareciam estar atrás de mim. Eu não tinha ouvido nenhuma voz ainda vindo de cima ou de baixo. Era como se estivéssemos suspensos em uma linha ou várias linhas.

Jenna gritou de novo, um som longo e agudo que foi se transformando em um gemido e terminou sufocado. Pareceu... final.

– Fiquem calmos – gritou Joeb à minha esquerda, embora eu pudesse ouvir a tensão que tentava ocultar em sua voz. – Concentrem-se e tentem...

– Mas que diabos! – gritou uma voz forte e grossa. O tom grave de tenor era inconfundível. E percebi uma nota ligeiramente mais aguda em razão do medo, como o relincho de um cavalo. J'r'ohoho. – Você não vai... *aaaaaaaaahhhhhh!*

Outro grito cortou a escuridão. As pequenas estrelas brancas à minha volta se turvaram quando meus olhos se encheram de lágrimas, mas eu estava atordoado demais para chorar. Como aquilo podia estar acontecendo? *O que* estava acontecendo?

A parte da minha mente que não estava paralisada de choque conseguiu, de

alguma forma, fazer minha boca funcionar. Ignorei a voz confusa na minha cabeça que gritava: *Não chame a atenção ou você será o próximo, seu idiota, ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus*. E consegui imprimir alguma autoridade em minhas palavras.

– Apareça, covarde! Ou você só persegue os indefesos? – Arcaico e dramático, eu sei, mas as últimas palavras de J'r'ohoho ressoavam em minha mente. Seu tom sempre fora um pouco formal, e eu gostava de ouvi-lo falar de ciência daquele jeito de certa forma medieval.

E desejava desesperadamente ouvi-lo falar assim de novo.

Esperamos em meio a um silêncio horrível por uma eternidade que durou alguns segundos. Foi horrível, porque eu temia ouvir outro de nós morrer – *por favor, por favor, por favor, que eles não tenham morrido* – a qualquer momento, *qualquer momento*, e aquele misto de espera e oração me deixava doente.

– Pequeno Harker – disse uma voz.

Era uma voz de mulher, doce, melosa e revoltante. Meus ombros baixaram de alívio, e soltei a respiração que eu não sabia que estava prendendo. Eu tinha conseguido sua atenção, o que quer que “aquilo” fosse. Isso significava que, pelo menos por um instante, aquela coisa não feriria ninguém.

– Doce e pequeno Harker – disse a voz de novo, e algo roçou muito de leve minha bochecha. Podia sentir uma vibração de magia no ar. – Eu esperei por tanto tempo.

Fiquei atento, mas a voz se calou. A sensação de magia diminuiu.

Mais alguém gritou, à minha esquerda.

– *Esperando o quê?* – gritei também, antes mesmo que o outro som terminasse. As palavras rasgaram minha garganta. – *O que você estava esperando?* – Eu tinha de continuar falando. Tinha de prender a atenção dela.

– Para lhe agradecer, borboletinha – sussurrou ela. Pelo menos, soava como um sussurro, mas era alto e ecoava em meio ao silêncio. Eu ouvia alguém chorando à minha direita, soluços suaves que deixaram meus nervos à flor da pele.

– Pelo *quê?* – A pergunta saiu como um rosnado. Isso pode ter feito com que eu soasse feroz; na verdade, era só eu tentando fazer as palavras saírem de uma garganta apertada pelas lágrimas que ameaçavam cair.

– Por me mostrar meu casulo, labareda – disse ela. A princípio, fiquei confuso, mas depois percebi que o modo como ela falou aquela última palavra soava como algo de que ela estava me chamando, como um apelido. – E por trazer todas essas pequenas velas para me alimentar.

– Quem é você? – perguntei, embora já tivesse um palpite torturante. Era só que eu estava com medo de perder sua atenção. Tinha que mantê-la falando.

– Mãe Mariposa – disse ela, e algumas daquelas coisas à minha frente que podiam ser estrelas começaram a desvanecer. Mas só algumas delas, porém, e eu

estreitei os olhos... e percebi que não era que estivessem desvanecendo, mas sim que algo se materializava na frente delas. – Embora não seja por esse nome que você me conheça.

– Lady Indigo – sussurrei, quando ela apareceu por inteiro diante de mim.

Eu estava preparado para algo aterrorizante. Estava preso em algo que parecia uma teia de aranha, e os sons terríveis que ouvira tinham evocado imagens em minha mente de monstros sem comparação, tudo desde demônios gigantes até Lorde Dogknife em pessoa.

Mas não estava preparado para isso.

Quando eu conhecera Lady Indigo, antes de chegar ao EntreMundos, ela era humana. Bonita, na verdade, com longos cabelos escuros e olhos verde-esmeralda. Os olhos ainda eram iguais, absolutamente proeminentes na maceração de seu rosto. Sua pele, no entanto, não era da cor de nenhuma pele humana normal, nem rosada nem bronzeada ou negra. Era vermelha, carmim, especificamente, e translúcida. Eu podia ver seu esqueleto por baixo, embora isso fosse tudo. Não havia nenhum músculo, nenhum órgão.

Dava para ver outros ossos também, que não existiam no corpo de um ser humano. Os mais proeminentes eram aqueles que arqueavam para cima saindo das costas, como... bem, pareciam um pouco com asas e um pouco com pernas de aranha. Havia oito ao todo, quatro de cada lado. Eram enormes, e esticado entre eles havia um tecido que parecia ser peles de uma dúzia de criaturas diferentes fundidas juntas. Reconheci algumas das minhas aulas de Zoologia e Paleozoologia no EntreMundos. Algumas dessas criaturas provavelmente nunca tinham sido catalogadas porque ninguém que as vira provavelmente tinha vivido o suficiente para lhes dar qualquer outro nome que não fosse *ah, meu Deus, isso vai me comer*.

O resultado era uma espécie de mariposa raivosa que também era uma aranha e uma pessoa, só que muito mais assustador do que isso. Principalmente quando combinado com o olhar que ela me lançava. Era um tipo doentio de atração, como se eu fosse a chama, e ela, a mariposa; eu, a presa e ela, a aranha, um companheiro para o seu lado humano, tudo de uma vez. Como se ela quisesse se aninhar na minha pele.

Eu tremia enquanto ela se aproximava, o cheiro de morte e rosas me oprimindo.

– Você... o que aconteceu com você?

A última vez que eu vira Lady Indigo tinha sido dois anos antes, quando minha equipe e eu estávamos fugindo do navio *Maléfico*, da BRUX. Eu carregava um saquinho com algum tipo de pó que pegara na sala de processamento, aquele lugar horrível onde os Andarilhos eram lançados ainda vivos em um caldeirão e eram fervidos e reduzidos à sua essência. Eu pegara aquilo em desespero, jogara nela, e ela fora envolta em uma névoa vermelha. Até então eu nunca descobrira o que tinha

acontecido com ela.

E desejei que ainda fosse o caso.

– Você roubou a minha carne – sussurrou ela, um daqueles ossos de asas/pernas de aranha se estendendo para acariciar meu cabelo. – Você me reduziu a nada, pequeno Harker, nada além de magia e desejo. Mas eu sobrevivi, ah, sim, eu consegui. Você nunca está de fato sozinho no Lugar-Algum, e eu fui mais forte do que qualquer um deles. Eu me banqueteei, sim, e eu aprendi. Eu aprendi...

Ela foi parando de falar quando algo chamou sua atenção, algo à minha direita. Era difícil saber já que sua pele era transparente e vermelha, mas podia haver sangue em sua boca. Eu não tinha certeza.

Seus olhos se estreitaram, e ela se mexeu como se fosse sair dali.

– O que você aprendeu? – perguntei depressa, atraindo sua atenção outra vez.

Ela olhou de volta para mim, seu rosto a menos de trinta centímetros do meu e aquelas asas-pernas-de-aranha se estendendo para cima de nós dois.

– Aprendi a sentir o seu fogo, pequenos Andarilhossssss... – Ela concluiu a frase num silvo, contraindo a boca uma ou duas vezes e de repente virou a cabeça para o lado. Estalou algumas das vértebras do pescoço com um som parecido com o de estalar os dedos, que me dava nervoso. – E como – continuou ela – sssssssugar tudo...

Ela sorriu para mim, um sorriso bonito, perfeito e humano, fora pelo fato de que eu podia ver através de seu rosto.

– Chamas – murmurou ela. – Chamas tão bonitas. Lindas borboletas. A Mãe Mariposa tem tudo de que precisa, agora.

Ficou bem óbvio naquele momento, como realmente devia ter ficado antes, que ela estava completamente louca. O que quer que tivesse acontecido com ela – se eu pegara o pó na sala de processamento, ele fazia parte do processo usado para nos reduzir às nossas essências? Fora isso o que eu, de alguma forma, fizera? –, claramente tinha roubado sua sanidade. Embora pudesse se atribuir exclusivamente a ter ficado presa em Lugar-Algum por alguns anos...

– O que quer dizer com “tudo de que precisa”? – perguntei, mas ela não estava olhando mais para mim. – Indigo – gritei, e isso chamou sua atenção.

Ela se moveu de repente, todas as pontas de suas pernas-asas-de-osso se afundando nos lados do meu corpo. Estava em cima de mim, pairando sobre mim, e eu sentia nossas peles se tocando. A dela era bem lisa e parecia de borracha. Tentei me encolher, mas não havia para onde ir.

– Você vai me chamar de *Lady* – sibilou ela, bem na minha cara. – Lembro-me de uma época em que você teria feito qualquer coisa que eu pedisse, pequeno Harker, e posso fazer esse tempo voltar.

– Experimente – disparei, mas na verdade estava morrendo de medo de que ela

pudesse me enfeitiçar de novo.

Na última vez em que ela lançara um feitiço sobre mim, eu teria me jogado feliz de um penhasco se ela me pedisse. Não podia suportar a ideia de estar sob esse tipo de controle outra vez, mas não estava disposto a deixá-la saber disso.

– E eu vou, labareda – murmurou ela, os lábios perto da minha orelha. – Vou comer todos os seus amigos e então fazer você *me amar por isso*.

Abri a boca, mas tudo o que saiu foi um som estrangulado de choque. Eu estava furioso e apavorado. Tinha de fazer alguma coisa. *Tinha* de haver algo que eu pudesse fazer, mas eu não podia Andar e não tinha nenhum equipamento, nada para me ajudar a escapar daquela teia.

– Eu vou com você – falei desesperadamente. – Leve-me para onde você quiser, só peço que...

– Deixe seus amigos irem? Que Harker mais nobre – disse ela, pressionando meu corpo e a teia. Lady Indigo flutuou para trás, as pernas de osso que afundava contra os lados do meu corpo arqueando-se para cima por trás dela, parecendo mais com asas novamente. – Um herói valente, derrotando a feiticeira do mal, deixando-a para definhar e apodrecer no escuro... De que pequena luz eu deveria beber primeiro?

Ela pairava a aproximadamente um metro de mim agora, terrível e impressionante quando levantou uma das mãos para apontar para mim.

– Pato – disse ela, e fiquei ainda mais confuso. Então ela sorriu, apontando para minha esquerda. – Pato...

Ela moveu a mão para mais longe, apontando para alguém que eu não podia ver. Depois ficou à minha frente, para que eu pudesse ver a expressão em seu rosto quando escolhesse quem morreria em seguida.

– Pato...

Então, sem qualquer aviso, eu já não conseguia mais vê-la. Alguém bloqueava minha visão, de costas para mim, mas reconheci a mochila surrada que ela usava. Josephine. Ela de repente estava *ali*, entre mim e Lady Indigo, e em seguida, ouvi um estrondo alto quando ela disparou sua .45.

No EntreMundos não é costume usar armas padrão por duas razões. Principalmente porque tínhamos acesso a coisas muito mais avançadas, como armas de plasma. A outra razão era que a maioria dos agentes dos Binários e da BRUX ou eram imunes a coisas como balas ou tinham formas de se livrar delas, como escudos de pele ou magia. Eu não esperava que uma arma padrão pudesse fazer muito estrago a algo como *aquilo*.

Um grito curto e assustado rasgou o ar, mas dessa vez tinha sido Lady Indigo. Balas, ao que parecia, funcionavam.

Pou. A arma disparou mais uma vez, e Lady Indigo recuou. Em seguida, outra figura apareceu, em um brilho de luz violeta que fez meu coração saltar para a minha

garganta.

– Acacia! – gritei, e então vi casualmente olhos violeta familiares em um rosto desconhecido, e um olhar que faria uma pedra murchar.

Não era Acacia. Era um garoto da minha idade, empunhando uma espada no estilo katana com uma lâmina que não era de aço, talvez de jade. Ele levantou a arma sobre a cabeça, de frente para mim, e tive um instante para perceber que tinha padrões em verde e dourado, como uma placa de circuito. Como as unhas de Acacia.

Então ele golpeou, agitando a lâmina de circuito em direção a mim. Apesar do fato de aquilo parecer um resgate, não pude deixar de sentir uma onda de adrenalina quando ele brandiu a arma para baixo. A espada passou *rente*...

Senti um ardor de repente em minha orelha, mas a teia caiu atrás de mim. Eu me agarrei ao que restava dela, lembrando que o Lugar-Algum tinha sua própria gravidade, e eu podia cair se não tivesse cuidado.

Essa nova pessoa que não era Acacia não parecia estar com esse problema; ele me livrou da teia, em seguida saiu acelerado em direção aos outros. Era como se deslizesse sobre o nada, patinando no ar. Lembrei-me de Acacia fazendo o mesmo uma vez, na Interzona.

Pou. Josephine ainda disparava. Eu me virei para olhar; ela parecia estar de pé sobre o nada, Tom pairando ao lado dela. Um segundo depois, percebi que ela estava sobre uma prancha antigravidade. Eu não fazia ideia de onde ela poderia ter conseguido aquilo, ou onde estivera nos últimos minutos, não que fosse importante no momento. Ela ainda atirava, e contei pelo menos três tiros. Aqueles mais o que ela disparara contra Tom significava que estava pelo menos a meio caminho de esvaziar uma .45 padrão, e Lady Indigo ainda se movia.

– Joey! – Joeb estava livre agora também, agarrado à sua teia.

Virei para ele, vendo pela primeira vez o que havia atrás de mim. Eu estava certo; tínhamos sido suspensos em teias separadas, em um círculo gigante, virados para fora.

– Tire todos daqui! – gritei. – Andem!

– Para onde? – gritou ele de volta, quando ouvimos mais dois tiros e Lady Indigo soltou um som agudo que era metade gemido, metade silvo.

– Para qualquer lugar, só Ande! Eu encontro...

– Fiquem – ordenou o garoto com a espada de circuito, se fazendo ouvir com facilidade sobre a comoção. – Eu levo vocês!

Ele estava reunindo os fios de luz branca que faziam parte das teias de aranha, de alguma forma entrelaçando-os e puxando-nos para dentro. Eu não tinha notado até então, mas estava em movimento. A teia de aranha que eu segurava era puxada para o centro, com todos os outros. Eu me afastava cada vez mais de Josephine e Lady

Indigo.

Clique foi o som que fez a .45 de Josephine, e ela guardou-a de volta em seu coldre improvisado enquanto Lady Indigo se lançava em sua direção. Uma de suas asas esqueléticas pendia um pouco de lado, embora a criatura ainda estivesse voando. Ela desceu em direção a Josephine, que arrancou com a prancha gravitacional, as duas começando uma grotesca dança aérea: Lady Indigo atacando e Josephine se esquivando. Eu não tinha nenhum disco desses para treinar com ela no EntreMundos Beta, mas ela parecia ter pegado o jeito. Eu me lembrei do garoto mais velho que morava na casa ao lado quando eu era mais novo. Ele me ensinara um pouco de skate antes de eu esfolar os cotovelos e perder o interesse. Talvez Josephine fosse melhor nisso do que eu. Ela com certeza parecia saber o que estava fazendo, entrando e saindo das teias que ainda pairavam no ar e evitando habilmente os ataques de Lady Indigo. Elas espiralavam cada vez mais alto, distanciando-se cada vez mais das teias, quando o misterioso recém-chegado nos reuniu.

Josephine se aproximou de mim, dando uma guinada radical para a esquerda na prancha antigravidade e voltando para o lugar de onde tinha vindo. Tom ainda pairava em torno dela, alternando várias cores de aflição. Lady Indigo estendeu uma asa, o osso acertando Josephine diretamente no tronco. Ela se dobrou, a prancha antigravidade saindo de baixo dela quando começou a cair de volta em nossa direção.

– Tom! – gritei. – Pegue o disco!

Meu amiguinho fovimal nem sequer hesitou. Acelerou até a prancha, sem diminuir a velocidade ao se aproximar, e a envolveu por completo em seu corpo. Então ele desapareceu, reaparecendo ao meu lado mais rápido do que um piscar de olhos. Acima de nós, Lady Indigo rodopiava, dobrando as asas para baixo como se fosse mergulhar.

– Harker, *fique!* – Soou um comando, a voz não familiar do desconhecido que dizia poder nos salvar. Ignorei-o.

Saltei da teia, dobrando os joelhos quando aterrissei na prancha antigravidade. Liguei-a, meu corpo de repente se sentindo duas vezes mais pesado à medida que eu subia. Então ouvi a voz desconhecida outra vez, gritando:

– *Harker!* Vou deixá-lo para trás! – Enquanto isso, a luz em volta de mim mudava, assumindo uma tonalidade arroxeada.

Tudo bem, pensei, mas não vou deixá-la. Eu via Josephine alguns metros acima de mim, de braços abertos para retardar sua queda. Se eu pudesse alcançá-la antes de Lady Indigo...

O tempo pareceu desacelerar assim: Josephine caindo em minha direção, Lady Indigo logo atrás dela, as asas esqueléticas dobradas para trás para minimizar a resistência. Josephine juntou os braços e as pernas perto do corpo para cair mais

rápido. Tentei alcançá-la.

Ela foi iluminada por um clarão de luz, vermelho brilhante e silencioso, como a explosão de uma pequena estrela. A força a impeliu para a frente, a cabeça balançando para trás de um jeito estranho com o súbito movimento. Então meus braços estavam em volta dela, e empurrei a prancha para longe, saltando para trás, e voando (caindo?) de volta em direção aos nossos colegas. Eu não via Lady Indigo em nenhum lugar, e aquela familiar luz roxa se infiltrava nas bordas da minha visão. À medida que nos aproximávamos mais e mais dela, ouvi aquela voz mais uma vez, gritando:

– *Deixe-a!*

Segurei Josephine ainda com mais força, caindo em direção à luz. Ela estava mole como uma boneca de pano em meus braços.



CAPÍTULO SETE

Atingi o chão de costas com força, os braços ainda em volta de Josephine, envolvendo-a de maneira protetora contra meu peito. O ar foi expulso dos meus pulmões, estrelas explodindo nos cantos da minha visão – mas ainda consegui identificar a ponta daquela espada com lâmina de circuitos quando foi colocada diante do meu rosto.

– Eu lhe disse para deixá-la – disparou o menino que não era Acacia.

Tudo o que pude fazer foi encará-lo com raiva, meio virado para proteger Josephine com o meu corpo.

– Não deixamos os nossos para trás – disse Joeb com calma, colocando a mão no ombro do rapaz. – Por favor, explique-se.

O garoto balançou o ombro para se livrar da mão de Joeb, o que me deu a oportunidade de sair de baixo da ponta da lâmina. Apoiei-me em uma parede, registrando vagamente que estávamos de volta ao EntreMundos Beta. Havia alguns de nós na sala agora, mas, no momento, eu só me preocupava com uma pessoa.

– Josephine – murmurei, apoiando a cabeça dela em meu ombro e tocando seu rosto.

Ela não reagiu, embora os olhos estivessem abertos. Fiquei sem ar, o medo contraindo meu estômago. Aquilo não estava acontecendo.

– Eu sou Avery Jones, Agente da Patrulha do Tempo – respondeu o garoto, e lentamente levantei os olhos. – E se vocês não deixam os seus para trás, me explique, então, por que meu povo teve de encontrá-lo e consertá-lo.

Ele fez um gesto com a mão que não segurava a espada, e no começo eu não fazia ideia do que estava mostrando. Havia vários membros da minha equipe de pé ali, como estavam quando chegáramos. As asas de anjo brancas de Jo, parte delas ainda firmemente envoltas em ataduras, destacavam-se contra as paredes cinza-prateadas. Ao lado dela estava Josef, que também se destacava devido ao seu enorme tamanho. J'r'ohoho estava no chão na frente deles, sem se mover, e ajoelhado ao lado dele estava um Andarilho que se parecia muito comigo, lágrimas em seu rosto enquanto segurava o ombro do centauro.

– J/O – falei baixinho, sentindo um choque.

Na última vez em que vira J/O, ele estava tentando me matar. Agora ele estava chorando, a cabeça curvada sobre o corpo de J'r'ohoho.

– Nós o encontramos vagando pelo fluxo temporal – disse Avery. – Quem o deixou lá, afinal?

– Não tive escolha – rebati, lembrando vividamente a sensação da mão de Acacia

no meu ombro, a forma como toda a força deixou meu corpo quando ela me levou através do tempo contra a minha vontade. – Acacia...

Não falei mais nada. Ele deu dois passos à frente antes que eu pudesse reagir, a ponta da espada pressionando meu lábio inferior. A lâmina estava quente na minha pele.

– Diga o nome dela de novo, e veja o que acontece – disse ele, a voz baixa e irritada.

Eu devia ter ficado quieto. Devia ter me afastado devagar e respondido com calma, sei bem. Mas, em vez disso, eu estava de pé quase antes mesmo de perceber o que pretendia fazer, afastando a espada e diminuindo a distância entre nós. Minha mão encontrou o material de sua roupa, e o puxei para perto de mim.

– Independentemente do que ela seja para você – falei, deliberadamente –, *Acacia* também é *minha* amiga.

Seus olhos, que eram violeta como os dela, brilharam verdes por um segundo. O que quer que isso significasse ou que ele estivesse prestes a fazer, nunca descobri. Job nos afastou, me encarando com um olhar severo. Pelo canto do olho, vi J/O se levantar, limpando as lágrimas do rosto.

– Sinto muito, Joey – disse ele, uma das poucas vezes em que o ouvi me pedir desculpas. – Fui completamente reprogramado. Eu não... Eu não teria...

– Eu sei – falei, ainda olhando para Avery. – Sei que não teria feito nada daquilo. Você está bem agora?

– Sim. Totalmente operacional. A Patrulha do Tempo me encontrou e tirou o vírus.

– De nada – disse Avery sarcasticamente. Lutei contra a vontade de lhe dar um soco, a mão de Job no meu peito me proporcionando uma medida reconfortante de equilíbrio. – Se isso está resolvido, sugiro descobrir o que fazer com ela. – Ele fez um gesto sobre meu ombro, e me enfureci.

– Ela é uma de *nós*, e não é da sua conta.

– Não *ela* – disse Avery, sem nem sequer olhar além de mim para onde Josephine estava deitada. – A Agente da BRUX.

– Do que você está falando? – perguntou Job, ainda tentando manter a paz.

– Vocês não acharam estranho ela permitir que fugissem tão facilmente?

– Aquilo foi *fácil*?

– Comparado ao que alguém com seu poder é capaz de fazer, sim. Ela não matou vários dos seus antes de eu aparecer para lhes resgatar?

Fuzilamos um ao outro com o olhar, minha raiva lutando com o pouco de bom senso ao qual ainda me segurava. Então, um pensamento me ocorreu em meio à fúria que eu batalhava para manter sob controle.

– Você sabia que aquilo ia acontecer – falei.

– Claro que sabia – respondeu, e quase parti para cima dele outra vez.

– Por que não impediu? – gritei, fazendo força contra a mão de Jobe em meu ombro.

– Sou um Agente do Tempo, Joseph Harker, tenho problemas maiores. Não é *meu* trabalho policiar o Altiverso. É o *seu*, e é um trabalho que você não vai conseguir fazer se não parar de ser um idiota e *ouvir* – retrucou. – Você acha que sabe o que faz? Acha que sua fuga foi limpa, mesmo eu tendo dito para deixá-la?

– Joe. – Ouvi um sussurro atrás de mim, e deixei de lado tudo em relação a Avery Jones e a Patrulha do Tempo quando corri para me ajoelhar ao lado de Josephine. – Ele está certo – disse ela tão baixinho que quase não dava para ouvir, o som tão fraco que tive de quase encostar minha orelha direita em seus lábios. – Ela está comigo. Posso ouvi-la cantando na minha cabeça...

– Vamos dar um jeito nisso – assegurei-lhe, mas ela deixou escapar um discreto som de negação.

– Não dá. Eu sei o que ela fez... o que aconteceu com os outros. Sei o que ela sabe. Sei que está vindo para cá.

– Ela não pode viajar através do tempo... ninguém além dos Agentes do Tempo e do Tom pode fazer isso! – Olhei para Avery em busca de uma confirmação, mas ele balançava a cabeça.

– Você não estava ouvindo nada do que ela disse? Ela sabe como sentir vocês e como drenar vocês. Foi assim que ela matou os outros. – Avery fez um gesto para trás dele, em direção a J'r'ohoho e aos outros Andarilhos imóveis no chão frio de metal. – Ela roubou suas vidas, e isso é...

– O que ela está fazendo comigo – sussurrou Josephine. – Posso sentir. Posso sentir os outros...

Olhei para ela, perdido. Eu só conseguia pensar naquela casa em que não tinha crescido, aquela com o porta-retratos da menina ruiva e sardenta e na mulher com a prótese de braço cuja filha nunca iria voltar para casa. Avery dizia mais alguma coisa, mas só consegui me concentrar de novo a ponto de ouvir uma parte específica.

–... é como ela vai rastreá-la através do tempo. Ela criou uma ligação de alma, e isso significa que pode segui-la para qualquer lugar, mesmo até aqui. – Aquilo me fez lembrar de algo, mas Josephine se contraiu ao meu lado, sua mão apertando a minha.

– Avery está certo – falou ela, e pelo canto do olho vi quando ele virou para nós. – Você não pode deixar que ela faça isso, Joe. Ele tem razão. Ela está vindo para cá. Você tem que voar. Voar para longe.

– Ainda não podemos voar, Josephine – sussurrei. – Você sabe disso. Não temos energia.

Ela olhou para além de mim. Os cantos de sua boca se curvaram discretamente

em um sorriso.

– Eu tenho – disse ela.

Senti outra onda de adrenalina provocar um suor frio em meu corpo.

– Não – falei com toda força, sem ser rude demais com ela.

– Você me disse... Você disse que eles nos usam para alimentar suas naves.

Eu me afastei dela, como se tivesse levado um soco.

– De jeito nenhum – consegui dizer. Aquilo fez eu me sentir mal. – Eu não... Não vou...!

Parei então, sem nem mesmo conseguir encontrar as palavras de que precisava. Ela queria que eu a usasse para alimentar a nave, como a BRUX e os Binários nos usavam? Ela não entendia o que estava me pedindo. Não tinha visto o que eu vira.

Ela tinha sido minha primeira recruta na vida. Eu não podia perdê-la.

– Eu quero – insistiu Josephine, sua voz mais forte do que há um instante. – Quero ver o EntreMundos voar.

– A ideia tem mérito – disse Avery atrás de mim, e até Joeb parecia estar considerando a possibilidade de me deixar bater em Avery.

– Você não entende – começou Joeb, mas Avery sacudiu a cabeça.

– Pro inferno que não entendo. Sei exatamente o que ela está lhe pedindo para fazer, e estou dizendo que não é má ideia.

– Você está louco! – gritei, me levantando de novo. – Quer que eu a use como a BRUX faz, então? Que eu a reduza até sua essência e a guarde em um pote? Não temos uma câmara criogênica aqui para congelá-la como os Binários fazem, mas tenho certeza de que podemos construir uma! Mas que diabos, vamos instalá-la ao lado dos chuveiros e colocá-la para ser usada no dia a dia!

– Joey – murmurou Joeb, mas eu o ignorei.

– Não vou usar um dos meus desse jeito, não importa o que a Patrulha do Tempo diga.

Eu esperava que Avery ficasse bravo, mas ele calmamente guardou a espada, pequenas fagulhas azuis de eletricidade brilhando quando ela deslizou pela bainha de metal.

– Isso não é uma ordem da Patrulha do Tempo.

– Mesmo que fosse, quero que a Patrulha do Tempo se...

– Joey! – Joeb olhava para mim com ar sério, os braços cruzados no peito. Ele ergueu uma sobrancelha, olhando de volta para Josephine, que respirava com dificuldade, o olhar fixo em nós.

Todos os outros me observavam também, Jo com suas asas brancas dobradas em torno de si para confortá-la, Josef com lágrimas no rosto. As orelhas peludas de Jakon estavam inclinadas para trás, de maneira hesitante, a expressão triste. Virei de costas para todos eles, encarando Joeb.

– Eu *não vou* fazer isso – falei.

– Eu faria – disse Jo, atrás de mim. – Se eu tivesse uma escolha. Se eu estivesse morrendo e pudesse ser parte do EntreMundos para sempre... Eu seria.

– Eu também – retumbou Josef.

– Eu doaria meus circuitos e núcleo de poder – admitiu J/O. – Eu não os estaria usando mesmo e daria qualquer coisa para manter o EntreMundos funcionando.

Mais vozes se ergueram à minha volta, concordando. Nem todo mundo falou, mas ninguém disse que discordava. Nenhum deles.

– Você tem poucos minutos, Harker – disse Avery, embora olhasse para Josephine, e não para mim. – A feiticeira da BRUX vai conseguir chegar aqui a menos que você aja.

– Vinculá-la... uni-la à nave não manteria essa ligação? – perguntei, me agarrando desesperadamente a qualquer coisa. – Lady Indigo não poderia nos rastrear de qualquer jeito?

– Posso romper a ligação – disse Avery.

– Então por que não faz isso? Só...

– Porque fazer isso vai matá-la – disparou ele. – E, apesar do que você pensa de mim, não estou disposto a fazer isso sem a permissão dela.

A sala toda prendia a respiração. Todo mundo me observava ali parado, em silêncio, olhando para o chão. Não soube bem por quê, mas de repente me lembrei de quando cheguei ao EntreMundos pela primeira vez, com o corpo de Jay. Eu acordara na enfermaria e vira o funeral de Jay pela janela, e, depois disso, o Ancião fora me ver. Ele me falara sobre o EntreMundos, nosso propósito, nossos inimigos e nossos deveres. Falara sobre nosso juramento e nossos valores e me dissera quando minhas aulas começariam, mas não foi isso que me peguei lembrando. Eu me lembrei de quando lhe perguntei se ele me culpava pela morte de Jay.

Sim, dissera ele. *É claro que o culpo.*

– J/O – falei, e minha versão ciborgue levantou os olhos. – Uma das unidades de SPSV na enfermaria pode ser modificada para se ligar a um transdutor?

– Acho que sim – disse ele.

– Descubra isso, rápido. Josef, vá buscar uma e leve para a casa de máquinas. – Nem precisei olhar para saber que a enorme versão de mim estava fazendo o que pedi. Eu sentia seus passos fazendo *tum, tum, tum* pelo corredor quando saiu, como um batimento cardíaco.

Josephine olhou para mim de onde estava, apoiada sem forças contra a parede.

– Eu quero fazer isso – sussurrou ela.

Joeb e Avery vieram atrás de mim enquanto eu carregava Josephine pelo corredor até a casa de máquinas, ignorando a dor em meu ombro ferido. E eu ouvia todos os outros nos seguindo, os passos de cerca de trinta de mim ecoando pela nave morta.

Não me lembro de muita coisa do momento em que a decisão foi tomada até quando vi Josef trazer o SPSV – um dos sistemas portáteis de suporte à vida que mantínhamos na enfermaria. Sei que em algum momento pedi a alguns dos outros para trazerem uma cama portátil, que era onde Josephine estava atualmente deitada perto das máquinas. Ela estava mais pálida do que o normal, as sardas se destacando em sua pele. Achei que começava a ver os ossos por baixo, como com a pele translúcida de Lady Indigo. Ela suava e ficava nos dizendo para nos apressarmos e acabarmos logo com aquilo.

Quando a instalamos na cama, Avery se ajoelhou ao lado dela. Ele não saía de lá desde então, e ela sorria de um jeito fraco enquanto conversavam em voz baixa. Ele segurava sua mão. Parecia estranho – eles não tinham acabado de se conhecer? –, mas eu tinha outras coisas com que me preocupar no momento.

– Isso deve servir – disse J/O, a voz baixa enquanto se afastava do maquinário. – O SPSV está ligado à rede de energia solar, então vai funcionar. Teoricamente, se ela... quando ela...

– Morrer – completei. A versão mais jovem de mim empalideceu.

– Quando isso acontecer enquanto ela estiver ligada ao SPSV, a máquina vai armazenar uma impressão dela e autopulsar para atuar como um desfibrilador. Mas, em vez disso, liguei o punho ao transdutor.

– Ótimo – falei. – Tragam-me Jai. – Afastei-me, e fui até Josephine. Ignorei Avery. – Você não tem que fazer isso – falei, e ela emitiu um som fraco que podia ter sido uma risada.

– Fique quieto – disse ela. – Você está sendo um banana. Que tipo de líder é você, afinal?

– Um bem ruim – respondi. – Não paro de deixar minha equipe morrer.

– Melhore nisso – rebateu ela. – Vou fazer esta nave voar. É melhor você mantê-la no ar, entendeu? – Ela estava branca como um fantasma agora, com sombras em volta dos olhos. Os lábios estavam escuros de sangue de onde os vinha mordendo.

– Estamos prontos, Joey – falou Joeb atrás de mim, logo antes de eu ouvir o SPSV começar a funcionar.

– Eu continuo correndo, mas ela sabe – sussurrou Josephine, olhando para Avery. – Fico me escondendo, mas ela pode me encontrar em qualquer lugar. Eu sou a chama, e ela, a mariposa. Mãe Mariposa...

– Shh – disse ele, e passou a mão pelo cabelo de Josephine. – Ela não vai encontrá-la, Josie. Eu prometo.

Franzi a testa, olhando de lado para ele enquanto se levantava. Ele me ignorou, saindo do caminho quando J/O veio ligá-la às máquinas.

– Jai? – chamei.

– Presente – disse a voz familiar, e minha versão mais calma e de pele escura

aproximou-se, do outro lado de Josephine.

– Você é o cara da magia – falei –, e isso aqui é uma magia e tanto. Não ligo para como funciona ou como você faz isso, mas seu trabalho é garantir que nada dê errado. Certifique-se de que a ligação não existe mais e ajude a guiá-la para... seja lá onde for. J/O, cuide para que o transdutor funcione direito.

Jai me encarou com ar pensativo, mas não disse nada. Ele assentiu, estendendo uma das mãos acima de Josephine e fechando os olhos.

– Avery...

– Sei o que estou fazendo. – Veio a resposta áspera, o menino de cabelos escuros posicionando-se junto à beira da cama. Ele levou uma das mãos ao punho da espada. – Afastem-se.

Senti aquele embrulho no estômago de novo, embora não soubesse bem se era de raiva ou medo. Dei um passo para trás, vendo Jai se concentrar.

– Posso sentir a ligação – falou Jai. – Está intacta e forte.

– Mostre a eles – disse Avery, e Jai se concentrou.

No início, nada aconteceu. Então vi um brilho, como se algo acima de nós captasse a luz, apenas por um instante. Estava lá e então se foi, depois outro, e outro; como os fios finos de uma teia de aranha brilhando ao sol. Dava para ver pelo menos dez deles, tingidos levemente de vermelho e todos em um feixe. Começavam em Josephine, envolvendo-a de modo frouxo, e arqueavam para cima. Olhei em volta, tentando encontrar sua fonte, mas eles eram não lineares e dispersos, serpenteando ao redor de todos nós e, lentamente, se tensionando, como se estivessem sendo esticados.

– Ela está vindo – sussurrou Josephine.

Ouvi o clique da espada de Avery quando apertou sua mão ao redor do punho.

– Josephine – falei de repente. – Não cheguei a fazer uma coisa.

Todos os olhos se voltaram para mim.

– Repita comigo – falei. – Eu, Josephine Harker.

Seu olhar encontrou o meu, e ela abriu um discreto sorriso.

– Eu, Josephine Harker.

– Entendendo que deva haver equilíbrio em todas as coisas, aqui declaro que farei tudo o que estiver ao meu alcance para defender e proteger o Altiverso daqueles que queiram lhe causar algum dano ou curvá-lo à sua vontade. Que farei qualquer coisa para apoiar e defender o EntreMundos e os valores que representa.

Ela repetiu, palavra por palavra, embora sua voz fosse quase um sussurro no final e seus nós dos dedos estivessem brancos onde suas mãos agarravam o lado da cama. Os fios acima dela se turvaram quando meus olhos se encheram de lágrimas, e, por um instante, pude vê-los claramente.

– Bem-vinda ao EntreMundos – sussurrei. Minha voz soou amarga, até mesmo

para mim.

Avery se moveu, tão de repente que quase não notei, tirando a espada da bainha e golpeando com um só movimento. A lâmina de circuitos cortou os fios que se entrelaçavam em torno de nós e vi um, pouco antes de cair, passar direto pelo coração de Avery Jones.

MUNDIÁRIO

Do Diário de Avery

Eu não queria essa missão em primeiro lugar.

Sei que soa como um resmungo, e não estou tentando reclamar, mas preciso encontrar Acacia. Entendo que não podemos mandar nenhum agente atrás dela; estamos ocupados demais tentando manter os Tecs na linha. Sei disso.

Mas ela é minha irmãzinha, droga. Ela é tudo que eu tenho. Mesmo agora...

Que droga, Harker. E que droga, Josephine, também.

Eu não queria essa missão, mas aceitei-a porque me colocaria em contato com Joseph Harker. Pelo que sei, ele foi o último a ver Acacia antes de ela desaparecer. Eu queria, pelo menos, ter a chance de interrogá-lo, mesmo que não fizesse parte deste trabalho específico. Eu devia levar o Andarilho infectado de volta à sua linha do tempo certa, mas acabou sendo mais difícil do que eu pensava.

Acacia não devia tê-lo mandado para o Fim do EntreMundos. Isso fica em um ponto distante no futuro, tão distante que não teve qualquer influência sobre ele. Ele não tinha nada o que fazer lá. Para o futuro, com certeza, em um local remoto onde ninguém além dos Tecmaturgos poderiam alcançá-lo... mas minha irmã decidiu outra coisa, ao que parece.

Tecnicamente, era o próprio caminho futuro de Harker. Milhares de anos depois de sua morte, é claro, mas ainda na mesma linha do tempo. O FVM aparecer para trazê-lo de volta através do futuro era inesperado, embora deva me perguntar se minha irmã não levara isso em consideração. Ela falou muito bem dele em seus relatórios, embora eu deva admitir que não fiquei muito impressionado.

Ele é precipitado e não segue instruções. Não ouve ninguém. Eu disse a ele para deixar Josephine para trás, e, em vez disso, ele a trouxe para a nave, comprometendo toda a sua missão. A feiticeira da BRUX teria conseguido subir a bordo se eu não tivesse agido. Se eu não tivesse matado Josie.

Não era para ser assim.

Maldita missão.



CAPÍTULO OITO

Não aconteceu imediatamente. Para ser bem honesto, foi bastante decepcionante. As linhas desvaneceram, suas extremidades partidas emitindo faíscas azuis de eletricidade, piscando como pequenos vaga-lumes antes de desaparecerem. As mãos de Josephine, agarrando as bordas da cama, lentamente relaxaram. Ela respirou uma vez, depois outra e então parou. O SPSV deu um pulso, fez um som parecido com *dzzzt!* e, em seguida, uma pequena luz verde no transdutor acendeu.

– Está funcionando – disse J/O de maneira tímida, como se estivesse com medo de quebrar o silêncio.

Vi Jai olhar para Avery e acenar. O Agente da Patrulha do Tempo acenou de volta, então olhou para o corpo de Josephine. Ele olhou para ela por um bom tempo, depois virou e saiu sem dizer uma palavra.

– Cuide para que continue funcionando – falei. – Assim que tivermos energia suficiente, faça a gente sair daqui.

J/O parecia assustado.

– Eu... eu nunca...

– Você pode se ligar ao console principal, não pode?

– Em tese, mas...

– Então faça isso. Não é como pilotar um jato nem nada assim... Você não vai atirar a gente no ar. Só programe as coordenadas – falei. Ele ainda parecia incerto, mas eu já seguia para a porta. – Jo!

Ela levantou os olhos do meio do pequeno aglomerado de pessoas ainda reunidas em torno dos corpos dos Andarilhos imóveis. Percebi com um susto que tinham trazido esses Andarilhos com a gente quando entramos todos na casa de máquinas – e *então* percebi que teria de pensar no que fazer com os corpos. Não podíamos simplesmente... mantê-los ali.

– Estão todos mortos? – perguntei quando ela começou a andar ao meu lado. Fiquei surpreso com a firmeza da minha voz.

– Sim – disse ela em voz baixa.

– Quem são?

– J'r'ohoho, Jenna e Jerem.

Respirei fundo, procurando não pensar nisso. Eu ficaria de luto por eles mais tarde.

– Está bem. Reúna todos no refeitório para mim.

– OK. Todos?

– Menos J/O, que está conectando a nave. – Fiz uma pausa, depois reconsiderarei. –

E Jai, deixe-o com J/O. – Eu tinha *quase* certeza de que J/O estava perfeitamente bem agora, mas eu só tinha a palavra de Avery para me garantir isso... e, por falar em palavras, eu e ele tínhamos que trocar algumas.

– O que devo dizer a ele?

– Diga a ele para vigiar os corpos.

Jai era inteligente; ele ia entender.

– OK. Joey – chamou ela, quando começamos a seguir por corredores diferentes. Então fez uma pausa. – Não estrague tudo – alertou, o fantasma de um sorriso passando por seu rosto.

Assenti, e cada um seguiu por um caminho. Pode ter parecido dura, mas era o estilo de Jo – e ela me dizer para não estragar tudo era mais do que um aviso. Era uma declaração. Significava que me seguiria, assim como todo mundo. Significava que eu *não podia* estragar tudo, porque todos dependiam de mim agora.

E era algo do qual eu já estava penosamente ciente.

– Ei – chamei, quando dobrei outra esquina para falar com Avery.

Ele estava parado em frente à Parede, nosso memorial aos mortos. Começara do lado de fora da enfermaria, ninguém sabia quando ou quem a iniciara, e no EntreMundos Alfa ocupava o lado inteiro de um longo corredor. Ali, naquele EntreMundos tão distante no futuro, estendia-se por três diferentes corredores pelo menos.

Ele se mexeu um pouco ao ouvir minha voz, embora não tivesse se virado. Não parecia olhar para nada em particular, só para a Parede em geral, que tinha de tudo, desde pedaços de conchas a desenhos bobos, joias, penas e dentes de espécies das quais eu nunca tinha ouvido falar. Havia muito o que olhar, e cada coisa tinha um significado pessoal para um Andarilho morto já há muito tempo.

– Veio me interrogar? – perguntou ele quando me aproximei.

– Me dê uma razão para não fazer isso – falei. – Me diga exatamente por que está aqui.

Ele virou a cabeça para olhar para mim, os olhos violeta muito frios.

– Vim devolver seu ciborgue.

– O que mais?

Ele ergueu ligeiramente o queixo, me avaliando. Após um instante, disse:

– Estou cumprindo a missão de outro Agente que atualmente se encontra PNM.

– PNM?

Ele desviou o olhar por um momento, como se eu estivesse testando sua paciência.

– Perdido no mar. Creio que uma expressão equivalente para você seria *desaparecido em ação*.

– Acacia – falei. Eu tinha passado por tanta coisa nos últimos vinte minutos que

pensar que ela estava perdida não me transtornou tanto quanto deveria. – Você não sabe onde ela está?

– Eu esperava que você soubesse – disse ele, olhando para mim friamente –, já que, segundo o registro, foi a última pessoa a vê-la.

– O que quer dizer com “segundo o registro”?

– Isso é confidencial e não é da sua conta, então não vou explicar.

– Tudo bem – falei, igualando seu tom. – Então, já que você está aqui no lugar dela, e eu estou aqui no lugar do Anci... no lugar do Capitão Harker, vou lhe dizer a mesma coisa que ele disse a ela: você tem acesso privilegiado, desde que seja acompanhado o tempo todo. Eu serei esse acompanhante. Se ficar um segundo longe da minha vista, vou considerá-lo uma ameaça para esta nave e as pessoas dentro dela.

– Ótimo. – Foi tudo o que recebi em resposta. Eu devia ter esperado.

Eu me virei para sair outra vez, imaginando que Avery me seguiria. E ele me seguiu, embora não sem outro olhar demorado para a Parede. Parei um pouco então, vencido pela curiosidade.

– Você a chamou de “Josie”, como se a conhecesse. Por quê?

Se eu achava que ele parecia frio antes, o olhar que me lançou naquele instante quase me congelou ali mesmo onde eu estava.

– Isso – disse ele, roçando os dedos pelo punho da espada – também não é da sua conta.

Olhamos um para o outro por um bom tempo, então virei as costas para ele e segui para o refeitório.

Havia vinte e cinco de nós no refeitório, uma vez que Jai e J/O ainda estavam na casa de máquinas, e tínhamos perdido quatro de nós desde a última contagem.

Quatro de nós, nos últimos vinte minutos.

Fiquei em uma mesa, de frente para a sala, os Andarilhos reunidos de pé ou sentados à minha volta. O lugar estava destruído; parecia que tinha sido usado como ponto de estrangulamento para o que quer que tivesse atacado o EntreMundos. Mesas tinham sido viradas e usadas como barricadas; cadeiras haviam sido descartadas e quebradas; vários pedaços de metal e maquinários que um dia provavelmente tinham sido armas estavam espalhados pelo chão. Observei aquilo tudo, tentando imaginar como tinham sido aqueles últimos momentos e tentando não deixar a desesperança da situação tomar conta de mim. Se aquele seria o fim do EntreMundos, qual era o sentido do que eu estava fazendo agora?

Era bastante simples, na verdade. Aquilo era o que eu sabia fazer. Era o que eu tinha sido treinado para fazer – mas que diabos, por tudo o que eu sabia, era o que eu tinha nascido para fazer. Eu, e todas as outras versões de mim que existiam. Eu

não podia *deixar* de agir.

Mas, Deus, era tão difícil lembrar disso quando eu estava ali de pé, olhando para eles. A maioria de seus rostos estavam marcados pelas lágrimas, sujos e cansados. Alguns estavam feridos ou arranhados, e todos pareciam tão abatidos quanto eu. Eu me perguntava se era assim que o Ancião se sentia quando conversava com a gente depois de uma missão fracassada. Eu me perguntava se ele era forçado a aprender a não sentir absolutamente nada.

– Tenho certeza de que muitos de vocês estão querendo saber o que aconteceu – comecei, decidindo ir direto ao ponto. – Pelo que imagino, depois que o primeiro grupo enviado com Josephine e Tom, meu amigo fovimal, chegou em segurança aqui, o alto uso de energia de Andarilho chamou a atenção de uma agente da BRUX conhecida como Lady Indigo. Ela estava à espera do segundo grupo quando tentamos Andar e nos puxou para o Lugar-Algum. Três de nós foram mortos.

“Josephine Harker era uma Andarilha que recrutei e treinei, e, embora estivesse começando a Andar, era muito, muito boa nisso. Ela usou isso a seu favor e escapou quando o restante de nós foi capturado. Eu não a senti, nem Lady Indigo. Ela e o Agente da Patrulha do Tempo Avery Jones vieram ao nosso resgate. É por causa deles que conseguimos escapar. No entanto, Lady Indigo formou uma ligação de energia com Josephine, que teria permitido que ela nos rastreasse aqui, mesmo através do tempo. Cortamos essa ligação, o que significa que estamos a salvo dela por ora. Infelizmente, Josephine foi morta no processo.”

Por mais difícil que tivesse sido dizer tudo isso, não era nada comparado ao que eu ainda precisava falar.

– Seu último desejo foi ter seu espírito usado para ligar esta nave.

Seguiu-se, então, um murmúrio vindo daqueles que não tinham estado presentes durante aquela discussão. Lutei para controlar a onda de culpa que tomou conta de mim, para ignorar a voz na minha cabeça que me dizia que eu não merecia estar diante deles como uma espécie de líder. Eu deixei que fôssemos capturados, que vários de nós morressem como consequência e depois usei minha primeira recruta como nossos inimigos teriam feito.

Forçando-me a continuar, eu disse:

– J/O e Jai estão supervisionando o processo de trazer energia de volta para a nave. Assim que estiver funcionando, veremos até onde os motores nos levam. Enquanto isso, temos duas prioridades. Primeiro, temos que colocar a nave em ordem. Esta é a nossa base temporária de operações até podermos voltar ao EntreMundos Principal, o que me leva ao nosso segundo objetivo.

“Da última vez que o vi, o EntreMundos Principal, ou EntreMundos Alfa, como venho chamando, tinha sido detectado por uma nave BRUX. Eles colocaram os motores em marcha acelerada e fugiram, mas a BRUX está bem na sua cola. Isso

significa que eles não podem parar e, portanto, não podem nos ajudar. Todo mundo naquela nave, incluindo o Ancião, está preso até encontrarmos uma maneira de ajudá-los.”

Deixei que todos absorvessem aquilo, já dividindo-os em grupos na minha cabeça e pensando em quem seria melhor para quê. Isso foi surpreendentemente fácil; eu conhecia minha equipe e suas habilidades e estava ligeiramente familiarizado com alguns dos outros ali. Jobb conhecia melhor muitos deles, então eu podia trabalhar com ele para dividir as pessoas em equipes. Quando o murmúrio diminuiu de novo, eu já havia pensado nas pessoas de que precisava.

– Jobb, Jo e Josef, comigo. Todos os outros, vão até os alojamentos e escolham uma cama. Está tudo muito bagunçado; cada um é responsável pela limpeza do seu quarto, mas *não movam* simplesmente qualquer lixo ou detritos para outro quarto. Levem tudo para o pátio. Vocês três – falei a Jobb, Jo e Josef, que tinham dado um passo à frente. – Para o escritório do Ancião. Você também – disse a Avery, que tinha apoiado um dos ombros na parede e estava de braços cruzados, ouvindo em silêncio. Ele nos seguiu e, quando saímos, ouvi os outros começarem a andar em direção aos alojamentos.

Ainda ficava espantado em ver que as pessoas estavam simplesmente... fazendo o que eu lhes dizia. Ninguém dissera uma palavra, ou perguntara nada, nem mesmo *por que eu estava dando as ordens*. Tudo bem que eu era o único no momento que sabia tudo o que estava acontecendo... o que me levava à terceira parte da nossa missão, aquela que eu não contara a ninguém. Ainda.

Eu tinha escolhido o escritório do Ancião porque era uma sala segura com uma única entrada, uma que podíamos ver de qualquer ângulo. Eu ainda não estava disposto a correr nenhum risco com J/O e já tinha aprendido minha lição sobre a possibilidade de ter traidores no meio de nós. O único outro de nós em quem eu não confiava muito era Avery Jones, porque ele *não era* um de nós, mas era melhor mantê-lo comigo do que deixá-lo andar por ali sem supervisão.

– Joey... – Jo parou na entrada da recepção da sala do Ancião.

Na minha memória, o lugar ainda era a sala personalizada e quase aconchegante cuidada pela assistente do Ancião, Josetta, e não o atual espaço em ruínas. Ali havia confortáveis cadeiras de veludo e um tapete macio e colorido, e a mesa de Josetta era coberta de bugigangas e post-its multicoloridos. Era uma das poucas salas na Base, fora nossos quartos, que mostrava algum tipo de personalidade.

Agora estava coberta por uma camada de poeira fina e cinzas, o tapete havia muito fora desintegrado, a mesa, virada, e as cadeiras tinham apodrecido. Jo ainda estava na porta, as asas ligeiramente arrepiadas em alarme.

– Por que aqui? – perguntou ela.

– Porque é a coisa mais próxima que temos de um ambiente à prova de som –

falei, conduzindo Job, Josef e Avery para o escritório do Ancião. – E tenho coisas a dizer que não podem sair desta sala. Vamos.

Ela hesitou por mais um instante, então visivelmente se preparou e cruzou o solado da porta. Eu sabia como ela se sentia; como se estivéssemos entrando sem permissão, ocupando um lugar em que não podíamos sequer pensar em estar.

Eu me sentia assim desde que chegara ali.

– Chamei vocês três por algumas razões – comecei. – Em primeiro lugar, confio em vocês. Em segundo, preciso de vocês. – Olhei para Job. – Job, você e Jai são os únicos oficiais seniores que eu tenho, e vou precisar de Jai aqui por um tempo. Você tem mais experiência do que qualquer um de nós em extrair Andarilhos, e é isso o que eu preciso que faça. Monte uma equipe ou faça isso sozinho, a decisão é sua, mas preciso que você busque mais de nós. Tantos quanto puder encontrar. Você vai precisar do Tom para senti-los; vou lhe mostrar como.

Ele fez que sim, parecendo não estar surpreso com o pedido e (para meu alívio) nada incomodado com a ideia de trabalhar com meu amigo fovimal. Muitos de nós (incluindo eu, não que isso tivesse me detido) aprendemos desde o início que os FVMs eram extremamente perigosos, por isso a maioria dos meus colegas de equipe nunca confiou muito em Tom.

– Josef, você está encarregado de limpar os escombros. Precisamos de corredores limpos e acesso aos armários de equipamentos. Não tenho ideia do que existe lá, se é que há alguma coisa; estão completamente bloqueados, Josephine... e eu não conseguimos entrar.

Parei por um instante, meio segundo após dizer o nome dela. Não pude evitar. Talvez se tivéssemos conseguido tirar mais equipamentos dos armários, ela teria tido mais chance contra Lady Indigo. Talvez se eu tivesse feito algo diferente...

Josef assentiu amigavelmente, os cabelos encaracolados quase tocando o teto.

– Acho que consigo tirar a maior parte sozinho – disse ele.

– Leve J/O para ajudá-lo se não conseguir, assim que ele colocar a nave para funcionar.

Ele assentiu de novo, e me virei para Jo. Ela ficaria com o pior trabalho, mas eu sabia que seria a melhor para isso. Ela era prática e organizada e às vezes parecia ter mais senso comum do que todos os outros juntos.

– Jo, preciso que você monte várias equipes para colocar as instalações em funcionamento. As cozinhas, banheiros e enfermaria são prioridades. Tínhamos dado um jeitinho quando só havia dois de nós, mas agora há mais de vinte, e, com a ajuda de Job – olhei brevemente para ele –, haverá mais. Em breve.

Job e Jo assentiram seriamente. Como eu esperara, Jo aceitara a tarefa sem reclamar. Ia procurar me lembrar de compensá-la de alguma forma mais tarde.

Se houvesse mais tarde.

– OK – falei, dando um suspiro. – Joeb tem prioridade na escolha de Andarilhos, depois, Josef, e então Jo. Resolvam isso aí.

Eles olharam para mim, depois um para o outro. Houve um momento de silêncio, em seguida Jo voltou para a sala de Josetta, onde pude ouvi-la procurar algo que pudesse ser útil para fazer anotações. Josef assentiu para mim e foi atrás dela. Joeb parou para apertar de leve meu ombro bom, depois saiu atrás deles.

– Nada mau – disse Avery. – Você quase soa como um líder.

– Fico feliz que pense assim – respondi – porque você será interrogado agora.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Você disse que seu povo encontrou J/O vagando pelo fluxo temporal, e você limpou o vírus e o trouxe aqui. Me conte mais.

Ele cruzou os braços.

Bem quando pensei que Avery não ia me responder (e eu não tinha ideia do que pretendia fazer se fosse o caso; eu poderia ameaçá-lo, mas não tinha certeza de que poderia derrotá-lo em uma luta, mesmo que estivesse em minha melhor forma, o que, com certeza, não estava...), ele deu de ombros e falou:

– Meu povo notou uma anomalia no sistema de navegação.

– O que isso significa, exatamente?

– É sigiloso – respondeu ele. – E você não pode saber.

– Está bem – falei, assentindo para ele continuar.

– Seu amigo estava disparando todos os tipos de alarmes, vagando pelo tempo daquele jeito. Não só tínhamos que detê-lo, como precisávamos descobrir como ele estava fazendo isso. Vocês, Andarilhos, não conseguem viajar através do tempo, pelo menos não sem a ajuda de um FVM.

Embora não tenha gostado da maneira antipática como ele disse “vocês, Andarilhos”, eu tinha de admitir que ele estava certo.

– Você descobriu como ele estava fazendo isso quando limpou o vírus?

Avery hesitou, provavelmente pensando se aquilo se classificava ou não como “sigiloso”.

– Sim, mas era uma programação que ele não devia ter. Então concluímos que devia ser um drive suplementar instalado em seu centro de processamento.

– Quer dizer que eles adicionaram um novo software a ele?

– O mais correto seria dizer que acrescentaram o hardware necessário para permitir as atualizações de software, mas, sim. Nós o removemos junto com o vírus.

Eu estava um pouco irritado com a ideia de todo mundo ficar mexendo na barriga de J/O (ou nos circuitos, seja lá como fosse) sem sua permissão, mas entendi por que tinha sido feito. Os Binários tinham feito isso, porque, bem, eles são os caras maus. E a Patrulha do Tempo, porque eles tinham o monopólio sobre a viagem no tempo e queriam manter as coisas dessa forma.

Não que eles estivessem fazendo um trabalho muito bom – e não que eu estivesse descartando a possibilidade de eles serem maus também, veja bem. Deixando minha amizade com Acacia de lado, eu ainda estava para conhecer um único Agente da Patrulha do Tempo que não me tirasse do sério. *Incluindo* Acacia.

– Foram dois, até agora – falei.

– O quê?

– J/O e Lady Indigo. Duas pessoas nos últimos tempos que foram capazes de fazer algo que pensávamos ser impossível. Fixação na essência e rastreamento através do tempo, especificamente.

Avery estreitou os olhos.

– Eu disse que a feiticeira criou uma ligação. Nunca disse que ela se fixou na essência de Josephine.

– Mas foi o que ela fez, não foi?

– Sim – admitiu Avery, me observando de perto. – O que você sabe sobre assinaturas temporais e ondas de essência?

– Absolutamente nada – falei, e ele pareceu desconfiado. – Quero dizer. Não faço ideia do que você está falando.

– Você sabia o bastante para chamar de “essência” – rebateu ele.

– Foi o que J/O disse quando estava nos rastreando através do tempo. Ele falou que se fixara em nossa essência. Acacia contou que é o que os Tecmaturgos faziam. – Se eu achava que ele parecia desconfiado antes, agora partiu para a acusação.

– Ela falou – disse ele. Não era uma pergunta.

– Sim – afirmei. – Mas, se faz você se sentir melhor, não foi ela que me falou esse nome. Ela ficou tão surpresa quanto você por eu saber sobre eles.

– E onde você ouviu falar deles?

– Isso é sigiloso – falei, confesso que um pouco mais presunçoso do que pretendia. Ouvi um sutil *clique claque* vindo do punho de sua espada quando ele mudou de posição. – O primeiro que ouvi usar a palavra “essência” dessa forma foi J/O. Ele disse que havia se fixado em nossas essências e poderia nos seguir para qualquer lugar. Os agentes Binários em geral não podem fazer isso. Nem a BRUX, até onde eu sabia, mas você não parecia nem um pouco surpreso por Lady Indigo ter criado uma ligação como essa.

– A feiticeira desenvolveu mais poderes do que um agente da BRUX normalmente teria durante seu tempo no Lugar-Algum. É surpreendente que ela possa ter feito o que fez, mas não impossível. Principalmente com os poderes daqueles que ela absorvera.

Estremeci ao ouvir “absorvera”. Eram meus amigos.

– Bem. Então ela conseguiu por esse motivo, e J/O porque tinha sido programado para isso.

– Correto.
– Mas ele já não consegue mais.
– Certo.
– E ele está perfeitamente bem agora.
– Sim. Ele retém as lembranças, mas não a programação. Você pode confiar nele como sempre.

– Ótimo. – Fiz uma pausa. – O quanto posso confiar em você?

Avery sorriu.

– Se você disser que é “sigiloso”, juro que ejeto você desta nave para um vulcão em erupção – alertei. – Conheço vários lugares e horários exatos, acredite. Pompeia é particularmente agradável nesta época do ano.

– É sigiloso. Felizmente, você pode. – Seu sorriso desapareceu e ele suspirou. – Você pode confiar que não tenho más intenções com relação a você ou a ninguém nesta nave. Minha missão, na verdade, é ajudar você. Como era a da minha irmã.

Era a primeira vez que ele dizia a relação que tinha com Acacia, embora eu não estivesse completamente surpreso – eles eram mesmo muito parecidos. Eu estava mais confuso em saber qual era a missão dela... e agora a dele.

– Me ajudar com *o quê*?

Ele deu outro pequeno suspiro, como se eu estivesse testando sua paciência de novo.

– Você deve se lembrar que a BRUX e os Binários reuniram forças para desencadear um tipo de remodelação terrível do Multiverso, não é?

– A NoiteGélida.

– Sim. Já começou, e estou aqui para ajudá-lo a detê-la.

Senti meu estômago afundar.

– Essa coisa vem destruindo mundos esse tempo todo? – perguntei.

Eu estava preparado para isso, é claro. Tudo o que eu vinha fazendo desde que saíra da casa do sr. Dimas fora me preparar para isso – eu vinha reunindo Andarilhos por esse exato motivo, para combater os Binários e a BRUX, mas uma pequena parte de mim ainda vinha se agarrando à esperança de que Acacia e eu *talvez* tivéssemos conseguido detê-la antes que fosse iniciada.

– Sim – disse Avery. – Vem sim.

Apesar de suas palavras, seu tom não era acusatório, só prático, o que ainda me irritou. Procurei deixar de lado. Havia coisas mais importantes com que me preocupar do que o meu ego.

– Está bem. Então como *detemos* isso?

Avery fez uma pausa, e pela primeira vez vi sua máscara de postura cair um pouco. Ele parecia inseguro e preocupado.

– Não temos certeza. Este é o único fluxo temporal em que isso já aconteceu. Se

tivesse ocorrido em outros e tivesse sido detido antes que pudesse completar seu objetivo, teríamos registro dos acontecimentos. Se tivesse ocorrido e não tivesse sido detido, não haveria... *nada*.

Levei um momento para decifrar, mas estava bastante confiante de que havia entendido.

– Quer dizer que se a NoiteGélida tivesse sido concluída, teria erradicado *tudo*, incluindo a Patrulha do Tempo.

– Sim. Nós não existiríamos se já tivesse acontecido.

– Então... o que você está dizendo é que trabalha para uma organização que tem registro de tudo o que já aconteceu e vai acontecer, e não tem ideia de como deter essa coisa?

Ouvi o som de metal contra metal quando Avery segurou a espada com mais força. Eu me afastei um pouco, na defensiva, mas o movimento parecia mais um hábito nervoso do que uma ameaça. Eu me senti estranhamente reconfortado ao descobrir essa peculiaridade; isso o fazia parecer um pouco mais humano.

– Sim – respondeu ele, relutante. – É o que estou dizendo.

Respirei fundo.

Eu não sabia mais o que dizer – o que poderia dizer? Nenhum de nós, em nenhum lugar, sabia como deter a NoiteGélida, e ainda assim éramos os únicos que tinham alguma chance. Felizmente, fui salvo de ter de pensar em alguma coisa. Sentimos um súbito tremor e ouvimos um gemido oco e o rangido agudo de máquinas há muito tempo sem uso. A sala escura foi inundada de luz quando o sistema de autoiluminação começou a funcionar, e nós dois estreitamos os olhos diante do súbito clarão. Pela porta aberta, ouvi os aplausos e os assobios dos outros Andarilhos à medida que o EntreMundos ganhava vida ao nosso redor, como se estivesse acordando de repente de um pesadelo.

Ficamos ali em silêncio, olhando para as paredes, para as luzes, e um para o outro. Eu não podia deixar de pensar que aquilo era Josephine, à nossa volta, ali, mas morta. Nem mesmo uma alma ou consciência, apenas a faísca que tinha acendido a chama.

Aquela nave era seu velório, a vela em seu funeral. A faísca se fora, mas a chama permanecia. E eu iria garantir que queimasse pelo máximo de tempo que eu conseguisse.

Não sei o que eu estava esperando, mas Avery não quebrou o silêncio repentino, nem parecia que o faria. Não sei se ele estava pensando em Josephine ou Acacia ou em algo completamente diferente e não queria lhe perguntar. Então, por fim, falei:

– E agora?

Ele deu de ombros.

– Agora imagino que você deva seguir com seus planos, enquanto eu tento

facilitá-los.

– O que significa que você está aqui para ajudar.

– Sim.

– Ótimo. Você pode fazer alguma coisa útil?

Ele me encarou um pouco irritado, mas respondeu:

– Posso ajudar seu amigo ciborgue a garantir que esta nave continue funcionando e expandir seus parâmetros de tempo para que alcance seu fluxo temporal desejado.

– Ótimo – repeti. – Vamos fazer isso então.

Depois virei e saí do escritório do Ancião. E ouvi os passos de Avery ecoando abafados atrás de mim enquanto me seguia.



CAPÍTULO NOVE

Eu sentira falta de ter a nave funcionando sob meus pés. Não era algo que eu notara até ter perdido, mas você podia sentir o zumbido dos motores pelo chão, independentemente de onde estava. Era como ficar ao lado de uma máquina de lavar ou secar roupa ligada – uma vibração tão fraca em seus pés que mal dava para perceber. Eu não notara isso até estar em um EntreMundos sem energia, o chão frio, duro e morto embaixo de mim.

Agora estava vibrando de novo, vivo e ansioso para voar. Senti isso no momento em que entrei na casa de máquinas; o painel de controle estava ligado, todas as luzes, mostradores e indicadores digitais piscando, zunindo e esperando. Ainda assim, fiquei lá apenas um instante depois que acompanhei Avery até J/O. Eu não podia me fazer olhar para as camas na parte de trás, as formas imóveis que as ocupavam cobertas por lençóis.

Em vez disso, fui para a Parede.

Nosso monumento aos mortos estava lá, em silêncio e imóvel, nem mesmo uma brisa soprando pelo corredor para fazer farfalhar os pedaços de papel, penas e peles. Agora a Parede se estendia por mais três setores além do que eu estava acostumado; o EntreMundos do futuro tinha visto a morte de mais milhares de nós.

Passei por ela por um tempo, de um lado para o outro, memorizando os pedaços da vida das pessoas, os fragmentos de sentimentos, esperanças e sonhos. Aquilo era tudo o que restava dos companheiros que eu nunca conhecera, daqueles que tinham lutado e morrido muito tempo depois de qualquer que tivesse sido meu fim. Andei para a frente e para trás, duas vezes, da enfermaria até o que restava das portas duplas automáticas que davam para o que um dia tinham sido os jardins. As longas caixas prateadas que serviam como nossos caixões ainda estavam lá fora, formas silenciosas ao sol, alinhadas em fileiras. Saí para a luz do dia e me fiz abrir uma.

Apesar dos meus medos, estava vazio. Eu não sabia se a fina camada de poeira que cobria o fundo era tudo o que restava de uma pessoa, se as caixas transportavam o corpo lá dentro para algum outro lugar, ou se aqueles caixões nunca tinham sido usados para começar. Já fazia tanto tempo que alguém estivera ali que isso não importava. Aquele lugar era apenas cinzas e pó.

A caixa era leve o suficiente para eu movê-la, então a puxei para dentro, para o corredor. Olhei para a Parede por um bom tempo, pensando, e então comecei a desmontá-la.

Penas, pedaços de vidro, papéis que tinham ficado finos e frágeis com o tempo. Joias, pictogramas e desenhos desbotados, livros empoeirados e amarelados,

desenhos tão fracos que já não se podia distinguir o que eram. Coloquei tudo na longa caixa prateada com cuidado, e, quando aquela estava cheia, arrastei-a para fora e peguei outra.

Alguns dos papéis viravam pó em minhas mãos, principalmente quando avancei mais no corredor, em direção às coisas que tinham sido colocadas ali há mais tempo. Chorei por aqueles papéis e as lembranças perdidas das pessoas que representavam. Parei várias vezes, horrorizado com o que eu estava fazendo, antes de ser tomado outra vez por renovada determinação. Se cinzas, pó e lembranças eram tudo o que restava daquele EntreMundos, era nosso dever enchê-lo outra vez de propósito. De esperança.

Os novos recrutas não veriam esperança quando olhassem para aquela Parede. Não veriam esperança quando notassem os caixões lá fora, ou quantos de nós já tinham morrido. Aquelas mortes não eram pessoais para eles. Eram um pesadelo, uma história de horror, um holocausto de um passado longínquo. Eram lendas e mitos, um lugar grande demais para pensarem em ocupar. Eles eram meus fantasmas agora, só meus.

Microchips e nanochips, cerâmica, linhas e pedaços de roupas e embalagens de balas, uma longa trança vermelha e algumas moedas estrangeiras. Tudo foi colocado com cuidado em um caixão de prata, e, quando finalmente terminei horas mais tarde, bem depois que o sol se escondera no horizonte distante, eu estava cansado, com fome e felizmente não estava sozinho.

Minha equipe se juntara a mim lentamente, ao longo do dia. Jakon, Josef, Jo, Jai e J/O vieram para me ajudar a dar àquelas lembranças um lugar de descanso. Avery ficou ali assistindo, sem dizer uma palavra. Ele nos seguia em silêncio, parecendo sentir que sua ajuda não seria apreciada, embora eu achasse que entendia. Ele até pareceu solidário quando tirei minha própria homenagem a Jay, a terra e as rochas do planeta em que ele morrera e que formavam as palavras “Eu sinto muito”.

Trabalhamos em silêncio até acabar, e então eles me ajudaram a levar os caixões para o escritório do Ancião. Parecia apropriado, de alguma forma. Nós não o usaríamos muito, e o lugar era grande o bastante para que todos os caixões fossem colocados contra a parede e ainda sobrasse espaço se precisássemos.

Voltamos para a casa de máquinas. Dessa vez, me fiz ir até os corpos; havia mais caixões do que precisávamos para guardar todo o material da Parede. Cada um de nós pegou, então, a beirada de uma cama, ajudando a levá-las para os jardins, e depois colocamos nossos colegas mortos um a um nos caixões. Avery e eu voltamos juntos para buscar Josephine.

Quando terminamos, havia seis longos caixões prateados no pátio. Quatro deles estavam ocupados, e Josef e J/O pegavam os dois restantes. Então Avery foi até cada um dos caixões de uma vez e colocou uma das mãos sobre eles. Um a um, eles

brilhavam, emitindo uma luz verde, e desapareciam, e não me preocupei em perguntar para onde ele os estava mandando. O Ancião tocava os caixões e os fazia desaparecerem também, e, até onde eu sabia, ninguém nunca tinha lhe perguntado para onde eles iam. Talvez eles levassem os corpos para casa, onde quer que isso fosse. Talvez nos levassem para um mundo onde pudéssemos nascer de novo, ou para um planeta que contasse como o céu. Talvez fosse para um cemitério ou um buraco negro. Eu não sabia, mas isso não importava. A morte era a morte, e aonde íamos depois era algo que eu descobriria quando minha hora chegasse.

Avery parou junto ao quarto caixão e pousou a mão sobre ele por mais tempo do que fizera com os outros. Vi seus lábios se moverem enquanto murmurava alguma coisa, baixo demais para qualquer um de nós ouvir, e então o mandou para longe dali com os outros. Felizmente ou não, eu *tinha* aprendido a ler lábios, e ecoei suas palavras em um sussurro quando o último caixão brilhou em um tom verde e desapareceu.

– Adeus, Josie – falei tão baixo que as palavras foram levadas pelo vento.

Minha equipe e eu nos revezamos acordados naquela noite, cada um de nós ficando de olho em Avery e J/O em turnos. Eu sabia que provavelmente estava sendo paranoico, mas não podia me dar ao luxo de não ser.

Josef e alguns dos Andarilhos que escolheu lentamente limpavam os corredores, e ficou mais fácil de ir de um lugar ao outro sem ter de andar por cima de escombros e detritos. Jo, como eu tinha previsto, resolveu rápido a questão de colocar os espaços públicos em funcionamento; ao anoitecer do dia seguinte, todos os cerca de vinte e cinco de nós tinham dormitórios utilizáveis e o refeitório estava, se não limpo o suficiente para se comer direto do chão, pelo menos a caminho disso.

O arranque da nave tinha colocado todas as funções básicas em operação, então pudemos abrir as venezianas e fazer a ventilação funcionar por toda a nave. A força auxiliar entrou em ação no segundo dia, e o EntreMundos tornou-se autossustentável mais uma vez. Avery, fiel à sua palavra, expandiu os parâmetros de tempo no motor de dobra, e fizemos o salto de volta para nossa própria linha do tempo quase sem turbulência.

Jobb trouxe um recruta naquele segundo dia, uma garota de aparência inteligente que usava o cabelo vermelho em um corte de fada. Ela era mais baixa e mais esguia do que a maioria de nós, versões do meio do Arco da Terra, e seus olhos combinavam com o cabelo. Não havia nada de realmente especial com relação a ela – não vinha de um mundo forte em magia ou em ciência, embora tivesse jeito para consertar as coisas. O nome dela era Jorily, e, logo nos primeiros instantes que a conheci, estava quase convencido a fazer dela a intendente temporária. Afinal, ainda tínhamos um armário de equipamentos cheio de coisas que, no momento, não

passavam de sucata. Agora que tínhamos energia, algumas dessas coisas poderiam ser recarregadas e possivelmente consertadas. Então disse a Job para apresentá-la ao trabalho, além de quaisquer programas de treinamento básico que ele estivesse iniciando.

Eu estava trabalhando do escritório do Ancião, o que *não* tinha sido ideia minha. Job e alguns dos outros tinham formado uma equipe para limpá-lo e deixá-lo mais ou menos organizado e insistiram para que eu passasse a me comunicar com os Andarilhos a partir dali.

– Está ligado a todos os principais intercomunicadores – ressaltara Job. – É um local seguro com mais escudos e protocolos do que podemos catalogar e já é automático para a maioria de nós ir para lá em caso de emergência.

Ele falara muito mais do que isso, principalmente sobre como precisavam ter alguém a quem procurar, e não se tratava tanto de estar no comando, como *parecia* que eu estava. Eu era um símbolo, pelo menos no momento, o que significava que tinha de me sentar a uma mesa, dividir nossos membros atuais em equipes e elaborar listas de tarefas que precisavam ser feitas. Significava que, pelo menos por alguns dias, eu tinha de ficar quieto e me recuperar, já que ainda estava ferido.

Eu já estava enlouquecendo no terceiro dia.

Job trouxera mais três recrutas, e conheci todos eles. Dei-lhes a versão condensada do que estava acontecendo, desejei sorte e os mandei para ter aulas de combate com Jakon e assistir a palestras sobre tática com Jo. Eu vasculhara todo e qualquer arquivo que ainda estivesse legível no escritório do Ancião, tentando encontrar *algo, qualquer coisa*, que me desse algum tipo de direção, e eu já fazia isso há dois dias quando me ocorreu que, embora aquele pudesse ter sido o escritório do Ancião no *meu* tempo, eu não fazia ideia de a quem pertencia quando a nave fora abandonada.

Parei na hora. Aquele tempo todo eu vinha pensando em uma nova tripulação e uma nave muito mais velha, na nossa mesma causa séculos no futuro, e no mesmo Capitão.

Isso, é claro, era impossível. Mas igualmente impossível era a imagem de alguma outra pessoa sentada naquela mesa, alguma outra pessoa dando ordens ou mandando equipes em missões. O Ancião não tinha um vice-comandante. Não tinha um tenente, nenhum oficial fora os que mandava sair em missões ou para recrutar novos Andarilhos. Sempre tinha sido só ele. O que aconteceria se ele morresse?

O escritório do Ancião era o primeiro lugar a que íamos em caso de emergência, o primeiro lugar em que nos reuníamos no caso de acontecer *qualquer coisa* que não estivesse no manual oficial. Era onde recebíamos nossas missões e o primeiro lugar a que íamos – mesmo antes da enfermaria, em alguns casos – quando voltávamos. Eu não podia imaginar entrar naquela sala e ver outra pessoa.

Mas eu estava ali. Havia quatro ou cinco pessoas naquela nave agora que nem sequer tinham conhecido o Ancião. Pessoas que só tinham *me* visto sentado àquela mesa.

A ideia era aterrorizante.

Era tão aterrorizante que eu meio que me levantei da cadeira antes mesmo de saber exatamente aonde pretendia ir. Eu queria sair *dali*, queria ir para longe daquela mesa e do seu peso. Eu queria treinar os recrutas, ou sair para buscá-los. Aquela sala era muito grande e silenciosa.

Suspirei e com cuidado passei as pontas dos dedos na superfície lisa da mesa. Ela brilhou, então algumas palavras começaram a passar por lá – a mensagem de Josetta para mim, me dizendo para ficar ali que ela estava mandando alguém para ajudar. Quando eu chegara àquele EntreMundos pela primeira vez, quando a Patrulha do Tempo me mandara ali, eu fora até a mesa do Ancião e encontrara a mensagem. Estava pré-programada para reagir ao rastreador na minha corrente sanguínea, o que significava que uma hora desapareceria. Mas, por enquanto, eu estava preso a ver aquela mensagem toda vez que tocasse a mesa. Eu estava preso ao lembrete de que era apenas um recruta normal, que tinha me metido em mais coisas do que podia dar conta.

Eu ainda estava de pé em frente à mesa quando uma das luzes do intercomunicador piscou. Era o link privado da casa de máquinas, onde eu tinha deixado J/O, Jai e Avery.

– Joey. – Ouvi a voz de J/O dizer pelo alto-falante. Ele parecia apressado e preocupado. – Vários dos sistemas de alarme soaram ao mesmo tempo, e Avery saiu correndo porta afora. Mande Jai atrás dele, mas...

– Que tipo de alarmes?

– O radar tocou, depois os sensores de proximidade.

– Ative todos os escudos que tivermos energia para ativar...

– Não há nada na tela – interrompeu J/O. – Nada em que bater. O radar tocou uma vez, mas está escuro.

Fiquei ali parado por um momento, à espera de uma solução que viesse até mim. Eu não era um capitão, droga, não sabia o que aquilo significava ou o que fazer numa situação como essa.

– E você disse que Avery saiu correndo?

– Sim. Ele...

O que mais que J/O estivesse dizendo se perdeu em meio a um súbito bipe agudo. Então senti um sutil tremor sob meus pés, discreto o bastante para eu quase não notá-lo.

O EntreMundos era grande o suficiente para que um pequeno impacto em uma das extremidades da nave não fosse necessariamente sentido do outro lado, ou mesmo no

meio. O sinal sonoro curto que eu tinha ouvido vindo da casa de máquinas significava que tínhamos batido em alguma coisa.

– Fale comigo, J/O! O que foi isso?

– O radar não está... Espere, está piscando. É muito pequeno, na verdade... Joey, está indo em direção a você!

A descarga de adrenalina que senti foi agravada pela repentina batida atrás de mim. Virei bem a tempo de ver algo voar por mim, um vulto preto e verde. A coisa bateu contra a parede de trás do escritório do Ancião com força suficiente para fazer a sala tremer, e tossi em meio à súbita nuvem de poeira que se formou.

Eu tinha insistido para que quaisquer armas que tivessem sido limpas ou restauradas fossem dadas aos oficiais que estavam saindo em trabalho de campo. Tudo o que eu tinha era um canivete que encontrara na mochila de Josephine. Garantir que todas as equipes estivessem equipadas me parecera uma ideia perfeitamente sensata no momento, mas talvez eu estivesse prestes a lamentar essa decisão.

A poeira baixava lentamente, embora não parecesse mais poeira. Era bonito, como as nuvens em meu mundo, quando o sol estava se pondo. Como se houvesse uma luz por trás delas, uma luz roxa...

Corri, derrapando de joelhos ao lado dela.

– Acacia!

– Joey? – Ouvi novamente a voz de J/O pelo alto-falante, urgente e preocupada.

– Eu estou bem – gritei, abaixando para tirar alguns dos escombros de cima dela.

Acacia parecia que tinha vivido um inferno. Sua roupa tinha uma centena de pequenos cortes, e estava suja e chamuscada em alguns lugares, como se tivesse caído em um espinheiro. (Ou vários. E alguns deles podiam estar em chamas.) O rosto e os braços estavam do mesmo jeito.

Ela estava deitada de costas, uma pequena endentação acima dela, de onde obviamente tinha batido na parede e caído. Arrisquei um rápido olhar por cima do ombro; parte da porta do Ancião, que já não estava em sua melhor forma depois do que esvaziara a nave, ficara ainda pior onde ela a acertara. Senti meu sangue correr gelado quando percebi: de alguma forma, a coisa que tínhamos atingido era *Acacia*. Não havia como ela sobreviver a esse impacto.

Ela deixou escapar um som muito fraco, baixo demais até para um sussurro. Levei a mão ao seu pescoço, procurando seu pulso. Por milagre, encontrei. Por um milagre mais ainda, ela virou a cabeça para me olhar. Seus lábios se moveram.

– O que foi? – Eu me abaixei e cheguei tão perto que podia sentir sua respiração na minha orelha.

– Vou pagar pelos estragos – murmurou ela.

– Vou matar você – falei, estendendo a mão para tocar seu rosto.

– Entre na fila – disse uma voz atrás de mim, e fui sumariamente empurrado para o lado quando Avery ajoelhou-se ao lado da irmã, pegando-a com cuidado nos braços.

– Ugh – murmurou ela, franzindo o nariz em uma expressão que eu já vira no rosto da minha irmã umas mil vezes, quando olhava para mim. – *Você* não.

– Onde raios você esteve, Cace?

– Em toda parte. Não podia navegar. As estrelas tinham desaparecido... elas vão... elas vão... – Acacia arregalou os olhos, levantando-se nos braços de Avery e estendendo a mão para agarrar a frente da minha camisa. – As estrelas vão – disse-me urgentemente, tudo em sua expressão indicando que aquilo era de vital importância.

– Para onde? – perguntei.

– Morrer – disse ela. – Eles estão morrendo. Noite Gélida...

Então afrouxou a mão na minha camisa, e seus olhos perderam o foco. Ela desmaiou na hora, ficando mole no colo do irmão.

– Senhor? – disse outra voz atrás de mim, e senti uma alteração no ar em razão do feitiço de teletransporte de Jai.

Jai gostava de seguir os protocolos e insistia em me chamar assim enquanto eu estivesse na mesa do Ancião. Normalmente isso me incomodava; mas agora eu estava focado em Acacia.

– Vá até a enfermaria – falei para ele. – Diga-lhes que temos nossa primeira paciente, em seguida volte para a casa de máquinas. Cuido das coisas por aqui.

Ele olhou brevemente para Avery, depois assentiu. Avery ficou de pé, com Acacia no colo. Ele a levantou com facilidade, sem prestar atenção quando Jai desapareceu. Agora que os dois estavam no mesmo lugar, a semelhança entre eles era mais óbvia – mas, mesmo inconsciente, Acacia tinha uma chama pessoal que era diferente da intensidade silenciosa do irmão.

– Por aqui – falei, e me virei para sair. Vi um brilho verde em minha visão periférica. Meu instinto assumiu, e então virei e segurei Avery. Fechei uma das mãos em volta de seu braço, e a outra no ombro de Acacia. Eu não ia deixá-la desaparecer novamente de jeito nenhum.

– Solte, Harker.

– Aonde você vai?

– Para casa.

– Por quê?

– Porque ela precisa de cuidados médicos, e meu povo é melhor equipado para isso do que o seu.

Eu não podia argumentar contra isso, nem queria. Eu queria que Acacia ficasse bem, mesmo que isso significasse ela voltar para a Patrulha do Tempo e ficar longe

de mim... e por essa razão, eu odiava o que estava prestes a dizer.

– Sua missão não era resgatar sua irmã. Era nos ajudar a deter a NoiteGélida, e Acacia tem informações sobre isso. Ela precisa ficar aqui até eu conseguir essas informações.

A postura de Avery já era bem rígida, mas ele conseguiu se aprumar ainda mais ao olhar para mim. Seus olhos se estreitaram, e senti seu braço flexionar onde eu o segurava pelo punho. Se ele não estivesse com Acacia nos braços, teria tentado se livrar de mim.

– Olha – falei, tentando soar razoável –, estou preocupado com ela também. Mas você mesmo disse que a NoiteGélida iria erradicar *tudo*, incluindo a Patrulha do Tempo. Você pode levá-la de volta para lá agora, mas não será seguro. *Nenhum lugar* será seguro até determos isso.

– E que informações você acha que ela tem? – perguntou Avery. Sua voz era fria e perfeitamente controlada.

– Não sei, mas *qualquer* informação é melhor do que o que temos. Só leve-a para a enfermaria para fazermos o que pudermos e tentarmos descobrir o que ela sabe, e então deixo você levá-la de volta. Eu juro. – Relaxei a mão em seu punho, então deliberadamente o soltei, deixando meu braço cair ao lado do corpo.

Ele me encarou por um instante desconfortável, e eu estava a ponto de perder o controle outra vez quando ele finalmente virou e começou a andar. Avery não disse uma palavra, não deu qualquer indicação de que concordava, exceto pelo fato de estar fazendo o que eu havia pedido e não desaparecer em um brilho verde. Era um milagre esse cara ainda não me ter feito perder a cabeça.

A caminhada para a enfermaria foi curta e silenciosa, cheia de paredes nuas e longos corredores. Era doloroso lembrar onde ficava a Parede; o corredor parecia se estender indefinidamente, e o metal vazio à nossa volta parecia acusador. Eu não duvidava que a tradição da Parede fosse se iniciar de novo. Um de nós inevitavelmente iria morrer, e era mais do que provável que aqueles que ficassem fossem continuar a honrar os mortos dessa maneira.

Devia começar com Josephine, pensei, incapaz de me evitar. *Eu devia procurar em sua mochila, encontrar algo de que ela gostava...*

Era um pensamento bonito, mas não conseguia fazer aquilo naquele momento. Ainda não. Não quando, em breve, podíamos não passar de lembranças.

Avery não saiu do lado de Acacia durante os vários minutos que se passaram até ela acordar. Quando concluiu que nossa tecnologia rudimentar seria adequada para ajudar a irmã, afastou-se e ficou ouvindo Jiana (ela era da equipe de Joeb e um dos poucos Andarilhos com treinamento médico que tínhamos) fazer perguntas a Acacia sobre sua respiração e se sentia ou não tontura ou que ia desmaiar. Se eu fechasse

os olhos, quase podia fingir que estava em um hospital na minha versão da Terra.

– Ela está severamente desidratada e desnutrida, mas as injeções de vitamina vão ajudar com isso. Os cortes vão cicatrizar sozinhos, mas eu lhe dei uns comprimidos para garantir que não infeccionem – explicou Jianaé, falando para mim e para Avery. – Posso tratar os sintomas, mas nunca vi esse tipo de doença antes.

– Ela está com o mal do tempo – disse Avery calmamente. – Você não pode curá-la. A Patrulha do Tempo pode.

Lancei-lhe um olhar rápido (Jianaé fazia o mesmo enquanto prendia um monitor de pulso em Acacia), depois sentei na beira da cama de Acacia.

– Ei – falei, sem saber bem por onde começar.

Ela sorriu vagamente para mim, embora seus olhos não parecessem focar. Era como se ela estivesse olhando para além de mim, ou para onde eu estava há um instante.

– Ei – respondeu ela, embora após uma pausa mais longa do que o normal.

Houve outra pausa, durante a qual me lembrei vividamente que, na última vez em que nos víamos, estávamos bem perto de... bem, do que eu *esperava* que seria um beijo, mas sinceramente não havia como saber. Eu sabia que ela me intrigava, sabia que gostava dela, e parecia que ela se sentia da mesma maneira. Fora isso... era difícil conseguir pensar muito se eu poderia ter uma chance com uma garota que mal conhecia quando deveria descobrir se o mundo estava prestes a acabar.

Suspirei. Então falei:

– O que você disse sobre a NoiteGélida e as estrelas morrendo?

– Eu estava preocupada com você – disse ela.

– Eu estava preocupado com você também – admiti. – O que aconteceu com você?

Ela pareceu um pouco irritada. Em seguida, mordeu o lábio e sua expressão mudou, dando lugar a um ar triste e preocupado, e – fiquei surpreso ao ver – assustado.

– Não conseguimos detê-la, Joe.

– Eu sei. – Por impulso estendi a mão para pegar a de Acacia. Ela não reagiu.

– Lorde Dogknife... me jogou para fora do tempo – disse ela, olhando na direção de Avery. – Ele quebrou minha navegação e me lançou através das dimensões. Através do Lugar-Algum. Havia uma... criatura aracnídea...

Eu me curvei para a frente, apertando a mão dela. Só então ela reagiu, olhando para baixo e abrindo um discreto sorriso.

– Lady Indigo? – perguntei. Imaginei que fosse dela que estava falando, mas...

– Você sabe?

– Eu... – Comecei a responder, então parei. Eu sabia o quê?

– Quem? – perguntou ela.

Olhei para ela. Estava começando a parecer que não estávamos tendo a mesma conversa, principalmente porque ela não fazia contato visual.

– O quê? – perguntei.

– Você bateu a cabeça ou coisa assim? – perguntou ela.

– Não – respondi. – Bem, acho que não. Por quê?

– O que o quê? – perguntou ela, começando a parecer irritada.

Continuei olhando para ela, perdido.

– O quê?

Então ouvi o som repentino de risos atrás de mim, embora fosse uma risada que não reconheci. Virei, surpreso ao descobrir que era Avery. Ele ria de nós dois, sua semelhança com Acacia ainda mais evidente quando se divertia.

– Eu realmente deveria deixar vocês dois conversarem – disse ele, ainda rindo. – Mas acho que seria melhor se eu traduzisse. E sim – disse ele, olhando para Acacia. – É sim.

– O que quer dizer com traduzir?

– Cale-se, Avery – disse Acacia. – Não é engraçado.

Ele sorriu para mim. Olhei entre ele e Acacia, então pisquei.

– Você acabou...?

– De responder antes que ela falasse? Sim, embora não do ponto de vista dela. Acacia está com o mal do tempo – repetiu ele, parte de seu bom humor desaparecendo enquanto explicava. – Um efeito secundário disso é a defasagem temporal. O líder da BRUX jogou-a para fora do tempo, como ela contou. Ela não está nadando no mesmo fluxo, por assim dizer.

– Quer dizer que ela está... se atrasando? – Olhei de volta para Acacia, que olhava de um de nós para o outro... mas, enquanto Avery falava, ela olhava para mim.

– Não exatamente. Ela está reagindo no que ela percebe como tempo real, mas seu presente não está alinhado com o nosso presente.

– Ah. Como você sabe?

– Sou um Agente do Tempo. Sou treinado para ver essas coisas.

Lutei contra uma onda de irritação.

– Entendo. Então, ela estava...

– Respondendo às coisas que você tinha dito um momento antes. – Ele sorriu para mim de novo. – Se a situação não fosse tão terrível, eu realmente teria deixado aquilo seguir adiante. Imagino que teria ficado ainda mais engraçado.

– Sim, tenho certeza. – Olhei de volta para Acacia, que encarava Avery. – Mas ela não estava assim quando apareceu, estava?

– É que... estava apenas começando – explicou Avery, hesitante. Imaginei que fosse outra coisa supersecreta da Patrulha do Tempo. – Se ela não receber os

devidos cuidados, vai continuar a se afastar cada vez mais desse fluxo temporal.

– E isso é ruim?

Ele hesitou novamente.

– É... inconveniente. É perigoso se deixarmos que continue por um tempo muito prolongado... meses, ou anos.

Balancei a cabeça. Tudo o que importava era que podia ser revertido. Esperei até Acacia olhar para mim de novo (e fiz questão de não me mover muito, para que ela pudesse me acompanhar) antes de falar.

– Então, se eu... falar devagar, vai ficar tudo bem...?

– Sim, ainda que tedioso.

– Bem, que bom que o destino do Multiverso não é *urgente* ou nada assim – disparei. Não pude evitar.

Avery sorriu, imperturbável.

– No entanto, foi você que insistiu em interrogá-la do jeito que está.

Suspirei. Esperei até Acacia olhar para seu irmão com ar reprovador e virar o rosto para mim de novo, então recomecei.

– Acacia, você pode me contar sobre a morte das estrelas?

Houve outra longa pausa, em seguida seus olhos se fecharam e sua mão apertou a minha.

– As estrelas e os planetas – disse ela. – A NoiteGélida está se movendo. Tem se movido esse tempo todo... mas não é como eles queriam. Não vai se sustentar. Vai se extinguir.

Senti o alívio tomar conta de mim tão repentina e intensamente que fiquei zozinho. Ainda assim, me obriguei a esperar antes de perguntar:

– Não vai se sustentar?

Tive de esperar o devido tempo passar antes de ela responder. Eu tinha contado cerca de seis segundos de atraso entre nossas trocas, embora não pudesse saber com certeza quanto tempo levava para ela processar o que eu estava dizendo e escolher suas palavras.

– Não. Já pude senti-la morrendo, mas... mas ainda está reiniciando mundos. Não sei quantos até agora, mas está se movendo em um arco planejado... Seus inimigos já ganharam algumas bases novas – contou ela, desviando o olhar. – A NoiteGélida esvaziou mundos que eles podem usar da forma que quiserem.

Apertei sua mão, contei até seis, então disse:

– Mas isso é bom, não é? Podemos deixá-la morrer, concentrar-nos em rastrear aquela nave BRUX e tirá-la do rastro do EntreMundos. Certo?

Ela ainda não olhava para mim, mesmo depois de eu contar em silêncio até seis.

– Acacia? Você sabe onde vai acabar?

– Sim – respondeu ela. – O último mundo planejado é a Terra F épsilon noventa e

oito à sétima.

Eu não tive de contar os seis segundos antes de responder desta vez. O sangue congelou em minhas veias e o tempo pareceu desacelerar enquanto eu repetia a classificação em silêncio para mim mesmo. Terra Fε98⁷. A NoiteGélida tinha começado na Terra FΔ98⁶. A classificação de Terras era confusa na melhor das hipóteses, uma vez que tinha de haver alguma margem de erro; novas Terras eram criadas o tempo todo, e algumas antigas, destruídas. O subconjunto específico de Terras da categoria alfa a ômega eram aquelas do meio do arco, as que não eram inclinadas fortemente em direção à magia nem em direção à ciência. Como a minha.

O número de classificação da minha Terra era algo que eu só aprendera depois de estar no EntreMundos há algum tempo. Eles não queriam nos encorajar a sentir saudades de casa ou ficarmos tentados a fazer uma visita. Eu procurara o número sozinho, por curiosidade, e nunca esquecera: Terra Fε3¹⁴. Terra F épsilon três à décima quarta.

Um daqueles mundos era o meu.

– Joe – chamou Acacia um segundo antes de eu me levantar. Mal do tempo ou não, parecia que ela não tivera qualquer dificuldade em me entender. – Eu sei – disse ela, quando comecei a falar.

– Isso significa que o *meu* mundo vai ser... – Eu me interrompi, uma vez que ela já assentia.

– Eu vou – disse Avery.

– Avery – Acacia disse com urgência. – Você tem que dizer a ele.

Olhei para o irmão de Acacia, tentando acompanhar sua conversa fora dos padrões.

– Me dizer o quê?

– Que você não pode sair – disse ele.

Dane-se. Comecei a andar em direção à porta.

Avery se colocou à minha frente, as mãos levantadas.

– Você deve ficar aqui, Harker. Não há nada...

– Nada que eu possa fazer? Dane-se – falei, parando para fuzilá-lo com o olhar. – Posso pelo menos levar minha família para algum lugar seguro.

– E levá-los para onde? Para cá? Para morar no EntreMundos com você, o único Andarilho aqui a ter seus entes queridos por perto? E quanto aos outros Andarilhos? Alguns deles podem ter seus mundos no caminho da Onda também. Você vai lhes dar o mesmo aviso?

– É apenas justo – comecei, mas ele me cortou.

– E vocês vão todos sair correndo pelo Multiverso para trazer seus entes queridos para uma guerra em que não têm chance de lutar. Para mofarem nesta nave esperando vocês, aqueles que *eles* amam, voltarem de suas missões, o que

inevitavelmente não acontecerá para alguns.

Olhei furioso para ele, que me encarou do mesmo jeito de volta, nenhum de nós disposto a ceder nem um pouco.

– Me diga que estou errado – bradou ele.

– Você não está errado. Não está, mas o que devo fazer? Só deixar meu mundo ser destruído?

– Mundos morrem e surgem de novo a cada dia, Harker, a cada hora. O seu não é diferente.

Comecei a empurrá-lo para passar, mas Acacia (que provavelmente dissera isso alguns segundos atrás, de acordo com ela) gritou:

– Ouça o que ele está dizendo, Joe! A Patrulha do Tempo pode ajudar!

Parei, olhando para Avery.

– Como a Patrulha do Tempo pode ajudar?

– Não sei. Não sei do que ela está falando, já que não é nosso direito interferir com o curso do tempo.

– Isso não tem nada a ver com o tempo! É fora dele, fora de tudo, você mesmo disse isso... droga, vocês não têm nenhum protocolo para isso!

– Você está certo – admitiu ele. – Não temos. E esse provavelmente é o argumento que minha irmã pretende usar.

– Eu não sei – disse Acacia, respondendo minha pergunta de alguns instantes atrás. – Mas eu posso tentar. E tenho que voltar mesmo. Por favor, Joe, deixe-me tentar antes de você sair correndo!

– Vou levá-la de volta à Patrulha do Tempo, para que receba o cuidado de que precisa, e discutir esse assunto com o conselho – disse Avery. – Faremos isso o mais rápido que pudermos.

– Você é um Agente do Tempo – gritei, enfim, perdendo a paciência. Eu só conseguia pensar no colar que sempre usava, o que minha mãe fizera para mim na noite em que eu saíra de casa, e em quando eu lhe dissera que estava indo embora para protegê-los. – O tempo não significa nada para você!

Pela primeira vez, eu o vi ficar verdadeiramente irritado. Ele agarrou minha camisa de repente e me empurrou alguns passos para trás.

– O tempo significa *tudo* para mim – falou ele, ainda me pressionando a recuar. – Não se atreva a pensar que, porque eu o sinto de forma diferente, sinto *menos*.

– Foi assim que se apaixonou por Josephine depois de apenas cinco minutos?

Pode ter sido um golpe baixo, mas eu estava chateado e preocupado e vinha me perguntando que diabos tinha acontecido entre os dois desde que ele a chamara de “Josie”.

Por um segundo pensei que levaria um soco, mas ele me soltou.

– Sente-se, Acacia – disse ele, embora ela ainda não tivesse se movido. Então se

dirigiu a mim: – O tempo flui de maneira diferente nos mundos, Harker. O que foram cinco minutos para você podem ter sido cinco dias para nós, ou cinco anos. Além disso – concluiu ele, um sorriso curvando o canto de sua boca –, onde você acha que ela aprendeu a usar uma prancha antigravidade daquele jeito? *Você* com certeza não a ensinou.

Acacia foi se levantando mesmo assim, tentando soltar os vários fios e monitores a que estava ligada. Jianae pairava em torno dela, incerta, alternando entre ajudá-la a se soltar e lhe dizer que devia ficar quieta.

– Avery, pare – protestou Acacia. – Vamos embora. Por favor.

Virei de costas para ele, indo até Acacia. Eu estava furioso com Avery e preocupado com aquela história de que meu mundo iria morrer.

– Por favor, volte logo, Cay – falei para ela, e então estendi os braços para pegar seu rosto em minhas mãos. – Sei que isso não está acontecendo para você ainda, – continuei. – Mas espero que não se importe quando acontecer. – Então me curvei e beijei sua testa.

Avery colocou a mão no ombro de Acacia, olhando para mim de maneira reprovadora.

– Não, não vou falar para ele – disse Avery, e então os dois começaram a emitir um brilho verde. Acacia sorriu para mim antes de desaparecerem, e fiquei me perguntando o que era que ela queria me dizer.



CAPÍTULO DEZ

— Senhor?

Levei um instante para perceber que Jianae falava comigo. Eu não estava acostumado a se dirigirem a mim desse jeito, como se eu estivesse no comando, como se eu fosse alguém que soubesse o que estava fazendo. Como se eu fosse um líder.

Como se eu fosse o Ancião.

— É Joe – retruquei. – E não olhe para mim como se eu devesse saber o que fazer. Sua expressão mudou, parecendo solidária.

— Você não tem que saber o que fazer – disse ela –, mas você é o único disposto a tentar até agora. Senhor.

Olhei para ela, para aquela menina que eu mal conhecia e que me dizia que eu era o seu líder. Era verdade, e eu sabia disso. Fora eu quem reunira todos nós com a mais ínfima das esperanças de que pudéssemos, de alguma forma, deter a NoiteGélida. Não que eu soubesse *como* deveríamos fazer isso...

... mas eu tinha que descobrir. Porque eu era o único líder que eles tinham. Frustrado, bati a mão no intercomunicador de parede, ligando para a casa de máquinas.

— Jai, temos alguma equipe de extração fora no momento?

— Acho que Joeb saiu com uma equipe de três Andarilhos há duas horas.

— Tranque tudo quando eles voltarem. Nenhuma equipe sai de novo até eu mandar.

— Sim, senhor.

— J/O.

— Estou aqui. – Sua voz soou imediatamente no alto-falante. – Está tudo...

— Os sistemas de informação estão conectados?

— Eu os havia mantido desligados para economizar energia, mas posso religá-los...

— Faça isso e me encontre na biblioteca.

— Estou meio ocupado pilotando agora – falou ele, embora sem o tom sarcástico habitual.

Ele parecia particularmente obediente desde que Avery o trouxera de volta. Eu tinha quase certeza de que sabia o motivo, mas isso era um problema para outra ocasião.

— Nossos sensores de proximidade, obviamente, estão funcionando, então coloque no piloto automático.

— Nós batemos mesmo em alguma coisa? Eu sabia que as leituras disseram que

sim, mas...

– Alguma coisa nos atingiu – falei. – Vá para a biblioteca que vou explicar tudo.

A voz de Jai veio pelo intercomunicador quando eu estava para desligar.

– Devo inferir pelas suas ações que você tem um plano?

– Mais ou menos – respondi. – Embora isso provavelmente vá matar um monte de nós.

– Melhor alguns de nós do que todos nós – disse ele de modo solene, falando claramente dessa vez.

– Sim – concordei. – Algo assim.

Nunca gostei muito de ler quando era criança – alguns quadrinhos e mangás, histórias de ação e coisas do tipo –, mas a biblioteca do EntreMundos tinha sido uma espécie de refúgio. Eu passara a maior parte do pouco tempo livre que tinha sentado nas cadeiras superestofadas junto ao painel de lareira (apenas decorativo, algo que Jaroux, o bibliotecário, insistira em pedir para criar um clima), lendo as histórias de milhares de mundos diferentes. Tinha sido interessante ler sobre as Terras nas quais o Império Romano nunca havia caído, onde a Segunda Guerra Mundial nunca acontecera – ou, em algumas Terras, nunca terminara. Havia Terras em que Jesus tinha sido mulher e os grandes imperadores egípcios haviam conquistado metade do mundo antes que um asteroide dizimasse a outra metade. Era fascinante, e isso sem contar com as histórias dos mundos que nada tinham a ver com a Terra.

Aquela não era, evidentemente, a mesma biblioteca – ou era, mas muito tempo no futuro –, o que acabou por ser uma bênção, uma vez que aquele EntreMundos tivera muitos milhares de anos a mais para montar sua base de dados.

Sentei-me perto dos destroços da tela de lareira; as cadeiras já não existiam havia muito tempo. Dava para ver as palavras “O lugar da cura da alma” desbotadas e manchadas na parede perto do teto, uma homenagem à Biblioteca de Alexandria, que em algumas Terras nunca tinha sido queimada.

– Preciso que você acesse o sistema de catalogação – falei para J/O, que estava parado junto aos quiosques de informação.

– OK – disse ele, estendendo a mão. Ele checkou a conexão de porta, em seguida virou um de seus dedos para trás (eu sempre ficava nervoso quando ele fazia isso), revelando um mini drive USB modificado. – Que arquivo você está procurando?

– Esse é o arquivo – falei. – Não quero dizer o índice de títulos, estou falando dos arquivos com todos os planetas e dimensões catalogados.

Ele hesitou e depois estendeu a mão para se conectar. Qualquer um podia usar o quiosque de informações sem ter de se conectar, mas a matriz específica do corpo de J/O permitia que ele navegasse pelo sistema de forma mais fácil e mais rápida. Ele

poderia ligar seu dedo USB na porta e percorrê-lo com um pensamento, sem nem mesmo se incomodar com comandos de voz. Quando estudávamos juntos, eu sempre achava muito injusto ter de memorizar tudo que ele podia baixar direto para seus bancos de memória. Isso parecia tão distante agora. Não nos demos bem a princípio, mas eu o conheci melhor durante nossos dois anos de treinamento juntos. Ele era muito parecido comigo, só que... mais jovem. Ele tinha muito a provar, e sei que, seguramente, ainda estava se culpando por ter sido dominado pelos Binários e tentado me matar.

– Estou arriscando acreditar que não esteja mais infectado, você sabe – falei.

Ele empalideceu.

– Sinto muito, Joey – começou, mas eu balancei a cabeça.

– Não foi sua culpa. Você é você de novo, e é tudo que importa. – Senti que tirei um peso dele enquanto falava. Deixei-o absorver aquilo por um instante, e depois acrescentei: – Mas você devia instalar algum tipo de antivírus ou algo assim.

– Ha-ha. – Ele fez uma careta, mas vi um pequeno sorriso se formando no canto de sua boca.

– Sério, até o *meu* mundo tem isso. Norton ou algo assim, tá ligado?

– *Pff*. Claro. Norton.

Ficamos em silêncio por algum tempo. Embora eu tivesse gostado de provocá-lo, meus pensamentos se voltaram para Acacia e Avery e Josephine. Será que Avery tinha falado sério quando disse que a ensinou a usar uma prancha antigravidade? Será que no que pareceu cinco minutos para mim eles tinham mesmo passado tempo suficiente juntos para se apaixonarem no Lugar-Algum? Quanto tempo tinha sido para eles? Eu sabia que o tempo fluía diferente em alguns mundos... Será que ele a levava para algum lugar em que o tempo se movia mais devagar? Se ele realmente a amava, como conseguira deixá-la morrer – não, pior, como conseguira ele mesmo desferir o golpe mortal? Ele dissera que romper a ligação com Lady Indigo mataria Josephine, ainda assim estivera disposto a fazer isso de qualquer maneira. Será que a alternativa era tão terrível que matá-la tinha sido a única opção?

Eu não tinha gostado da atitude de Avery desde o início, mas se ele passara mesmo todo aquele tempo com Josephine, se ele a trouxera de volta para nos salvar sabendo que ela estaria em perigo, e então a perdera, acho que eu podia compreender por que ele não estava sendo nem um pouco amigável.

Seria assim também comigo e com Acacia se algum dia ficássemos juntos? Não me entenda mal, eu sabia que estava pensando muito à frente aqui. Ainda mal conhecia a menina, mas já havia algo suficiente entre nós para eu não conseguir deixar de me colocar no lugar de Josephine. Será que ela também tinha amado Avery? Será que soubera, durante os momentos que passaram juntos, que amar um Agente do Tempo era impossível?

J/O interrompeu minha linha de pensamento.

– Acho que encontrei, Joey.

Fiquei de pé e fui para trás de J/O. Um menu com algumas opções diferentes estava visível na tela, difícil de ler por causa da poeira e das pequenas fissuras. Parecia ser o que eu estava procurando, mas...

– Você pode lhe dizer para ditar o que está escrito?

– Os algoritmos de voz estão corrompidos – disse ele. – O sistema está parado há tanto tempo que só metade dele funciona.

– Não importa. Quero uma lista de todos os planetas classificados como Terra de F delta noventa e oito à sexta até F épsilon noventa e oito à sétima.

Ele fez uma pausa, claramente reconhecendo a primeira classificação. Não fiquei surpreso. Era o mundo Binário em que ele fora corrompido, de onde buscáramos Joaquim, o Andarilho que acabara não sendo um Andarilho de forma alguma...

Sendo bem franco, era o mundo onde tudo começara a se deteriorar com rapidez.

– OK – disse J/O. – Está indexando. – Ele parou de novo, obviamente digitalizando os resultados. – Bem... são um monte de planetas, Joey.

– Eu sei.

– O que estou procurando?

– Só projete a lista para mim.

Ele olhou ao redor procurando uma superfície plana e por fim escolheu a parede à minha esquerda. Seu olho cibernético ficou mais brilhante, os pequenos circuitos visíveis na íris ganhando vida. Um quadrado branco apareceu na parede, como quando ligamos um projetor antes de o filme rodar, então algumas palavras começaram a aparecer e rolar como os créditos finais, quase mais rápido do que eu podia ler.

Terra $F\Delta 98^6_{+1}$

Terra $F\Delta 98^6_{+2}$

Terra $F\Delta 98^6_{+3}$

Terra $F\Delta 98^6_{+4}$

Terra $F\Delta 98^6_{+5}$

– Vá em frente e tire as subcategorias – falei depressa.

– Um momento. – As classificações desapareceram, e em seguida recomeçaram.

Terra $F\Delta 98^6$

Terra $F\Delta 98^5$

Terra $F\Delta 98^4$

Terra $F\Delta 98^3$

Terra $F\Delta 98^2$

Terra FΔ98^l

Terra FΔ99

Isso continuou por um tempo. Havia muitas Terras diferentes (um número infinito, na verdade, uma vez que eram destruídas e criadas a cada segundo, mesmo *sem* a NoiteGélida vagando pelo Multiverso como um alegre cortador de grama), e eu não estava à procura de uma específica. O problema com o Multiverso era que os planetas e as dimensões existiam por todo o lugar; classificá-los e numerá-los de uma forma linear era quase impossível. A ideia básica era que as letras (principalmente) corriam para cima e para baixo, enquanto os números (sobretudo) corriam de um lado a outro. Apenas saber onde a trajetória de destruição da NoiteGélida começava e terminava não era suficiente, uma vez que poderia pegar vários caminhos diferentes para chegar lá. Meu mundo estar tão perto do final me permitia saber que a NoiteGélida acabaria eliminando toda aquela classificação. Eu só estava tentando descobrir como chegaria lá para ter uma chance de detê-la.

Eu estava a caminho de saber como encontrar a mais provável trajetória projetada quando os números de repente esmaeceram. Olhei para J/O, para ver se ele não estava ficando sem energia ou algo assim, mas ele parecia tão confuso quanto eu.

– Joey, há uma...

Mais palavras apareceram na parede.

ACESSO DE OFICIAL GARANTIDO.

– J/O, como é que você...

– Eu não estou fazendo isso – disse ele. – É uma variável programada; está reagindo aos parâmetros de pesquisa deste local e alguns outros fatores.

– Que outros fatores? – perguntei, mas as palavras piscaram e apagaram, e uma imagem apareceu na parede.

Era fraca e distorcida, granulada, como os velhos filmes mudos dos anos 1920. Levei um instante até para identificar do que se tratava a imagem, mas os seres humanos são treinados para reconhecer rostos primeiro – e um rosto que você sempre vai reconhecer é o próprio, mesmo que algumas décadas mais velho e com um olho artificial.

Era o Ancião. Capitão Joseph Harker, líder do EntreMundos.

Ele estava sentado atrás de sua mesa, olhando com seriedade para o que quer que estivesse gravando aquela mensagem. Começou a falar, sua boca obviamente se movendo, embora a granulação do vídeo tornasse difícil ler seus lábios.

– J/O, o som!

– O que eu sou, um sistema de home theater? Quer um pouco de pipoca, também?

– J/O...

– Estou tentando, Joey. Este arquivo é *muito* velho.

Grudei os olhos na imagem, tentando captar o que pudesse do que ele dizia.

Quase morri de susto quando, um pouco depois, J/O começou a falar na voz do Ancião.

– ... dar-lhe alguns momentos para colocar esse arquivo para funcionar direito, já que não sei quão velho ele será quando for vê-lo. Quando estiver tudo em ordem, dê o comando de voz “prossiga” ou selecione “continuar” em qualquer quiosque em que esteja. Eu espero.

A maneira como ele disse “Eu espero” me fez ao mesmo tempo sorrir e me apressar; era o mesmo tom impaciente que ele sempre usava, aquele que queria dizer *Eu espero, mas é melhor andar logo, antes que eu perca a paciência*.

– Prossiga?

– O reconhecimento de voz está quebrado, Joey, eu lhe falei – disse J/O na própria voz.

Olhei para o quiosque, onde a palavra “continuar” estava visível entre as rachaduras na tela. Toquei-a com um dedo, depois com dois. Então, quando nada aconteceu, bati nela com o lado do meu punho. A tela brilhou.

– Muito bem – disse J/O na voz do Ancião, quando a projeção começou a falar de novo. – Joseph Harker da Terra F épsilon três à décima quarta, acredito que seja você recebendo esta mensagem.

– Sim – falei automaticamente, mesmo sabendo que ele não podia me ouvir. Era apenas uma gravação. Uma gravação que o Ancião tinha programado especificamente para *mim*, que estivera no banco de dados do EntreMundos por milhares de anos.

– Embora eu desconheça sua situação precisa na época desta gravação, tenho certeza de duas coisas. Uma é que você está em uma versão futura desta nave, e a outra é que o EntreMundos Principal está condenado. – Ele olhou diretamente para mim, e juro que era quase como se estivéssemos olhando um para o outro, como se ele soubesse exatamente onde eu estava na sala.

“A nave BRUX *Adraedan* está atrás de nós, e coloquei os motores em marcha acelerada. Não podemos ultrapassá-los nem podemos deixá-los para trás Andando. Eles estão acompanhando nossas mudanças dimensionais e, se pararmos mesmo que por um instante, vão nos pegar.

“Dito isto, você estar vendo esta mensagem significa que tenho três coisas para lhe dizer.” Ele levantou um dedo. “Um. Fiz Jaroux definir certos protocolos para me alertarem quando esta mensagem for recebida. Tenho a data exata; e, graças ao rastreador que injetei em você semana passada, a sua localização exata.”

Antes que eu pudesse reagir a *isso* (aquele estúpido rastreador tinha entrado em campo mais vezes do que um golígono tinha ângulos retos), ele jogou outra bomba em mim.

– Eu provavelmente acabei de dar a ordem para evacuar o EntreMundos Principal

por completo, o que significa que os Andarilhos restantes nesta nave estarão chegando até você a qualquer segundo. Espero que esteja com a sala sinistra pronta.

Corri para o sistema de comunicação mais próximo, apertando a linha de transmissão principal.

– Jai, prepare a sala sinistra, temos Andarilhos chegando! – gritei.

– Dois – dizia o Ancião, erguendo dois dedos agora. Olhei para a projeção, distorcida e maior do que o tamanho real agora que eu estava abaixo dela. – Tente manter Tom com você o tempo todo. Ele será mais útil do que você pensa.

Meu estômago afundou enquanto eu ouvia. Ele estava me dando conselhos como se não fosse me ver, como se não fosse Andar para lá com os outros que vinham do EntreMundos Principal. Ele não estava vindo... Por que ele não viria?

– Três. – Ele abaixou a mão por completo, olhando sério para mim. Notei, então, um discreto sorriso em seu rosto, apenas por um momento. – É impossível – disse ele. – Mas faça de qualquer maneira. Vale a pena. – Eu não tinha ideia do que ele estava falando, até ele acrescentar: – Ela gostava de rosas alaranjadas quando eu a conheci.

E sem nenhum aviso, a imagem se apagou.

– J/O – falei, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa –, vá até a sala sinistra e ajude Jai, *agora*.

Ele olhou uma única vez de volta para a parede onde a projeção estivera, em seguida saiu depressa. Bati os dedos no intercomunicador outra vez.

– Jai, J/O está indo aí ajudar.

– Eles estão aqui, senhor. – Veio a voz de Jai pelo intercomunicador. – Estão todos aqui.

– E o Ancião? O Capitão Harker está com eles?

– Ele ficou – disse outra voz pelo intercomunicador. Após um instante reconheci o tom calmo e suave de Jaroux. – Nenhum de nós sabia que ele ia fazer isso, mas ele ficou. Acho que você sabe por quê.

Deixei meu braço cair ao lado do corpo, meu olhar voltando para a parede onde estivera a projeção.

– Maldição – falei. – Maldito seja.

– Senhor? – A voz de Jai ecoou pelos alto-falantes. – E agora?

Depois de um instante, levantei a mão para o alto-falante outra vez.

– Organize todo mundo – ordenei. – Cuide para que todos que precisem comer ou dormir possam fazer isso e mande qualquer ferido para a enfermaria.

– Sim, senhor – respondeu Jai. – Os recém-chegados devem esperar que você compareça nesta conjuntura?

– Não. – Parei para me avaliar, surpreendido pela tranquila certeza de que, de repente, tomara conta de mim. Havia uma coisa que eu podia fazer, e eu tinha de

fazer. Eu sabia que tinha de fazer. – Jai, J/O e Jo, vocês estão no comando. Vou sair por um tempo. Voltarei com o Ancião.

Houve um momento de silêncio no intercomunicador, e o desliguei antes que a onda de protestos começasse. A nave estava funcionando de novo, o que significava que tínhamos nos realinhado com nosso fluxo temporal, o que significava que não precisávamos de Tom para Andar. O EntreMundos Beta tinha sua própria fórmula agora, a qual Joeb vinha utilizando nos últimos dois dias para Andar de um lado para o outro com novos recrutas. Eu não precisava viajar através do tempo para chegar aonde precisava ir. Eu podia Andar, como sempre fiz, lateralmente através das dimensões.

A outra questão era que o Ancião tinha parado de fugir para deixar todo mundo sair da nave. Isso significava que a nave não estava mais se movendo, não estava presa em uma dobra perpétua – o que representava que minha velha fórmula para o EntreMundos Principal devia funcionar outra vez.

O endereço do EntreMundos era sempre o mesmo, independentemente de onde a nave estivesse. Era estática, constante, imutável – mas a nave tinha de *estar* mesmo estática para o endereço funcionar. E não estivera nos últimos dias. Agora estava, e eu podia Andar até lá sozinho.

Fechei os olhos e respirei fundo, chamando a velha fórmula do EntreMundos à cabeça. Ela se acendeu em minha mente como uma Estrela do Norte, como um farol.

$\{EM\} := \Omega/\infty$

Vi o caminho se abrir diante de mim, e eu...

... Me vi deitado de costas quando algo se chocou contra mim, sua textura uma combinação entre papel de seda brilhante e elástico. Abri os olhos e vi Tom pairando acima de mim, piscando em várias cores de *preocupação*.

– Tom...! O que você está fazendo?

Na última vez que eu o vi, ele estava dormindo (ou o que parecia ser isso, de qualquer forma), em meu quarto, cansado de Andar através do tempo como vinha nos ajudando a fazer. Joeb o levava junto algumas vezes para que ele o ajudasse a resgatar os Andarilhos, e o pobrezinho estava esgotado. E não era só isso, acho que a morte de Josephine tinha sido muito difícil para ele. Eles não tinham interagido tanto, levando em conta que Josephine atirara nele uma vez e tudo, mas eu ainda estava bem certo de que ele compreendia a morte e sentia falta de Josephine. Às vezes era complicado saber o quanto ele entendia, mas ele costumava compreender a maioria dos conceitos e as coisas que eu lhe pedia para fazer e parecia ter as próprias opiniões sobre o que acontecia.

Como agora, por exemplo.

Sentei-me, tentando me levantar. Tom flutuava em torno de mim, balançando para a frente e para trás.

– O que há de errado com você? – perguntei. – Por que me parou?

Ele piscou em algumas cores diferentes, em seguida ficou preto, pequenas luzes vermelhas passando por sua superfície como raios. Eu não sabia direito o que ele estava tentando dizer, mas definitivamente parecia ruim.

– Eu tenho que ir, Tom – tentei. – Tenho que ajudar o Ancião.

Sua cor se desbotou de cima para baixo, algo que normalmente significava *não*.

– Sim, tenho sim. Eu tenho que tentar.

Dessa vez, ele se iluminou, o que me confundiu. Ele concordava que eu tinha de tentar, mas não ia me deixar ir?

Confuso ou não, eu já conhecia aquele jogo. Eu conhecia meu amigo fovimal muito bem, e tínhamos desenvolvido um sistema bastante preciso de comunicação.

– Eu tenho que tentar, mas você não vai me deixar ir? – perguntei.

Ele adquiriu um agitado tom roxo, flutuando para a frente. Trocou de cores um pouco, formando um ponto escuro em seu centro, com linhas de circuitos azuis saindo dele. Parecia um olho gigante – como o olho binário do Ancião.

– O Ancião? – perguntei. Ele se iluminou. – O que tem ele?

Dessa vez, ele ficou azul e verde, com pequenas manchas brancas. As cores me faziam lembrar de casa.

– A Terra?

Ele se iluminou.

Eu não sabia o que dizer sobre isso. Como ele poderia estar em algum lugar na Terra? E *qual* Terra?

– Você pode me levar até ele?

Tom hesitou. Ele cintilou de maneira incerta, alguns números e equações aleatórios se movendo por sua superfície. Era a primeira vez que eu o via usar alguma coisa além de cores para se comunicar, mas eu não sabia bem o que ele estava tentando dizer.

– Olha, só faça isso – falei, frustrado. Tom parecia sugerir que o Ancião estava se movendo livremente por aí, que ele não era um prisioneiro da BRUX como eu tinha pensado, mas eu ainda estava preocupado com ele. Eu precisava encontrá-lo, e Tom nunca se equivocara antes. Além disso, a mensagem do Ancião dissera para mantê-lo comigo... – Faça da maneira como achar melhor, mas me ajude a encontrar o Ancião. Por favor.

Ele pareceu suspirar, um cinza fraco correndo por seu corpo esférico. Então, sem nenhum aviso, ele se lançou para cima de mim.

Não entrei em pânico, principalmente porque ele já tinha feito esse tipo de coisa antes. Na verdade, ele fizera exatamente isso anteriormente, quando me resgatara uma vez da BRUX. Nós colidimos e senti sua presença no fundo da minha mente, fraca e intangível. Juntos, nós Andamos.

O lugar entre as dimensões era conhecido por nós como a Interzona; sei que já a mencionei antes. O que ainda não fiz foi explicá-la, e isso, em parte, porque é mais do que um pouco difícil de explicar. A Interzona é como olhar através de um caleidoscópio que mostra imagens de uma centena de outros deles, todos com imagens de coisas, em vez de cores e formas. Há também milhares, se não milhões, de sons, cheiros e texturas. Há lendas sobre Andarilhos que ficaram loucos após a primeira viagem através dela, e eu estava muito inclinado a acreditar que essas histórias eram reais.

Mas a vantagem de passar por lá com Tom era que a Interzona é um lugar multidimensional – e, como uma criatura multidimensional, Tom era local. Quando eu olhava através dos meus olhos com Tom no fundo da minha mente atuando como um filtro de percepção, o caos da Interzona fazia todo o sentido.

Eu estava sobre o que parecia ser uma pilha de copos de papel descartados, embora estivessem todos fundidos juntos e parecessem um trampolim sob os meus pés. Olhei ao longe, ignorando o bando de pássaros de origami, o cheiro repentino de ovos fritos, e a compreensão abrupta da cor azul. Expandi meus sentidos e procurei com mais do que meus olhos.

Eu percebia o EntreMundos, a bonita cidade-cúpula que eu chamara de casa nos últimos dois anos. Era como colocar gotas de corante de alimentos em água clara, como a cor permeava lentamente o líquido. O EntreMundos era a água, e a tinta era a BRUX.

Afastei depressa minha mente daquilo, focando em vez disso no Ancião.

E eu o encontrei.

A equação veio na mesma hora à mente: $Terra \propto 3^{14}$. Meu mundo.

E além disso havia... nada. O caos organizado da Interzona se estendia para o puro e opressivo *nada*, a ausência completa de toda e qualquer coisa. Não era nem um vazio, era mais absoluto do que isso. Mais final.

Era um mundo à beira de um precipício, um abismo, uma fenda de nada infinito. Um mundo se ligando firmemente ao seu universo, ainda girando, esperando o fim.

Eu me concentrei no Ancião, naquele mundo, na beira do nada. E Andei o mais rápido que pude.

Havia centenas de portais pelos quais Andar só na minha cidade, mas aquele com que eu estava mais familiarizado era o do parque. Não estava sempre no mesmo lugar, mas estivera lá sempre que eu precisara.

Esse parque era o local onde eu fora capturado pela BRUX pela primeira vez, antes de chegar ao EntreMundos. Era onde eu aterrissara quando Lorde Dogknife me atirara através das dimensões. Era onde eu dissera um último adeus ao meu mundo havia poucos dias, e era onde eu aterrissava agora.

Estávamos no meio da tarde. Famílias faziam piqueniques, crianças subiam nos brinquedos de tamanho modesto, pessoas passeavam com seus cachorros, brincavam de jogar bola para o outro pegar e jogavam *frisbees*. Havia pássaros cantando. E em algum lugar, ali perto, estava o Ancião.

Eu podia senti-lo. Podia senti-lo ali e podia sentir o constante *nada* que se assomava no horizonte.

Saí em disparada pelo parque, sem me importar se alguém estava me vendo. Passei correndo por um casal que fazia um passeio, um homem empurrando um carrinho duplo de criança e uma mulher andando toda empinada pela rua, com saltos que provavelmente poderiam ser usados como arma. Desviei seguindo em meio a um grupo de crianças brincando de pega-pega e ignorando a pontada fraca nas minhas costelas quando meu pé pisou em um buraco no chão, abalando meu corpo inteiro.

Em alguns instantes, eu estava do outro lado da rua e corria pelas mesmas calçadas em que costumava andar de bicicleta todos os dias depois da escola. O garoto da casa ao lado – com vinte e poucos anos agora e passando alguns dias de férias da faculdade em casa – andava de skate bem na minha frente.

– Ei... – começou ele, me reconhecendo quando desci da calçada e comecei a correr pelo meio da rua. As linhas pontilhadas amarelas passavam, uma a uma, por baixo de mim. O céu parecia mais escuro do que há pouco. Uma sombra se movia sobre o sol.

O tempo pareceu desacelerar quando dobrei a esquina da minha rua. O vento soprava folhas secas por entre meus pés enquanto eu corria, e as luzes de freio vermelhas da van da minha família se apagaram quando eles pararam na entrada da garagem.

Azul, prata, verde, cinza, preto. Tom comunicava seu pânico silencioso no fundo da minha mente, mas eu ainda não falava sua língua.

Meu pai tirava dois sacos de compras do porta-malas. Mamãe soltava o Lula de sua cadeirinha e o apoiava em seu quadril, ajudando-o a segurar melhor o pequeno pote de bolha de sabão que eles provavelmente tinham acabado de comprar para ele na loja. Jenny pegava sua mochila no carro, rindo de algo que nosso pai dissera, e, parado à sombra da velha e frágil casa da árvore em que eu quase nunca brincara, estava o Ancião.

Minha família não o via. Minha mãe virou para dizer algo ao meu pai enquanto ele começava a levar as compras para dentro, e juro que ela deve ter olhado direto para o Ancião, mas não o vira. Mamãe e papai sorriam um para o outro, e o Ancião observava. E também sorria.

Ele estava de pé na grama, apenas parado ali, com os braços ao lado do corpo. Parecia tranquilo, como se aquilo fosse o que sempre quisera. Como se estivesse

esperando por aquele momento a vida inteira.

– Mamãe, papai! – gritei, mas o vento levou minhas palavras para longe.

Era um vento azul, um vento prateado, e soprava tão rápido que ficava difícil de ver. Ele roubava as cores, drenava o verde da grama e deixava tudo cinza. Soprou a casca para longe das árvores, a textura para fora dos edifícios, e cada partícula de areia e pedra saía pixel a pixel do asfalto.

Tudo isso girava em torno de mim, virando números, letras e equações à medida que passavam. Tudo se dissolvia em dados ao nosso redor, e ele continuava sorrindo. Aquelas coisas também rodopiavam em torno dele, e, então, algumas delas se desmembraram. Criaram um minirredemoinho de poeira à frente dele, movendo-se em sentido oposto ao do resto do turbilhão e tomando a forma de uma mulher. Ela ergueu uma das mãos composta inteiramente de elementos da tabela periódica, e todas as figuras rodopiantes emitiram um brilho verde. Ela moveu os dedos como se estivesse escrevendo, e então o vento mudou, seguindo na direção oposta. No sentido anti-horário, agora.

Ela se curvou para beijá-lo com lábios elípticos, as espirais logarítmicas de seu cabelo voando ao redor dos números perfeitos de seu rosto. Em seguida, todos os pixels, símbolos, somas e produtos do mundo à minha volta que voavam se conectaram, zumbindo como um enxame de abelhas. Eles rodopiaram em torno de mim, obscurecendo a visão que eu tinha do Ancião e da mulher feita de figuras. Então se grudaram a mim como metal a um ímã, e não vi mais nada.



CAPÍTULO ONZE

Eu sinto muito.

Não pude impedir. Não posso impedir. Nem mesmo sei se queria.

Não é esse o meu destino?

– O filhote acorda.

– Você já foi informado sobre sua condição. Já lhe disseram que acordaria.

– Ainda não entendo sua decisão de trazê-lo aqui. Eu queria que ele fosse apagado junto com seu mundo.

– Sua paixão é a sua loucura. Seria logicamente um desperdício deixar o Harker morrer quando ainda podemos usá-lo, principalmente depois que seu plano de capturar os outros Andarilhos falhou.

Ouvi, então, um som como o rosnado de um animal: um som baixo e gutural de alerta.

– Sua *ciência* também falhou, não é? A NoiteGélida não é forte o suficiente para se perpetuar.

– E é por isso que ainda podemos usar o Harker.

– Ele já escapou de nós duas vezes – falou, ríspida, a primeira voz.

Eu sabia muito bem quem era... essa era a *única* coisa que eu sabia, no momento. Lorde Dogknife.

Meu cérebro parecia estar rodopiando em minha cabeça e continuava repetindo as palavras que eu não identificara quem dissera: *não posso impedir*.

– E na última vez – continuou a voz – foi a *minha* perseverança que impediu que ele e a garota interferissem na perseguição da *Adraedan* ao EntreMundos.

– Um plano que acabou fracassando.

– Isso pouco importa, já que encontramos energia em outra fonte. Podemos perpetuar a Onda mesmo sem o Harker.

– No entanto, sua outra fonte de energia não é tão forte. Com o Harker, temos sucesso garantido. É a escolha óbvia.

Eles continuaram a discutir, mas as vozes foram ficando ao fundo. Eu não ligava para o que estavam dizendo. Não me importava onde eu estava, ou o que iria acontecer comigo.

Meu mundo estava morto.

Minha família estava morta. Meu pai bem-humorado, que sempre me apoiou e defendeu o que era certo, e minha mãe, inteligente e criativa, que não só acreditara em minha história maluca sobre ser um combatente interdimensional da liberdade,

mas me fizera um colar, me desejara boa sorte e me deixara ir embora de casa para sempre. Minha irmãzinha sensível e engraçada e meu adorável irmãozinho, que adorava Cheerios e bolhas de sabão. O sr. Dimas. O garoto andando de skate pela rua, e a gentil senhora da casa ao lado, que fora minha babá algumas vezes quando eu era mais novo. Eles todos se foram.

E o Ancião ficara lá e vira tudo acontecer. Ele ficara lá e *sorrira*.

Nós tínhamos confiado nele. Tínhamos *todos* confiado nele, estávamos todos dispostos a morrer por ele se necessário. Todos sabíamos por que estávamos no EntreMundos, por que tínhamos sido escolhidos, o que estávamos fazendo. Todos nós havíamos feito o juramento e sabíamos dos riscos.

E, no fim, ele despejara todo mundo em uma nave que não estava em perfeitas condições, abandonara nossa nave Principal – nosso *lar* – para a BRUX e assistira à destruição do meu mundo sem fazer nada para impedir.

Abri os olhos.

Sentia uma dor de cabeça forte como nada que sentira antes e podia vagamente sentir Tom no fundo da minha mente. Assim como quando a NoiteGélida fora iniciada, eu estava preso no que parecia ser um mundo Binário. Tudo era liso e brilhante, cheio de ângulos e vidros limpos. Eu não estava no mesmo tipo de malha metálica em que acordara antes, mas ainda me encontrava preso. Estava deitado no chão, fios pálidos serpenteando à minha volta. Sabia que estariam dispostos na forma de uma estrela de cinco pontas, provavelmente invertida, antes mesmo de olhar. Também sabia que me encontrava no centro dela.

Minhas mãos tinham sido atadas, cada punho preso ao chão por cerca de trinta centímetros de uma grossa corrente branca. Eram feitas de algo mais leve do que metal, mas que parecia muito mais resistente. O chão era de ladrilho branco, tão brilhante que meus olhos doíam ao olhar para ele. Havia um único pináculo em cada ponta da estrela de circuito, cinco no total, com um pequeno globo no topo de cada. Pareciam condutores, ou algo parecido.

– Bom dia, filhote.

A voz parecida com um rosnado de Lorde Dogknife era inconfundível, e o líder da BRUX olhava para mim com desgosto, curvando o lábio para trás como se não gostasse do meu cheiro. Lorde Dogknife era mais alto do que qualquer um que eu conhecera em meu mundo, forte e incrivelmente musculoso. A palavra “Adônis” vinha à mente, quase ao mesmo tempo que “Anúbis”, que era uma descrição igualmente apropriada. Sua cabeça era como a de um lobo ou uma hiena, embora ainda, de alguma forma, guardasse uma forte semelhança com um rosto humano. Era como se ele tivesse ficado preso no meio de uma transformação.

Eu o ignorei. E me forcei a me sentar e olhar em volta, embotado e curioso para saber o que havia por lá. Senti uma dor aguda no peito, como se meu coração

tivesse se transformado em gelo e estivesse estilhaçado. Doía para respirar, para pensar, até simplesmente *existir*. Meu mundo acabara. Pelo que eu lutava agora?

– Acho que eu deveria lhe agradecer por uma coisa, pelo menos – disse Lorde Dogknife.

Continuei a ignorá-lo, embora ouvisse um estranho som de *tique-tique-tique* que me enchia de um medo não identificável. Olhei para trás, tentando encontrar a fonte do barulho – e ali, aproximando-se de Lorde Dogknife pela direita, estava Lady Indigo.

Ela ainda era uma espécie de aranha gigante, seus apêndices que pareciam ossos sendo usados como pernas agora, em vez de asas. Sua pele ainda era avermelhada e transparente, os ossos visíveis sob a carne de borracha.

– Você me devolveu um dos meus generais – disse Lorde Dogknife com um sorriso, estendendo o braço para passar a mão por um dos longos ossos que se arqueavam das costas dela. Lady Indigo os usava para andar, como uma aranha, embora seu corpo fosse vertical em vez de horizontal, e os pés não tocassem o chão. – E agora, já que está aqui, posso ficar com ela.

Ah. Lady Indigo era a fonte de energia alternativa que Lorde Dogknife tinha mencionado. Eu imaginava que fazia sentido, considerando o poder que tinha das coisas que ela absorvera em Lugar-Algum...

– Olá de novo, Harker – falou ela.

Eu mal podia ouvi-la em meio às lembranças de meus companheiros gritando enquanto ela absorvia suas essências.

– Quase pensei que você ia me convidar para ir à sua linda casa na última vez que nos encontramos – disse ela, os lábios se retraindo sobre os dentes em um sorriso horrível. – Diga-me, como conseguiu romper minha ligação com sua amiga saborosa?

Engoli em seco, me lembrando dos últimos momentos de Josephine, a maneira como ela e Avery tinham sorrido um para o outro antes que ele cortasse as linhas em volta dela com sua espada de circuitos. Lembrei-me de como ela fizera o juramento do EntreMundos antes de morrer.

Eles me observaram por um instante; quando não respondi, Lorde Dogknife abriu um sorriso tranquilizador para ela.

– Isso não importa, Lady Indigo. Em poucos momentos, tudo será nosso.

Ela sorriu de novo, satisfeita.

– Sei que você queria que ele morresse em seu próprio mundo, Lorde Dogknife, mas devo dizer que concordo com a decisão do Professor de trazê-lo aqui. Desse jeito, é muito melhor. A nave do EntreMundos ainda está tão cheia de Andarilhos deliciosos...

– Quando a NoiteGélida estiver totalmente energizada, os Andarilhos não serão

mais uma preocupação para nós – lembrou Lorde Dogknife. – Nossa ascensão irá garantir isso.

Lady Indigo franziu a testa.

– Mas a nave do EntreMundos será uma das últimas...

– Silêncio, minha querida – disse ele, embora sua voz soasse como um discreto rosnado mais uma vez. – O Harker é esperto. Não devemos dizer muita coisa.

– O Harker é... essssperto... – repetiu ela, olhando para mim de maneira voraz. Literalmente, como se quisesse mesmo me comer.

– A NoiteGélida estará sobre nós em breve. Ela vai voltar para o seu poleiro, e vamos alimentá-la como mães pássaro.

– Mãessss... mãess pássaross...

Desviei os olhos, ainda apenas parcialmente capaz de me preocupar. A única coisa que realmente despertou meu interesse foi o fato de Lorde Dogknife chamar a atenção dela para não dizer mais nada na minha frente. Eu era o espinho em sua pata, e ele começava a reconhecer isso. Sorri amargamente. Era apropriado. Era a única coisa que o EntreMundos conseguira ser.

O EntreMundos será uma das últimas, dissera ela. Eu imaginava que isso era um pequeno conforto, mas, quando a NoiteGélida chegasse, iria acabar com tudo. Como acabara com meu planeta.

Senti aquela dor aguda em meu peito de novo e ignorei a discreta voz na minha cabeça que sussurrava *lute*. Pelo que eu iria lutar? Vingança? Era inútil.

Havia um enorme computador branco na parede oposta e uma tela cheia de programas abrindo e fechando em rápida sucessão. Eu sabia, sem nem pensar duas vezes, que aquela era a forma não humana do Professor. Parecia estar controlando toda a energia na área; os programas no monitor pareciam corresponder a partes do equipamento por toda a sala, que ligavam ou desligavam.

Concentrei-me, procurando, meio sem ânimo, um portal. Achei que tinha sentido um ali perto, ainda que de modo muito discreto, mas não conseguia alcançá-lo. As correntes me impediam de Andar, o que eu mais ou menos esperava. Mas consegui descobrir a classificação deste planeta: Terra Fε98⁷. O último planeta planejado no caminho da NoiteGélida.

– A NoiteGélida vem – disse Lorde Dogknife.

Eu estava ficando cansado de ouvir essas palavras.

Era isso. A NoiteGélida chegaria ali, iria me drenar de tudo o que fazia com que eu fosse *eu*, como quase já acontecera antes. Então seguiria em frente para remodelar o Multiverso.

Minha apatia anterior se desvaneceu um pouco ao pensar nisso. Sim, *meu* mundo estava morto, mas havia um número infinito de outros mundos. Havia um número infinito de paraencarnações minhas ainda a serem descobertas, e todas tinham pais.

Eu não pude salvar *minha* mãe e *meu* pai, mas os meus não eram os únicos por aí.

Além disso, e quanto aos meus companheiros, esperando no EntreMundos Beta? Eu lhes dissera que voltaria com o Ancião. Quem eles seguiriam agora que ele estava morto?

Eu achava que sabia a resposta, mas não gostava nem um pouco dela. Eles me seguiriam se eu conseguisse sair dali vivo.

Lady Indigo dissera que o EntreMundos seria a última, ou uma das últimas. Eu imaginava que ela queria dizer a última coisa que restava. Não tinha certeza, mas parecia um bom palpite. Lorde Dogknife falara que eles “ascenderiam”. O que *isso* queria dizer? A NoiteGélida tinha de *parar* em algum momento, certo? Se ela ia remodelar o Multiverso, tinha de haver um ponto em que ela alcançaria o seu objetivo e deixaria de existir, correto? Talvez se o EntreMundos entrasse em uma dobra perpétua de novo, ou algo assim... talvez pudessem fugir dela.

Isso era questionável; Acacia dissera que poderia correr para qualquer lugar do Multiverso, e ela não achava que haveria um local que pudesse ser seguro. Se nem mesmo a Patrulha do Tempo (e eu não tinha ideia de onde a Patrulha do Tempo de fato *ficava*, só parecia provável que uma organização com o único propósito de proteger o tempo seria muito remota) seria segura, eu não podia pensar que o EntreMundos seria capaz de escapar da NoiteGélida.

Ainda assim, era a única chance que eles tinham. Talvez se eu pudesse mandar Tom até eles e lhes dizer para entrarem em dobra... Era isso, ou esperar que a Patrulha do Tempo de alguma forma chegasse e salvasse o dia.

Como antes, Tom era uma fraca presença no fundo da minha mente. Ele fazia isso às vezes, parecendo meio se fundir comigo sem me dar toda aquela louca visão de tempo e espaço.

Tom, pensei, sem saber se ele conseguiria me ouvir. *Tom, você está aí?*

Tive a breve impressão de uma pupila se contraindo, ou um balão esvaziando, junto com a conotação de *medo*.

Sei, amigo. Eu também. Sei que você tentou me alertar antes. Você pode ir embora, OK? Pode ir para onde deve ser mais seguro, só tem de avisar os outros.

Não que eu soubesse *como* ele iria avisá-los. Até eu tinha dificuldade em me comunicar com Tom, e eu o conhecia melhor do que qualquer um dos outros Andarilhos.

– Tão trissste... o Harker não fala. Ele não gossssta de nós...

A voz de Lady Indigo chamou minha atenção para ela e Lorde Dogknife. Eles estavam juntos em um dos pilares, me observando com atenção. Eles me reparavam com tanta atenção que nenhum deles percebeu o fraco brilho verde faiscando no ar atrás deles, como um farol em uma tempestade distante.

– “Não gostar” é pouco – falei a ela, sentindo um sorriso curvar os cantos da

minha boca. – “Odiar” seria mais preciso. Mas sabe de uma coisa?

Ela inclinou a cabeça em um ângulo que não parecia possível, muito menos confortável.

– Não odeio você tanto quanto *ele*.

O rosto dela registrou confusão por um breve momento – então dor, quando a lâmina de circuitos de Avery cortou o ar e acertou um dos ossos que a mantinham de pé.

Lady Indigo gritou, cambaleando para o lado quando o membro se curvou para baixo dela e os outros se deslocaram para compensar sua falta. Ela girou para encarar o garoto de cabelos escuros e olhos violeta, segurando uma espada.

– Olá, linda – disse ele. – Acho que você está me devendo uma conversa.

Ela rosnou, golpeando-o com um de seus membros. Era longo e afiado na ponta, mas Avery se movia tão rápido que parecia um borrão, brandindo a espada ao mesmo tempo. Lorde Dogknife se moveu também, levantando a mão para realizar algum tipo de feitiço.

– Avery, cuidado! – gritei, ao mesmo tempo que um raio de energia sombria saiu da palma da mão de Lorde Dogknife. Avery ergueu a espada de novo, desviando o que quer que fosse, e então vi outro brilho verde faiscando no ar bem à minha frente.

– Ei, Joe – sussurrou Acacia, aparecendo tão perto de mim que senti sua respiração em meu rosto. – Vamos tirá-lo daqui.

Engoli em seco, de repente incapaz de formar palavras. Diversas emoções e pensamentos passaram muito depressa pela minha mente. Alívio primeiro, alívio por não estar mais sozinho ali, por eles terem vindo me resgatar. Apatia outra vez, porque queria contar a ela o que tinha acontecido com meu mundo, mas não encontrava as palavras, e por fim raiva. Raiva, porque ela dissera que a Patrulha do Tempo iria ajudar. Ela me fizera deixá-la ir e fora embora com a promessa de que faria algo para salvar o meu mundo, e não fizera.

– Você está um pouco atrasada – falei, incapaz de esconder a irritação em minha voz.

Ela nem sequer olhou para mim quando colocou as mãos nas grossas correntes brancas que me prendiam ao chão.

– Agora não, Joe. – Os sons da batalha podiam ser ouvidos ao nosso redor, enquanto Avery continuava a se esquivar de Lady Indigo e desviar a magia de Lorde Dogknife. – Ele não pode segurá-los por muito tempo. Temos que tirar você daqui.

– Por quê? – Vi suas unhas emitirem um brilho verde nas mãos, os pequenos circuitos pulsando de energia. – Para que possamos voltar ao EntreMundos e catar os cacos como uma grande família feliz?

– Não siga por esse caminho da autopiedade amarga, Joe, realmente não combina com você.

Desviei o olhar, magoado... a tempo de ver Lorde Dogknife, sangrando de um corte em seu focinho, virar e disparar outro raio de energia em nossa direção.

– Acacia! – Avery e eu gritamos ao mesmo tempo, mas o raio acertou-a antes que ela tivesse tempo de se mexer.

Ela foi jogada a alguns metros de mim, embora tenha agachado e rolado em uma posição defensiva. Algumas linhas de eletricidade a percorreram por um instante como o resto de um choque estático, e me lembrei de vê-la usando uma espécie de escudo de pele antes. Ela parecia não ter se ferido, o que era bom, pois assim pôde se esquivar da próxima coisa que Lorde Dogknife atirou para cima dela, que parecia um bando de morcegos com corpos vaporosos vermelhos.

Concentrei-me em meu interior de novo, com a intenção de convencer Tom a ir ao EntreMundos lhes dizer para acionar a marcha acelerada. Quando não recebi resposta, percebi que ele havia desaparecido por completo da minha mente. E eu nem notara que ele tinha saído.

Boa sorte, camaradinha, pensei, quando vi pelo menos duas portas de lados opostos da sala se abrirem, e os clones Binários de olhos vidrados usados como seu exército começarem a entrar. A cavalaria chegara, e não estava do nosso lado.

Em seguida, uma sensação, tão familiar para mim quanto as próprias batidas do meu coração, vibrou no ar, como um perfume que se conhece a vida inteira chegando até você em uma súbita brisa. Lady Indigo levantou a cabeça obviamente feliz, emitindo um grito selvagem.

– Eles vêm! Como mariposas em direção a uma chama, eles vêm!

E assim, de repente, a sala estava cheia de Andarilhos. Eu não fazia ideia como todos tinham passado pelo mesmo portal... e então eu vi Tom, balançando acima da cabeça de Jai. De alguma forma, ele devia ter ampliado a passagem.

– Pelo Capitão! – gritou Joeb.

Eu me encolhi.

A sala foi tomada por uma súbita agitação. A grande tela na parede oposta – o Professor, líder dos Binários – ganhou vida mais uma vez, assim como os cabos brancos que compunham a estrela da qual eu estava no centro. O primeiro Andarilho a vir em minha direção, alguém que nem sequer reconheci, tentou trocar a posição dos fios em um dos cabos e foi lançado para trás. Os outros desaceleraram, um deles se ajoelhando para ver como estava nosso companheiro caído, e o restante ou parando para lidar com os clones Binários ou tentando encontrar alguma maneira de contornar os fios.

J/O parou na beira da estrela, falando com Jai, e percebi que não podia ouvi-los. Quando os fios ganharam vida, um escudo cintilante que mal dava para ver se erguera em torno das beiradas da estrela. Ele subia em direção aos condutores e depois seguia para o teto. De repente, senti como se eu estivesse em alguma espécie

de vácuo. Eu não podia ouvir nada que acontecia além do escudo.

Era surreal, como assistir a um filme de ação sem o som. Tudo era o caos além das paredes translúcidas, mas eu não ouvia nada.

Acacia trocava golpes com Lorde Dogknife, esquivando-se e passando por entre os diversos equipamentos e Andarilhos, ora se protegendo, ora disparando várias armas e dispositivos de seu cinto de ferramentas. Ela parecia estar aguentando bem. Infelizmente, o mesmo podia se dizer de Lorde Dogknife.

Avery fazia o mesmo com Lady Indigo, agora empunhando a espada em uma das mãos e o que parecia ser um longo tubo na outra. Quando ele levantou o tubo para bloquear um dos ossos afiados que Lady Indigo usava como armas, percebi que era a bainha da espada.

Lady Indigo não parecia estar se saindo tão bem quanto Lorde Dogknife. De suas oito pernas semelhantes a ossos, duas haviam sido cortadas bem nas articulações, e uma estava encolhida, ferida e inútil, perto do corpo. Ainda comprovadamente louca, ela ria e gargalhava do Agente do Tempo mesmo quando ele chegou a cortar alguns fios do que restava de cabelo em sua cabeça.

O ar estava cheio de projéteis sendo disparados de um lado para o outro entre Andarilhos e clones. Não estavam todos da base ali – isso significaria quase quinhentos de nós, e, embora a sala fosse grande o suficiente para comportar todos eles, parecia haver metade desse número naquele momento. Mas os outros estavam ali também – eu podia senti-los, em frente àquela sala, impedindo que outros clones entrassem.

Eles tinham vindo por mim. Cada um deles, mesmo os feridos. Cada Andarilho da Cidade Base tinha vindo até ali, para o fim do Multiverso, por mim.

Olhei para as correntes em que Acacia vinha trabalhando, dando um puxão para ver como estavam. Um dos elos parecia transparente, o que eu esperava que significasse que estava danificado. Eu o enrolei em meu punho (o danificado, é claro...) para fazer uma alavanca e puxei com toda a força.

Observei à minha volta, enquanto puxava, usando o que eu via tanto como distração quanto como encorajamento. Jo ajudava Acacia, voando em volta e atirando em Lorde Dogknife com uma pistola a laser que pegara de um dos clones Binários. J/O e Jai tinham ido direto até o Professor e pareciam estar tendo uma discussão acalorada, enquanto alguns dos outros Andarilhos – reconheci Josef e Jakon, em particular – lutavam para protegê-los dos fios que balançavam no ar como chicotes.

Senti a dor lancinante no meu punho ao mesmo tempo que notei que a corrente se soltou, e meu próprio momento linear me fez tombar para um lado. Mas eu estava com uma das mãos livre, e isso significava que poderia usar as duas para tentar soltar a outra corrente.

Enrolei a corrente em torno das mãos e puxei de novo, apoiando meus pés onde se prendia ao piso. Depois de algum tempo, tive de desistir, ofegante e suando em razão do esforço. A corrente não tinha sequer saído do lugar. Acacia não conseguira danificar essa. Eu não tinha nada comigo além do canivete de Josephine; era uma boa faca, a lâmina com cerca de seis centímetros e meio, o cabo, resistente. Ainda assim, não achava que faria muito estrago naquelas correntes.

Olhei em volta outra vez. Tom se agitava ansioso por fora da estrela, pulsando diferentes matizes de azul e prata. J/O e Jai ainda discutiam. Finalmente, J/O gritou algo para Jai, que abaixou a cabeça e assentiu. Juntos, eles viraram e se esquivaram através da massa de fios parecidos com tentáculos que se contorciam, seguindo direto para a máquina gigante. J/O virou um de seus dedos para trás revelando a mini-USB, e Jai colocou suas mãos, uma de cada lado, na cabeça do ciborgue.

– NÃO! – gritei inutilmente... eles não podiam me ouvir.

O corpo todo de Jai brilhou vermelho. O mesmo aconteceu com J/O, quando minha versão mais jovem conectou a USB em um dos muitos painéis da máquina gigante.

Houve um som como o rangido de um metal, algo que até mesmo eu pude ouvir. Parecia vir das próprias paredes, de cada equipamento na sala e dos fios que me cercavam.

As paredes transparentes que me prendiam abaixaram. Ao mesmo tempo, cada clone Binário na sala congelou, alguns deles caindo ao chão. E, junto à máquina cheia de fumaça e faíscas que abrigara o líder Binário, J/O e Jai também.

Josef correu até onde eu estava, puxando a corrente com sua mão enorme. Quando quebrou o elo que restava, ele me pegou com a outra mão e me colocou debaixo do braço como uma bola de futebol americano. Tom girou em torno de nós, aquelas estranhas equações piscando em sua superfície outra vez, como acontecera na biblioteca.

– Tirem-no daqui! – gritou Acacia, mas habilmente consegui me livrar do braço forte de Josef. – Joe, *vai embora daqui!*

Eu a ignorei, correndo até Jai e J/O. Olhando rapidamente, vi que a respiração de Jai estava fraca. A imensa máquina na parede ainda faiscava, soltando um fumaça vermelha doentia. E a mesma coisa acontecia com J/O.

Puxei o ciborgue em minha direção, começando a checar várias partes essenciais e vi que estavam todas comprometidas. Ele era metade robô, e tinha muito poucos dos sinais vitais humanos. Tossi, abanando a fumaça para longe, e passei a mão em frente aos seus olhos. Nenhuma reação.

Um de seus olhos, como o meu, era castanho. O outro era vermelho, como ficava às vezes quando ele o usava para projetar uma imagem ou pesquisar bancos de memória interna. Mas dessa vez era diferente. Seu olho tinha um tom embotado de

vermelho, e um pequeno ponto preto no meio. Parecia uma máquina desligada. Sem vida.

De todos no EntreMundos, J/O era o que mais se parecia comigo. Era como um eu mais jovem, e era mais do que terrível ficar ali sentado olhando para o meu rosto sem vida.

Não era a primeira vez que eu tinha de fazer isso. Eu também sabia que não seria a última.

Levantei os olhos. Os clones Binários que não haviam caído estavam se movendo outra vez; havia cerca de metade deles agora, mas ainda assim estavam em maior número do que nós. J/O e Jai podiam ter conseguido destruir o receptáculo mecânico do Professor, mas ele devia existir em outro lugar também.

Assim que esse pensamento passou pela minha mente, um dos clones perto de mim se transformou na figura que eu lembrava, com a calça sem nenhum amassado, o casaco de tweed e a gravata borboleta. Ele ainda usava os óculos fundo de garrafa, mas uma das lentes estava rachada, e seu cabelo, despenteado. Seus olhos ainda não continham nada além de estática, e mesmo assim eu podia ver que ele olhava para mim.

– Muito inteligente – disse ele sem emoção. – Mas, no fim das contas, um sacrifício inútil. Nosso Sonho de Prata desperta. A Onda está vindo.

Como antes, era como se uma sombra estivesse passando sobre o sol. A sala escureceu, e eu tive a impressão de que as cores saíam todas rodopiando com o vento repentino.

– Joe! – gritou Acacia. – Vá...

O que quer que ela tivesse a dizer foi interrompido. Houve um barulho repentino como um trovão, ensurdecedor e sinistro, e um brilho escuro. Avery gritava incoerentemente, e, em meio aos Andarilhos e batedores Binários que lutavam, vi de relance Acacia curvada no chão. Havia um tipo estranho de círculo de runas pulsando um roxo doentio por baixo dela. Avery golpeava Lady Indigo com sua espada, tentando se esquivar para ir até a irmã, mas ela virou e prendeu-o com uma de suas pernas, atirando-o na parede oposta.

Comecei a andar, mas uma repentina névoa escura se ergueu à minha frente, e uma mão forte me agarrou pela garganta.

Senti meus pés deixarem o chão quando Lorde Dogknife me levantou até a altura de seus olhos, uma névoa negra saindo de sua pele, como vapor em um dia de verão. Seu hálito cheirava a carniça, e senti uma onda de náusea tomar conta de mim quando ele rosnou na minha cara.

– Você tem sido um espinho no meu corpo desde que o conheci, pequeno Harker – sibilou ele, me sacudindo como um cachorrinho malcomportado.

Não pude evitar; tive de rir. Ele usara quase a mesma frase que eu pensara, e por

algum motivo, naquele momento, era engraçado.

Seus olhos vermelhos se estreitaram em fendas quando olhou para mim. Com a pouca visão periférica que eu tinha, notei que meus amigos tentavam chegar ao lugar em que estávamos, mas a maioria deles tinha os próprios problemas; ainda havia várias centenas de clones Binários atirando bolhas de plasma e empunhando emissores eletroneurais. Tom pairava por perto, alternando várias cores de *aflição*, mas também não podia ajudar.

– Achou engraçado, pequeno Andarilho? – sibilou ele. – Eu enfeitaria meu trono com a sua pele se você não fosse direto para o coração do próprio NoiteGélida. Está entendendo, pequeno Andarilho? Ele vem lhe buscar.

As equações dançavam no ar mais uma vez, números, letras e fórmulas, e eu lutava para me livrar de Lorde Dogknife. Eu não podia ver Avery ou Acacia dali, mas ainda podia ouvir Lady Indigo gargalhando. Não tinha nenhum tipo de arma comigo, e a NoiteGélida rodopiava ao redor, pronta para destruir aquele mundo comigo dentro, para se alimentar de mim...

Então, de repente, tudo se contraiu. Todos os números e letras e tudo mais, encolhendo e tomando a forma de uma esfera bela e perfeita cerca de cinco vezes maior do que uma bola de praia, que pairava acima da estrela de cinco pontas. Parecia quase um planeta em miniatura, clarões prateados e azuis girando em torno dele como nuvens. Eu tinha visto aquilo antes, quando fora criado. A NoiteGélida.

Lorde Dogknife me sacudiu outra vez, e senti algo se mover em meu bolso... *claro!* O canivete de Josephine...

Relaxeí minhas mãos, que estavam agarradas a dele, para tentar me soltar, e aos poucos fui amolecendo como se estivesse perdendo a consciência, então deixei meus braços caírem ao lado do corpo. Ele riu na minha cara, e senti o terrível cheiro de morte mais uma vez.

Senti meus pés tocarem o chão quando ele me baixou um pouco, embora não o suficiente para eu encontrar apoio. Os ladrilhos deslizavam sob meus sapatos enquanto ele me arrastava até a estrela, onde a NoiteGélida esperava.

O vento soprava na minha pele, e ouvi o bater de asas quando Jo se lançou para cima de Lorde Dogknife. Com os olhos semiabertos, eu a vi empunhando um pedaço longo e fino de metal como uma lança; ela devia ter perdido a pistola a laser. Lorde Dogknife se abaixou para fora do caminho quando ela chegou perto, e usei o movimento dele para disfarçar o meu ao enfiar a mão no bolso para pegar a pequena lâmina.

Jo passou depressa por ele quando se esquivou, girando habilmente no ar e dando impulso na parede para atacá-lo de novo. Desta vez, ele estava pronto para ela e agarrou a haste de metal no ar quando ela a arremeteu em direção a ele.

Respirei o mais fundo que pude – o que não era fácil, considerando como ele

apertava forte minha garganta – e abri a faca, levantando o braço para golpeá-lo quando atirou Jo na parede oposta.

A lâmina acertou seu braço estendido, fazendo um corte profundo. Ele uivou, os dedos que estavam curvados em volta do meu pescoço abrindo-se por reflexo quando a arma rasgou a pele e os tendões.

Meus pés tocaram o chão com mais firmeza por um precioso meio segundo antes de seu outro braço se abrir e agarrar a frente da minha camisa. Senti suas garras arranharem a pele do meu peito enquanto ele lutava para tentar agarrar o que conseguisse de mim, e minhas costas bateram no piso quando ele me empurrou para baixo.

– Criança insolente! – gritou ele. Um sangue escuro escorria lentamente da faca ainda presa em seu braço. – Vou lhe entregar à NoiteGélida aos pedaços!

– Joey! – gritou Jakon do meu lado esquerdo, mas Lorde Dogknife me prendia com firmeza ao chão.

Ele cortou meu rosto com garras negras afiadas, e tudo o que pude fazer foi virar a cabeça e fechar os olhos. A dor percorreu meu corpo com tanta rapidez que nem sequer compreendi a princípio; a adrenalina que corria pelo meu sistema me impediu de senti-la por alguns preciosos segundos.

Senti o ladrilho no lado direito do meu rosto, a sensação fria que ele proporcionava contrastando com a terrível dor que começava a pulsar do lado esquerdo. Em um momento de lucidez, percebi que não sentia mais aquele aperto de ferro na minha camisa – tentei abrir os olhos e vi de relance Jakon agarrada a Lorde Dogknife, cortando-o com as próprias garras. Minha visão parecia meio lateral de alguma forma, e tudo estava embaçado, tingido de vermelho. Eu me arrastei para longe deles, entorpecido, uma parte distante do meu cérebro notando as gotas de sangue que caíam do meu rosto e respingavam rubras contra o chão branco.

A dor que eu tinha começado a sentir se intensificou até um estado de agonia. Eu me sentia mal. Pior ainda do que a dor era a abrupta sensação de que havia *algo errado*, de a minha pele parecer grande demais para o meu rosto. Eu não podia mais ver pelo meu olho esquerdo.

– Joe! – A voz de Acacia chegou aos meus ouvidos acima da rajada de vento, os tiros de pistola laser e vários outros sons de luta. – Saia daqui!

Esforcei-me para ficar de joelhos e levei uma das mãos ao rosto, lutando contra a onda de náusea que tomava conta de mim. Com um olho coberto como se eu fosse fazer um exame de vista, encontrei a figura esguia de Acacia em meio à multidão. Eu não sabia dizer a que distância ela estava.

Ela e Avery tinham trocado de lugar; ela estava agora de pé sobre o irmão ferido, usando a espada dele para se defender dos ataques de Lady Indigo. Havia vários Andarilhos por todo lado, alguns deles sozinhos e alguns sendo defendidos por seus

companheiros.

Se os Andarilhos não tivessem chegado ali, não teríamos nenhuma chance. Avery e Acacia não teriam conseguido me libertar sozinhos. Eles tinham vindo, arriscando suas vidas, para me salvar. Eles estavam me dando tempo para escapar.

Não ia adiantar. A menos que Acacia conseguisse derrotar Lady Indigo, depois que seu irmão falhara (eu nem tinha certeza de que “matar” era a palavra certa; pelo que eu sabia, podia ser preciso mais do que isso), Lorde Dogknife simplesmente a usaria para alimentar a NoiteGélida. Ele mesmo dissera isso. Podia não ser tão forte, mas ainda assim continuaria. Mais mundos seriam destruídos. Toda essa luta e todas essas mortes, e teria sido tudo por nada.

Olhei para cima e vi a esfera perfeita ali parada, bonita e serena em meio ao caos, talvez a vinte passos de mim. *Ele vem lhe buscar*, dissera Lorde Dogknife. E me ocorreu de repente, pela primeira vez, que usara a palavra *ele*.

Não pude impedir. As palavras que ouvira quando acordei preso às correntes voltaram à minha cabeça, ditas por uma voz que eu não conseguia identificar. Era a minha voz, mas ao mesmo tempo não.

Um som chegou aos meus ouvidos acima de todo o caos, como o ruído branco de um rádio ligado. Enquanto eu tentava me levantar, o olhar fixo no chão debaixo de mim, um par de sapatos marrons entrou no meu campo de visão. Olhei para cima, e dei de cara com o olhar estático do Professor.

– Correr é inútil, Andarilho – falou ele. – Você já deve saber isso agora. Por que não aceitar o seu destino? – Sua voz era tranquila e soava humana, mas completamente sem emoção, como se fosse um diálogo reproduzido por um computador. Também havia algo de eletrônico nela, algo que era suave *demais*, artificial demais.

Eu o ignorei, ainda lutando para ficar de pé. Eu me sentia mal e zozzo, como se o chão fosse deslizar para longe de mim a qualquer momento. Procurei um portal, não senti um – mas percebi Tom pairando preocupado ali perto. Talvez ele pudesse fazer um portal para mim.

Tom, pensei, mas minha determinação enfraqueceu. Ele não podia me ouvir, a menos que estivéssemos fundidos, ou seja lá o que ele fizesse, e, de qualquer modo, o Professor estava certo: correr não era a resposta. Correr não resolveria nada.

Enfim fiquei de pé, me aprumando o máximo possível a fim de olhar para o Professor. Ele me observava de modo crítico, como um professor esperando impacientemente a resposta.

– A decisão é sua, Harker – disse ele. – Aceite o seu destino, como aqueles antes de você, ou tente fugir. Você pode até conseguir dar alguns passos antes de ser capturado.

Como aqueles antes de você. As palavras me faziam lembrar de alguma outra

coisa que eu o ouvira dizer quando estivera ligado à máquina que primeiro alimentara a NoiteGélida. *Você vai cumprir o seu propósito e tornará possível a revolução do mundo*, dissera ele, e Joaquim fizera força para se soltar quando percebera seu destino. *Não, gritara. Eu não quero...*

Lembrei-me do seu rosto quando eu tentara ajudá-lo, de seus olhos mortos. Lembrei-me das palavras que eu ouvira ao acordar.

Não é esse o meu destino?

– Tom – falei, e o pequeno fovimal se iluminou. Se ele se fundisse a mim de novo, eu poderia Andar para qualquer lugar. Eu, provavelmente, poderia até encontrar meu caminho para a própria Patrulha do Tempo, mas eu tinha uma ideia melhor.

Bem, não era tecnicamente uma ideia *melhor*. Na verdade, era provável que fosse a pior ideia que eu já tivera, e isso era dizer muito.

Estendi o braço para Tom e ele veio pousar na palma da minha mão. Ele pareceu sentir o que eu queria através do contato e começou a fluir pelo meu braço como líquido. Os olhos do Professor se estreitaram e ele levantou a mão, mas dei um passo em sua direção em vez de ir para longe, e ele parou.

– Conheço o meu propósito – falei para ele. – É algo que é tão parte de mim, de todos nós, que nada que você faça pode abalar isso. Mesmo quando você nos ferve e nos reduz à nossa própria essência, ou nos congela e nos mantém vivos para ajudá-lo a Andar, ainda sabemos nosso propósito.

Tom fluiu sobre o meu corpo, meu rosto e meu olho ferido.

– Nosso objetivo é detê-lo – falei. – E nem mesmo a morte vai tirar isso de nós.

E com isso, eu Andei... mas não para a Interzona, nem mesmo de lado para um mundo paralelo. Eu Andei exatamente vinte passos à frente, reaparecendo em frente à perfeita esfera azul e prateada. Quando virei para trás, os olhos estáticos do Professor encontraram os meus, e os cantos de sua boca se curvaram para cima na mais óbvia demonstração de prazer. Ouvi Acacia gritar meu nome outra vez, e Joeb. Vi J/O e Jai, imóveis junto ao imenso computador fumegante. Jakon e Josef enfrentavam Lorde Dogknife, e Jo tinha voado para ajudar Acacia de novo. O chão estava cheio de clones Binários e Andarilhos, e a NoiteGélida esperava à minha frente, tranquila, voraz e sozinha.

Virei de costas para o caos, e comecei a avançar. Como se fosse saltar do trampolim na parte funda, corri um pouco e pulei, mergulhando de cabeça no coração da NoiteGélida.

Não é esse o meu destino?



CAPÍTULO DOZE

Você veio TRIPUDIAR?

Como antes, as palavras pareciam apenas pairar no ar, sem serem ditas, mas, de alguma forma, ainda presentes. Abri os olhos – os dois, e não senti nenhuma dor – e olhei em volta, mas, a princípio, não havia nada para ver. Não havia nada além de uma luz suave, pálida e sem cor, e o que parecia estática a distância.

– Onde estou? – perguntei. Olhei, então, para minhas mãos e meu corpo.

No olho da tempestade.

Reconheci o pano cobrindo meus braços, e não era o que eu estava usando quando entrei. Era um agasalho verde e preto – meu casaco favorito, o que eu estava usando quando Andei pela primeira vez. Eu o esquecera em casa – a casa que agora não existia mais – quando embalara algumas das minhas coisas e deixara a vida que eu conhecia para sempre.

No entanto, ali estava ele. Eu sentia a maciez do material, o cheiro do sabão que meus pais sempre usavam. Eu estava com minha calça jeans mais confortável e os tênis surrados que eu usara até acabar com eles. Não sentia nenhum ferimento em nenhum lugar do corpo, o que eu *sabia* que era impossível.

Olhei em volta outra vez, tentando encontrar a fonte da voz que eu não podia ouvir. Se eu estreitasse os olhos, podia enxergar que o que eu achava que era estática era na verdade um monte de pequenos números e letras. Era como o que eu tinha visto no meu mundo. Era a tempestade em redemoinho da NoiteGélida, e eu estava bem no centro.

Era tranquilo ali, e silencioso, embora houvesse uma inquietação latente fervendo sob a superfície. Uma raiva, algo que parecia com o que você veria em um animal ferido. Traição. Dor. Confusão.

– Joaquim – falei, minha própria voz soando estranha para mim. Eu parecia mais jovem, minha voz sem a aspereza de tudo pelo que eu já havia passado. – Joaquim, é você, não é?

Esse era o nome que nos foi dado. As palavras vieram até mim. Senti uma suave onda de alívio; minha aposta tinha se pagado. Eu estava certo com relação ao “ele” que Lorde Dogknife mencionara. A consciência de Joaquim ainda existia dentro da NoiteGélida, o que significava que eu poderia tentar argumentar com ele. Poderia tentar convencê-lo a parar com isso.

Lentamente, tão lentamente que pensei que eu estava imaginando no início, notei pequenas faíscas de luz azul. Elas piscavam como estrelas em um céu nublado, cintilando e parecendo se mover. Havia mais e mais delas, até que se juntaram,

formando uma figura que reconheci. Ele parecia comigo, assim como tantos de nós.

– É você – falei. – Você está vivo.

Eu nunca estive vivo, disse ele, embora as pequenas estrelas azuis que formavam sua boca não se movessem.

Respirei fundo. Tecnicamente, ele estava certo. Joaquim era um clone, criado pelos Binários a partir do nosso sangue e alimentado pelas almas dos que foram mortos pela BRUX. Mas... ele tinha uma personalidade, uma consciência. Tinha desejos e objetivos, e, no fim, queria viver quando fora informado de que seu destino era morrer.

– Sim, você estava. Você era sua própria consciência, diferente das almas usadas para alimentá-lo. Você sabia sua identidade. Você considerava a BRUX e os Binários seus pais e se sentiu traído quando usaram você. Você estava vivo e queria ficar assim.

Ele tomou uma forma um pouco mais substancial à minha frente, a da pessoa de quem eu me lembrava. Seu cabelo era escuro, pele pálida, olhos castanhos. Eu ainda podia ver as luzes cintilantes em determinados pontos de seu corpo, como se ele fosse uma imagem sobreposta a um agrupamento de estrelas, uma constelação que ganhou forma.

– Você ainda se considera uma criança – disse ele, e dessa vez seus lábios se moveram e a voz que saiu era a de quem eu me lembrava.

– O quê?

– Você só existe como sua consciência aqui – explicou. – Assim como eu. Você tem um corpo porque está acostumado a ter um e assim lhe dá a forma com a qual mais se identifica.

– Você quer dizer que é assim que eu me vejo? – perguntei, olhando para baixo. Eu queria ter um espelho, mas eu tinha quase certeza de que sabia o que eu veria: um garoto novo, com um jeito meio bobo, metido em mais coisa do que podia dar conta.

Não foi surpreendente saber que era assim que eu ainda me via. Era bastante preciso.

Ele assentiu. Observei-o com atenção. Sua imagem era fraca, como um eco, e eu via as almas usadas para alimentá-lo com muito mais clareza do que o via. E me perguntava se era assim também que ele se via.

– Foi você que ouvi, não foi? Quando eu acordei?

Ele hesitou.

– Eu não tinha certeza se você *havia* me ouvido. Sua consciência tocou a minha quando foi extraído da sua Terra.

– O que você quer dizer com “extraído”?

– O Professor quis que você fosse salvo para ser usado depois.

Lembrei-me dos últimos momentos no meu mundo, com todas as figuras rodopiando em torno de mim. Algumas delas tinham vindo na minha direção, me cobrindo como um enxame de abelhas, e eu sentira que estava fragmentando. Eu fora decomposto na minha química mais básica e remontado em outro lugar. Fora basicamente um teletransporte.

– Ele queria que a NoiteGélida me absorvesse, para usar minha energia – falei. Joaquim assentiu. – Você impediu isso?

– Não foi possível naquele momento. Os mundos destruídos eram decompostos e reiniciados para que meus pais pudessem impor sua vontade sobre eles. Pegar você naquele momento não estava no meu protocolo.

Minha mente girava. Ele tinha acabado de me dizer duas coisas muito importantes, e eu não tinha certeza de qual das duas pesava mais. Uma me enchera de uma esperança que fora imediatamente esmagada; a outra me enchera de raiva.

Se o meu mundo tinha sido *reiniciado*, isso significava, em certo sentido, que não estava morto. Se o planeta fora deixado sozinho, havia uma pequeníssima chance de que talvez a vida pudesse evoluir como antes. Havia uma pequeníssima, ínfima chance de que talvez minha família pudesse existir de novo algum dia. Eu estaria morto há muito tempo quando isso acontecesse, mas já era alguma coisa, pelo menos.

A outra coisa foi ele falar *meu protocolo*. Isso me disse algo *muito* importante.

– Você não está só dentro da NoiteGélida – falei. – Você *é* a NoiteGélida. Você é sua consciência.

– Sim.

– Então por que não impediu isso? – gritei para ele, as palavras rasgando minha garganta.

Ele nem sequer piscou.

– E eu deveria? – perguntou. Olhei para Joaquim, perplexo, e ele continuou: – Por quê? Por que eu deveria ter impedido?

– Porque você acabou de matar... – Tive de parar, o número tão alto que eu não conseguia nem calcular. – Pessoas inocentes. Bilhões e bilhões de inocentes.

– Sim – concordou ele. – Esse foi um efeito colateral do meu último propósito.

Continuei apenas olhando para ele. Vários outros pensamentos passavam pela minha cabeça; se ele *era* a NoiteGélida, se ele era seu coração, talvez matá-lo pudesse detê-la.

O problema era que eu não tinha nem certeza de que *poderia* matá-lo. Não só fisicamente, mas moralmente. Eu sentia muito por ele. Mesmo sabendo que ele permitira a destruição de um número indeterminado de mundos, incluindo o meu, eu sentia muito por ele. Ele não pedira para ser criado para isso e com certeza não pedira para ter sua consciência colocada em uma mistura de ciência e feitiçaria com

o único propósito de erradicar toda a vida.

Ainda assim, suas circunstâncias infelizes não o eximiam por completo por sua falta de responsabilidade pessoal, vendo através da psicologia simples.

Responsabilidade pessoal...

– Mas você disse que sentia muito – eu o lembrei. – Eu ouvi você, lembra? Você disse que sentia muito por não ter conseguido impedir.

Seu corpo inteiro cintilou como se ele pudesse desaparecer, como se eu tivesse abalado sua própria realidade.

– Sim – concordou, hesitante.

– Se esse é o seu propósito, e o que você quer fazer, por que sentir muito?

– Esse... é o meu propósito – respondeu ele. – Eu não disse que é o que eu quero fazer.

– Então mude isso!

– Eu não sei como.

– Você é uma ondulação autoconsciente no tempo e no espaço com o poder de recalibrar mundos inteiros! O *como* é fácil... pare de fazer isso!

– Eu não posso existir de nenhuma outra forma – retrucou ele. – Foi para isso que eu fui feito! Você está me pedindo para deixar de existir!

As palavras pairaram no silêncio, soando muito verdadeiras para nós dois. Só olhei para ele, minha compreensão crescendo com a súbita certeza.

– Sim – falei. – É exatamente o que estou pedindo para você fazer.

– Por que eu deveria? – perguntou ele, amargo. – Por que eu deveria, quando eu poderia simplesmente tomar o seu poder agora e me sustentar para sempre?

– Porque que tipo de existência seria essa? – perguntei, lutando para manter o controle. – Mesmo que você cumpra seu propósito e remodele todo o Multiverso para a BRUX e os Binários, e depois? Você realmente acha que Lorde Dogknife vai acenar sua varinha mágica e transformá-lo em um menino de verdade?

Ele vacilou outra vez.

– Eu...

– Ou que o Professor fará outro corpo no qual você poderá viver? Você é *feito de nós*, Joaquim. Você não é uma máquina como os Binários, eles não vão querê-lo.

Você não se encaixa na equação deles, o sonho deles de uma existência perfeita, fria e calculada. Você não é um ser inteiramente orgânico como os da BRUX, e você não tem nenhuma magia, exceto a que eles lhe deram. E essa magia – continuei, desesperado para chegar ao ponto que eu queria – vem de *nós*. Das coisas que eles odeiam.

Ele olhou para mim, sua expressão dizendo mais do que seu silêncio. Ele parecia ferido e vulnerável, como uma criança.

– Você não é um deles, Joaquim – pressionei. – Não faz parte de nenhum dos dois

grupos.

– E o que eu sou, então? – disparou ele, as pequenas luzes azuis de seu corpo pulsando uma raiva elétrica. – Um de *vocês*?

– Sim – respondi. – Você é.

Ele ficou imóvel, surpreso e desconfiado.

– Você não está falando sério – disse ele. – Só está tentando me fazer desistir.
Táticas de Negociação em Situações de Estresse Elevado, Lição Um, Argumentar com Seu Oponente Identificando-se...

– Joaquim, *ouça a si mesmo!* – interrompi. – Sim, estou me identificando com você, porque você é *igual a mim*. Odeio que você tenha sido feito por meus inimigos, odeio que tenha nos traído... mas também odeio que eles o tenham traído! Você queria viver e devia ter tido a chance. Eu quis salvá-lo – admiti, surpreso com as palavras ao saírem da minha boca. – Tentei salvá-lo no final. Senti muito por não ter conseguido.

Ele continuou a olhar para mim, ainda cauteloso e desconfiado, mas vi que estava se lembrando. Estava se lembrando de todas as luzes, do fogo, do vento e das máquinas às quais nós dois tínhamos sido ligados e que estendera a mão para mim e eu a pegara.

– Então, se sou igual a você – disse ele por fim, mantendo o tom neutro, sem entregar nada –, o que você faria? Se essa fosse a sua única chance de existir, o que você faria?

– Eu abriria mão dela – respondi no mesmo instante. – Pararia com tudo isso.

– Você iria morrer.

– Sim.

– Você estaria disposto a morrer?

– Para salvar tudo? Sim.

Ele olhou para mim, então finalmente estremeceu e desviou o olhar.

– Não acredito em você – sussurrou ele. – É fácil dizer que está disposto a morrer, mas fazer isso de fato... simplesmente *deixar de existir*... perder *tudo*...

– Eu vou provar isso – falei, estendendo a mão. – Me tome.

Ele levantou os olhos.

– O quê?

– Tome meu poder. Me absorva.

Ele olhou para a minha mão como se fosse uma armadilha, hesitando.

Tom, pensei para a presença no fundo da minha mente. Esta é a sua chance de sair, camaradinha. Diga aos outros que está tudo bem e que vou sentir falta deles. Diga-lhes que Joeb está no comando.

Percebi o sentimento de negação vindo de algum lugar dentro da minha cabeça.
Tom, você entende o que estou prestes a fazer?

Aceitação.

Você vai morrer, amigo. E eu não quero isso. Vá embora.

Negação.

Tom, vá embora! Você precisa dar meu recado a eles!

Negação, solidariedade, aceitação.

Você é um em um milhão, amigo.

Aprovação. Então me ocorreu que Tom, apesar de ser de uma raça que muitos de nós temíamos, tinha provado diversas vezes ser um colega de equipe valioso. Quase ri alto e me perguntei de repente se Tom podia, na verdade, ser um de nós também. Joseph Harker, edição forma de vida multidimensional. Mas que diabos, não parecia assim tão improvável.

– Absorva o meu poder – falei outra vez para Joaquim, ainda estendendo a mão. – Estou com Tom bem aqui comigo agora, posso ver e entender muito mais do que se estivesse sozinho. Deixe que eu me junte a você, à NoiteGélida, e vou detê-la. Vou destruí-la por dentro. Você não terá de fazer nada.

– Eu ainda vou morrer – sussurrou ele.

– Assim como eu e Tom. Mas todos os outros irão viver, e isso é mais importante do que qualquer coisa.

Ele hesitou outra vez, e eu respirei fundo, me agarrando a qualquer coisa.

– Você tem as lembranças de uma centena de Andarilhos diferentes, Joaquim...
você disse isso uma vez. Certo?

Ele assentiu.

– Você tem as lembranças de suas mortes, não é?

Ele hesitou de novo.

– Algumas delas...

– Você pode sinceramente me dizer que nenhum deles entrou nisso sabendo e aceitando que talvez morressem?

Ele se encolheu. Algumas das luzes dentro dele diminuíram um pouco, outras brilharam mais.

– Eles estavam com tanto medo... – sussurrou.

– É claro que estavam com medo. *Eu* estou com medo. Não quero morrer – admiti, sentindo um aperto no estômago com a verdade disso. – Mas, se é a única forma de salvar tudo, eu aceito. Você sabe que sim. Vamos. Você e eu, Joaquim. Os salvadores do Multiverso.

Ele ergueu a cabeça, olhando nos meus olhos, depois para a minha mão. E se moveu, translúcido e cintilante, brilhando com as lembranças de uma centena de vidas. Então pegou minha mão.

– Eu, Joseph Harker – falei. Ele olhou para mim.

– Eu... Joaquim... – Aqui ele parou, e percebi que ele não tinha um sobrenome.

– Harker – falei. – Você é um de nós.

– Eu... Joaquim Harker – sussurrou, e peguei sua outra mão.

– Entendendo que deva haver equilíbrio em todas as coisas...

Sua voz se juntou a minha, e dissemos o juramento juntos, enquanto as paredes da NoiteGélida chicoteavam e rodopiavam em torno de nós. Eu podia senti-la comprimindo tudo comigo dentro, senti-la se fechando em torno das bordas da minha consciência. Eu estava com medo, mas também tranquilo. Sereno. Eu podia fazer isso. Podia salvar a todos. Podia ajudar Joaquim a encontrar seu descanso e também todas as almas que faziam parte dele.

Eu não fora capaz de salvar minha família, mas poderia salvar a de todos os outros.

Mãe, pai, Jenny, Kevin... eu amo vocês.

Senti minha mente se unindo à NoiteGélida. Era caótico e perfeito, a resposta às margens de tudo, a verdade além do alcance. Era o precipício de tudo e nada.

Senti meu corpo se decompor em pedaços, minha consciência deixando de precisar dele como um invólucro. A NoiteGélida era meu invólucro agora, e era tudo o que eu seria.

Eu estava ciente de tudo além de mim, da batalha que ainda era ferozmente travada. Encontrei os fios do tempo conectando Avery e Acacia, e todas as pequenas estrelas que eram meus companheiros Andarilhos. Reuni todos como as cordas de uma centena de balões, soltando-os para o céu e mandando-os em direção ao EntreMundos. Em direção à liberdade.

Encontrei a praga que era a BRUX, o vírus que eram os Binários. Eles existiam no Multiverso como a putrefação da madeira, como a decomposição na morte. Necessários, com moderação. Eu tinha o poder de destruí-los. Mas não fiz isso.

Senti Joaquim reagir dentro da minha consciência e o senti compreender. Pude senti-lo se juntar a mim quando dei início ao processo de nos desconstruir, de desfazer a NoiteGélida pedaço por pedaço.

Então, como um navio que teve a corda cortada, tive uma forte sensação de deslocamento. Eu estava flutuando, à deriva, e então não senti mais nada.



CAPÍTULO TREZE

Eu entendo agora, Joey. Você não me pediu nada que não estivesse disposto a dar. Você teria mesmo morrido por todos.

Foi o suficiente.

– Joaquim?

– Ele acordou – disse alguém. Era uma voz de homem, uma que não reconheci.

Lutei para abrir os olhos, mas, como antes, minha visão estava prejudicada. Tudo o que eu podia ver eram formas vagas, borradas e distorcidas, como ao olhar num espelho de parque de diversões. Meu rosto parecia estranho, e todas as pequenas dores que eu vinha sentindo nos últimos tempos (parecia uma eternidade) estavam de volta. Estavam *realmente* de volta. Eu gemi.

– Ei, você – disse outra voz, e então, seja lá qual fosse a superfície em que eu estava deitado afundou um pouco, quando alguém se sentou nela.

Essa voz eu reconheci.

Virei a cabeça para ela, conseguindo identificar sua fraca silhueta. Então ouvi e senti as ataduras em volta do meu rosto, cobrindo meu olho esquerdo, se enrugarem um pouco.

Eu me lembrei das garras de Lorde Dogknife, a dor lancinante e o ardor intenso, o sangue caindo no piso branco perfeito. Meu olho tinha sido...?

– Acacia – murmurei. – Onde está o Joaquim?

Senti quando ela pegou minha mão.

– Joaquim morreu há muito tempo, Joe. Lembra? Quando a NoiteGélida foi...

– Ele é a NoiteGélida – insisti. – Ele é a consciência da NoiteGélida...

Sua mão apertou a minha.

– OK – disse ela, e soou como se entendesse. Depois de um instante, ela tornou a falar. Eu mal podia identificar a tristeza em seu rosto. – Então você quer dizer “era”, Joe. A NoiteGélida se foi.

Respirei fundo, prendi o ar, depois soltei-o aos poucos. Minha visão clareou um pouco mais, o suficiente para que eu pudesse vê-la sentada ao meu lado.

Ela parecia ter passado por coisas terríveis. Seu cabelo escuro estava preso em um rabo de cavalo, e ela usava um casaco grande demais, tão fino e surrado que devia ter pertencido a alguma outra pessoa antes. As palavras desbotadas no agasalho diziam *Escola de Medicina Alfa Centauro*. Parecia confortável. As mangas estavam puxadas para cima, revelando alguns dos seus ferimentos.

Havia uma dúzia de pequenos cortes e hematomas em seus braços, alguns já cicatrizando, de quando ela colidira com o EntreMundos, e novos, de sua luta com

Lorde Dogknife e Lady Indigo. Seus olhos estavam vermelhos, como se tivesse andado chorando.

Meu rosto coçava. Levantei a mão livre para coçar, vendo a expressão dela passar de aliviada à preocupada, enquanto me observava.

– Você não deve mexer aí por um tempo – disse ela. – Enquanto cicatriza.

Meus dedos encontraram a gaze macia e ataduras, e ela me ofereceu um leve sorriso, a mão apertando a minha.

– Será que *vai* cicatrizar? – perguntei. Eu tinha quase certeza de que já sabia a resposta.

– Fizemos o que podíamos, mas as garras do cão da BRUX foram terríveis – disse a voz desconhecida de antes, e então vi um homem alto, de cabelo escuro e um cavanhaque bem aparado, de pé ao lado da minha cama.

– Papai é o melhor curandeiro que temos – disse Acacia com ar sério. – Ele realmente fez o melhor que pôde, Joe.

Pai?

Pisquei para ver melhor o homem alto, que olhava para a filha com compaixão. Devia haver uma semelhança, mas era difícil dizer com seu cavanhaque.

– Tenho certeza de que sim – murmurei de maneira tranquilizadora para Acacia.

Eles tinham feito tudo o que podiam. Isso significava que não tinham conseguido reparar o problema? Eu tinha perdido meu olho?

Isso seria irônico. O pensamento veio espontaneamente à minha cabeça, e mordi a parte de dentro da bochecha para não rir. Parecia ser um hábito nervoso meu, e um que eu provavelmente devia tentar cortar.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Estávamos todos lutando – disse Acacia lentamente. – E então você... correu para dentro da NoiteGélida. – Ela olhou para mim. – O que foi *estúpido* e imprudente...

– Apenas me diga o que aconteceu.

Ela me encarou irritada por mais um instante, depois continuou.

– Senti você nos reunir, mas... também senti a NoiteGélida comprimir. Então ela se destruiu, e voltei para encontrá-lo. Você estava lá caído, no meio da estrela.

– Ele me salvou – murmurei. Ela só olhou para mim. – Nós íamos destruir a NoiteGélida juntos. Ele deve ter me empurrado para fora no último minuto.

Ela hesitou, em seguida apertou minha mão outra vez.

– Isso faz sentido.

Eu acabei rindo dessa vez, mas com amargura.

– Como qualquer dessas coisas faz sentido?

Acacia olhou para o pai, então de volta para mim.

– Bem... os Binários, é claro, são máquinas. Eles não entendem coisas como

almas e livre-arbítrio, então não teriam pensado que Joaquim pudesse fazer qualquer outra coisa além de cumprir sua diretriz. A BRUX *entende* como as almas funcionam, mas acreditam ter poder total sobre elas... assim eles também não poderiam ter previsto que Joaquim tivesse livre-arbítrio. Foi você que lhe mostrou isso, Joe. Você mostrou que ele tinha uma escolha e, ao decidir morrer – seu olhar ficou um pouco mais intenso; acho que ela não aprovava de todo essa minha decisão –, lhe mostrou que ele também tinha uma escolha. E ele escolheu salvar você.

Fiquei surpreso em não sentir muita coisa ao ouvir isso. Acho que eu provavelmente estava em choque. Eu esperara morrer e, no fim, Joaquim me salvara como eu não fora capaz de salvá-lo. Fiquei em silêncio, pensando, lembrando aqueles últimos momentos. Finalmente me ocorreu outra pergunta.

– Onde está o Tom?

– Bem – disse o pai de Acacia –, essa é a outra coisa. O FVM parece ter se fixado permanentemente em seu corpo, e não conseguimos extraí-lo.

– Extraí-lo...?

– Quando foram lançados para fora da NoiteGélida, vocês eram um só. Parece que ainda são, e não estou certo se isso pode ser desfeito. Além disso, acho que ele está ajudando a cicatrizar seu olho.

Franzi a testa, em seguida fez uma careta quando a expressão puxou a pele ao redor dos meus olhos. Tom estava preso a mim? E estava ajudando a cicatrizar o meu olho? Ele nunca tinha mostrado nenhum tipo de habilidade de cura antes. E se fixara permanentemente em meu corpo?

Tom?, pensei, mas não obtive resposta. Eu podia senti-lo agora que me concentrava, vagamente, mas...

Para me distrair, olhei em volta.

Eu estava, obviamente, em uma enfermaria, mas uma que não conhecia. Havia algumas máquinas que eu identificava, e outras, nem um pouco, e o esquema de cores em geral era estranho para uma enfermaria. Em vez de tudo branco, como as enfermarias a que eu estava acostumado, havia armários de mogno, pisos de mármore rosado, paredes bege. Apesar de eu não reconhecer o lugar, algo com relação a ele era perturbadoramente familiar.

– Onde estou? – perguntei.

– Na Patrulha do Tempo – disse Acacia. – Enfermaria.

Isso explicava as cores familiares. Eu tinha estado na Patrulha do Tempo antes, quando Acacia me levava preso...

– Não sou prisioneiro, sou?

Ela, pelo menos, ficou ligeiramente constrangida com a lembrança.

– Não – respondeu Acacia de modo enfático, aprumando os ombros e erguendo o queixo. – E você não era um prisioneiro antes, eu só estava tentando...

– Estou brincando com você – interrompi. – Sossegue. Onde estão os outros? – perguntei, de repente preocupado com meus amigos. Eu me lembrava de ter mandado todos eles para o EntreMundos, mas... – Eles estão bem?

– Eles estão aqui – me tranquilizou ela, fazendo que sim. – Estão todos lá nas docas. Estamos consertando sua nave – acrescentou com um sorriso.

– Minha nave...?

– EntreMundos – esclareceu ela. – Dã.

– Você acabou de dizer *dã*?

– Sim, eu disse. Sou uma Agente do Tempo, posso usar a gíria que eu quiser.

– Fico contente em ver que está se sentindo melhor, meu jovem – interrompeu o pai dela, e nós dois ficamos quietos. – Mas tenho outros pacientes para cuidar. Você pode andar por aí, com alguém para acompanhá-lo, e o bracelete em seu punho pode ser usado para pedir ajuda médica se precisar.

– Obrigada, papai – disse Acacia, e ele passou a mão carinhosamente pelo cabelo dela ao sair.

Meu coração doeu.

– Obrigado – consegui dizer. Esperei até ele deixar a sala, então abaixei minha voz. – Ele é mesmo seu pai?

– Sim – respondeu ela, sorrindo. – E minha mãe atualmente está presente, e Avery é mesmo meu irmão. – Eu ia perguntar a ela o que “presente” queria dizer, mas seu sorriso desapareceu e ela olhou para outro dos leitos. Segui seu olhar, notando a espada embainhada encostada à parede perto da cabeceira. Eu não conseguia ver quem estava na cama, mas, pela espada, calculei que fosse Avery.

– Ele está bem? – perguntei. Ela mordeu o lábio, enrugando a testa enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

– Provavelmente – respondeu ela, a voz embargada. – Papai está cuidando dele da melhor forma possível. Eu só... nós perdemos pessoas o tempo todo.

– Eu sei como é – falei.

– Sei que você sabe.

Ela pegou minha mão outra vez.

– Ele é seu único irmão? – perguntei depois de um tempo.

Estava genuinamente curioso. Eu me perguntara uma vez se a Patrulha do Tempo era uma organização composta de Acacias, como o EntreMundos era composto de Joeys, mas não parecia ser o caso.

– Não – disse ela, parecendo um pouco mais feliz. – Tenho uma irmã mais velha e uma mais nova. E uma tonelada de tias, tios e primos.

– Então, a Patrulha do Tempo é basicamente... só a sua família inteira?

– São algumas famílias diferentes. A minha e algumas outras. Eles não são *exatamente* meus primos... É difícil de explicar. Bastar dizer que você não é o único

com outras versões suas andando por aí.

– Ah, não – falei. Quando ela olhou para mim, curiosa, contrai o rosto em uma expressão de desagrado. – Há mais de uma de você?

– Você é um idiota.

– Não sou – falei. – Só tive um mau... tudo. – A verdade me atingiu em cheio e desviei o olhar, lembrando tudo pelo que havia passado e quanto eu ainda tinha que lamentar. – Acacia... quando você encontrou seu caminho de volta para o EntreMundos e Avery disse que você estava fora de sincronia com nosso fluxo temporal, ou o que seja... Quando você me disse que meu mundo estava no caminho da NoiteGélida... – comecei. Ela baixou a cabeça. – Você disse que tentaria ajudar – continuei, inclinando a cabeça para tentar olhar em seus olhos. – Você disse que a Patrulha do Tempo iria ajudar, e vocês não...

– Nós ajudamos – disse ela bruscamente, levantando a cabeça outra vez. – Minha tia morreu lá. Ela fez tudo o que podia.

Eu me senti um pouco melhor sabendo que eles tinham tentado e me senti mal por ela ter perdido alguém lá também – era isso o que eu tinha visto em meio a todo aquele caos, quando pensei que havia uma mulher lá com o Ancião? –, mas eu ainda estava chateado que o que quer que tivessem feito não tinha sido o suficiente.

– Ainda assim foi destruído. Sinto muito por você ter perdido sua tia, mas o que ela *fez* exatamente?

– Ela reverteu o que houve – disparou Acacia, tentando puxar a mão da minha. Eu deixei, mantendo minha expressão calma para assegurá-la de que só queria respostas. – Ela não podia impedir a NoiteGélida de esvaziar o mundo, mas criou um fluxo temporal próprio para ele. Ele vai correr paralelo à âncora agora.

– O que isso significa?

– Isso significa que ele foi reiniciado em vez de destruído e vai progredir mais rapidamente do que outros de seu fluxo temporal em comparação a um ponto fixo.

– A âncora.

– Sim.

– E qual é a âncora?

– Você – disse ela, olhando em meus olhos.

Levei um instante para absorver isso.

– Eu?

– Sim.

– Então... meu planeta foi reiniciado?

– Sim. E as coisas vão progredir nele exatamente como antes, deixando de fora interferências externas. Vamos trabalhar para garantir que seja assim.

Fiquei ali sentado em silêncio, digerindo isso. O meu mundo *não estava* morto, mas, tecnicamente, minha família ainda estava. Tecnicamente, *tudo* estava... mas

nem sempre seria assim. Tudo voltaria a viver. Minha família viveria algum dia de novo.

Não era muito reconfortante, mas já era algo.

– Sinto muito pela sua tia – falei.

– Obrigada – disse ela com delicadeza. – Vou sentir sua falta. Queria que você a tivesse conhecido. Ela conhecia o Capitão Harker.

– Sério – perguntei, mas não era uma pergunta.

– Hum-hum – disse ela.

Senti como se alguns mistérios estivessem perto de serem resolvidos ali, mas eu estava cansado demais para pensar sobre isso. Tudo o que sabia era que eu estava ali, relativamente seguro, e o EntreMundos estava ali também. Joaquim agira como um verdadeiro Andarilho no final, me poupando e se sacrificando. A BRUX e os Binários estavam comprometidos por um tempo pelo menos, e estávamos desenvolvendo nossa tecnologia com a ajuda da Patrulha do Tempo.

Nada disso compensava todas as vidas que tinham sido perdidas. Mas também nada nunca o faria.

– Minha mãe queria falar com você quando pudesse – disse Acacia.

– Posso agora – falei para ela.

Sinceramente, eu tinha algumas perguntas a fazer.

– Tem certeza?

– Sim. Sinto como se estivesse na cama há dias.

– Dois dias – disse ela. – Para ser exata.

Afastei as cobertas, descendo minhas pernas com cuidado. Eu usava roupas que não reconhecia, mas eram confortáveis e limpas, o que era ótimo.

– Sim, definitivamente estou pronto para me levantar.

– Não sei se você já devia sair da cama, Joe.

– Seu pai disse que eu podia andar por aí – falei.

– Com alguém para acompanhá-lo – ela me lembrou, abrindo outro sorriso. –

Acho que é a minha vez de bancar o guia turístico, hein?

– Com certeza – respondi. – Só me avise com antecedência se for fazer alguma dobra no tempo abrupta, OK?

– Vou tentar me lembrar – disse ela, me ajudando a ficar de pé. – Para onde vamos? – perguntou ela, quando encontrei meu equilíbrio.

– Às docas. Quero ver minha nave.

As docas da Patrulha do Tempo eram bem como eu esperava; meia dúzia de passarelas de madeira longas se estendiam a distância, com vários tipos de naves de todas as culturas e períodos de tempo diferentes ancoradas nelas. Era estranho ver o EntreMundos (que era grande o suficiente para abrigar mais de quinhentas pessoas)

amarrado à doca de outra pessoa como um pequeno bote. Era imenso, facilmente uma das maiores naves ali, e ainda parecia pequeno comparado em escala com a Patrulha do Tempo.

Acacia e eu ficamos em uma plataforma com vista para todo o lugar. Por baixo das docas ficava um oceano de alguma outra coisa que não água; parecia mais uma nebulosa, com redemoinhos de azul profundo, verde e branco, e faíscas de pequenas estrelas, como a espuma do mar. O céu era aquele lindo amálgama de cores e galáxias que eu tinha visto na primeira vez em que estivera na Patrulha do Tempo.

Era como se houvesse um milhão de céus misturados em um, o sol nascendo e se pondo várias vezes em minutos, em uma centena de lugares diferentes. Havia luas, estrelas, nuvens e névoa, todos compartilhando o mesmo céu. Já parecera bonito antes, quando eu era um prisioneiro que desconhecia o meu destino. Agora, ali de pé olhando tudo aquilo como um convidado que tinha sua segurança garantida, era de tirar o fôlego.

Minha nave estava toda iluminada, acolhedora e convidativa como luzes vistas pelas janelas de uma casa familiar. Encontrava-se parada em meio às ondas de estrelas, fazendo pequenas ondulações à medida que as pessoas saíam e entravam, levando suprimentos e máquinas. Algumas dessas pessoas eram obviamente meus amigos, os Andarilhos que tinham conseguido escapar da luta ilesos, e as outras deviam fazer parte das demais famílias da Patrulha do Tempo que Acacia tinha mencionado. Era animador ver tantas pessoas que não eram eu.

Acacia e eu ficamos lá por um tempo, observando todos se moverem lá embaixo. Eu ainda me sentia incompleto, de alguma forma, como se as coisas não tivessem sido totalmente resolvidas. Como se estivesse tudo tão inacabado. Eu não me sentia realizado, como se tivesse realmente salvado alguém. No fim, fora Joaquim que fizera o sacrifício que nos salvara, e eu não poderia lhe dar o reconhecimento que merecia por isso.

– Aquela é a minha mãe – disse Acacia enfim, apontando. – E aquela é minha irmãzinha com ela.

Olhei para onde ela indicara, identificando uma mulher de cabelo escuro com um casaco comprido e uma prancheta na mão. Havia uma menina ao lado dela, algo em suas mãos emitindo um intermitente brilho branco e iluminando os arredores.

– Mostre o caminho – falei, embora ela tivesse acabado precisando me guiar fisicamente, já que tentar me orientar pela longa escada com apenas um olho bom se mostrou muito mais difícil do que eu pensava.

Minha noção de profundidade estava alterada, e eu acabava pisando em alguns dos degraus com mais força do que pretendia por não saber a exata distância. Quando chegamos lá embaixo, minhas costelas doíam de novo em razão dos passos errados.

– Mãe – chamou Acacia, e a mulher se virou.

Como esperado, ela parecia muito com uma Acacia mais velha; as duas tinham a mesma mandíbula, o mesmo nariz, os mesmos olhos violeta. Mas seu cabelo era mais claro, e o rosto, sutilmente diferente. Não seu sorriso, porém. O sorriso era o mesmo.

– Joseph Harker – disse ela, colocando a prancheta sob um dos braços e estendendo a mão, que peguei com a minha. Mas, em vez de cumprimentar normalmente, ela cobriu nossas mãos com a sua outra, o gesto surpreendentemente caloroso. Lembrei, então, da minha mãe, e engoli em seco.

– Oi – falei, olhando para a menininha que espiava por trás de sua mãe. Ela também se parecia um pouco com Acacia.

– Sou Deana – apresentou-se a mãe de Acacia, soltando minha mão. – É um prazer finalmente conhecê-lo.

– Você, também – respondi sem jeito, meio confuso com a etiqueta, mas ela não pareceu notar.

Já estava virando em direção ao EntreMundos e olhando para sua prancheta outra vez. Tive um vislumbre do que pareciam ser plantas e um monte de palavras técnicas, que nem mesmo eu reconheci.

– Ela está quase pronta para você, Capitão Harker – disse Deana, e tentei não me encolher.

– Eu... eu não...

– Nem comece – interrompeu. – Com a morte do Capitão Joseph Harker Omega, você sem dúvida é o novo capitão do EntreMundos.

– Joseph... Omega? – perguntei.

Ela deu de ombros.

– Temos nossas próprias classificações para manter tudo em ordem. – Antes que eu pudesse reagir a isso, ela começou a andar. E continuou falando também, obviamente esperando que eu a seguisse. E assim o fiz. – Estamos fazendo alguns upgrades – continuou ela, apontando uma longa caneta prateada em direção ao EntreMundos. – Principalmente em seu sistema de segurança, já que obviamente havia uma falha. Duas, pelo menos, e é por isso...

– Sra. Jones – interrompi. – Você pode me dizer...

– Me chame de Deana.

– O que aconteceu com este EntreMundos? Por que ele foi abandonado?

Ela parou de andar de novo, me olhando com ar de quem acha graça. Então olhou para além de mim, em direção a Acacia.

– Tantas perguntas que ele poderia fazer, e escolhe uma sobre algo que não lhe diz respeito.

Acacia sorriu e deu de ombros.

– Diz respeito ao EntreMundos, o que significa que diz respeito a ele.
– Isso acontece dezenas de milhares de anos no futuro, Joseph – disse Deana.
– O tempo não é estático – falei, repetindo algo que me lembrei de ouvir Acacia dizer. – Esse evento pode já ter acontecido no futuro, mas isso não significa que não vai me afetar.

A expressão de Deana mudou. Ela olhou para mim por um longo e desconfortável instante, e me lembrei de algo que Jay me dissera há muito tempo sobre o trabalho da Patrulha do Tempo ser garantir que o futuro aconteça como deve ser, e que podiam me apagar se fosse necessário...

Então ela olhou outra vez para Acacia, que limpou a garganta, sem jeito.

– Mãe, hã...

– Você está de castigo – disse Deana, e a menina atrás dela riu.

Os olhos de Acacia se arregalaram, e ela ficou boquiaberta, parecendo um pouco ultrajada.

– Você está brincando – disse Acacia, e Deana riu.

– Sim, estou brincando. Seu irmão já me contou o quanto Joseph sabe sobre o tempo, em parte devido ao FVM – explicou Deana, olhando para sua prancheta mais uma vez. – Por isso, o Conselho decidiu nomear um contato oficial em suas missões.

– Ela olhou para mim. – Sem ofensa, mas alguém tem que garantir que ele não bagunce inadvertidamente os fluxos temporais.

Dei de ombros. Acacia piscou.

– Um contato?

– Sim – disse a mãe. – Vá fazer as malas.

Olhei para Acacia. Ela olhou para mim e de repente abriu um largo sorriso.

– Isso significa que eu lhe digo o que fazer – falou ela.

– Não, isso significa que você tem que me dizer o que *não* fazer, e não significa que eu vá ouvir – falei. Eu estava só querendo provocá-la de volta, mas algo com relação àquele arranjo ainda me incomodava. – Supondo que eu aceite esse acordo.

Deana me olhou como quem acha graça.

– Supondo que você aceite?

– Você acabou de dizer que esta é a minha nave. Quer eu goste disso ou não, significa que estou encarregado do EntreMundos e todos dentro dele, e vamos seguir em frente com a luta contra os Binários e a BRUX. Já tenho o bastante com o que me preocupar sem ter a Patrulha do Tempo me dizendo o que posso ou não fazer. Se vocês estão tão empenhados em nos controlar, por que não assumem a luta?

– Temos nossos próprios problemas – começou Acacia acaloradamente, mas Deana colocou uma das mãos em seu ombro.

– Entendo como se sente, Joseph. E Acacia está certa. O fato é que os nossos problemas acabaram de se tornar os seus problemas.

– O que você quer dizer? – perguntei.

Acacia também olhava para a mãe, curiosa.

– Suponho que meu marido tenha lhe falado sobre a anomalia que uniu você ao FVM? – perguntou ela. Hesitei, mas fiz que sim. Eu ainda não sabia direito *como* isso acontecera, mas pelo menos sabia do que ela estava falando. – Essa mesma anomalia aconteceu com os Tecs e os Magos, que você conhece como Binários e BRUX. Não com todos eles, mas com o suficiente. Há alguns deles agora que possuem as características de ambos, e esses são mais perigosos do que qualquer coisa que você já tenha enfrentado... com exceção, eu suponho, da própria NoiteGélida.

Acacia tornou a arregalar os olhos.

– Você quer dizer os...?

– Tecmaturgos – falei, sentindo meu estômago afundar até os joelhos.

– Ou algo parecido com eles – corrigiu Deana. – Eles não são exatamente as criaturas que temos enfrentado, mas têm algumas habilidades similares. Acacia será capaz de ajudá-lo contra eles.

Olhei para Acacia. Ela parecia um pouco menos certa sobre toda essa ideia agora. Sua mãe estendeu o braço para colocar uma mecha de seu cabelo, que se soltara do rabo de cavalo, para trás.

– Você estudou muito sobre este fluxo temporal, querida – disse ela. – E seu irmão ainda vai levar um tempo para se recuperar. Você é a melhor escolha para esta missão... todo mundo pensa assim. E você é uma Agente do Tempo, Casey. Pode vir nos ver sempre que quiser.

Acacia visivelmente se encolheu ao ouvir o apelido, franzindo o rosto. Não pude evitar e dei uma gargalhada, e Acacia me fuzilou com o olhar.

– Vou bater em você de novo – avisou ela, e eu sorri, lembrando que ela me abraçara depois.

– Vou ganhar um abraço de novo se eu deixar?

– Não.

Ela me olhou com ar irritado, mas em seguida deu um passo à frente e me abraçou de qualquer maneira. Eu não sabia exatamente por quê, mas sabia que estava feliz de tê-la em meus braços – eu estava sinceramente com medo de que o fato de ela ir comigo nesta missão pudesse arruinar qualquer chance que tivéssemos de uma amizade verdadeira. Sendo bem honesto, eu esperava que abraçá-la agora pudesse me ajudar a me acalmar no futuro, quando inevitavelmente haveria momentos em que eu ia querer estrangulá-la. Pela forma como suspirou, ela provavelmente pensava da mesma forma.

Então vimos um súbito clarão de luz brilhante, e Acacia se afastou de maneira brusca.

– Paisley! – exclamou ela, e sua irmã riu de novo.

Olhei para a menina; ela segurava o que parecia ser uma câmera Polaroid antiga, o que explicava as luzes brilhantes que eu tinha visto antes. Ela estava tirando fotos de todos que trabalhavam para consertar o EntreMundos.

Paisley se aproximou timidamente de mim, me oferecendo a foto que estava sendo revelada. Por enquanto estava toda branca, os produtos químicos ainda oxidando o filme.

– Casey odeia fotos – contou ela quando peguei de sua mão.

– Eu também odeio esse apelido! – disse Acacia, estendendo o braço em direção à irmã.

Paisley se abaixou e saiu correndo com Acacia logo atrás. Deana virou para ver as duas saírem, sorrindo, e depois apontou para a fotografia.

– Você deve guardar isso – falou ela.

Coloquei-a com cuidado em meu bolso, ainda olhando para ela.

– Você conhecia o Ancião? – perguntei. Tive o pressentimento de que sabia qual seria a resposta.

– Sim – respondeu ela. – Todos nós conhecíamos, mas minha irmã era quem o conhecia melhor.

– Acacia disse que sua tia morreu no meu mundo – falei. Deana assentiu. – Lamento muito.

– Não lamente. Acacia... minha irmã, que tinha o mesmo nome da minha filha, não lamentava. Ela esperou todo esse tempo para poder vê-lo outra vez.

– O que você quer dizer? – perguntei. – Por que eles não podiam se ver?

– Espero que você nunca descubra – disse ela, me entregando a prancheta. – Entre – continuou, antes que eu pudesse fazer outra pergunta. – Tenho que cuidar de outras coisas, e você precisa começar a reestruturar suas equipes. O EntreMundos estará pronto para partir no fim do dia.

Então ela se virou e foi embora, deixando-me com uma prancheta que eu não entendia e a cabeça cheia de perguntas e preocupações. A Patrulha do Tempo era assim. Lembrei-me da última parte da mensagem do Ancião, a que ele fizera Jaroux gravar para mim. *Vale a pena*, dissera ele. E eu me perguntava se ele ainda diria isso agora.

Segui, hesitante, em direção ao EntreMundos, sem saber o que mais poderia fazer. Meus pés executaram a maior parte do trabalho para mim, subindo a rampa e seguindo pelos corredores sem a direção consciente da minha mente. Eu ainda me sentia incompleto, como se faltasse alguma coisa. Acho que sempre me senti assim. Ninguém nunca me dissera que esta atividade seria fácil.

Caminhei pelos corredores, devolvendo os acenos e cumprimentos dos meus companheiros Andarilhos, os raros apertos de mão e abraços mais raros ainda.

Ninguém questionou aonde eu estava indo; o escritório do Ancião era meu agora, quer eu gostasse da ideia ou não, e eu tinha trabalho a fazer. Os antigos membros da minha equipe seriam oficiais; cada um deles poderia chefiar as próprias equipes, embora eu pudesse querer manter Jai como oficial sênior de campo em vez de líder de equipe. Ou isso, ou apenas lhe designar Andarilhos como J/O (e pensar nele imediatamente me fez sentir outra pontada de tristeza), que tinham chips de dicionários instalados no cérebro. Devia haver outros como ele por aí.

O escritório do Ancião estava exatamente como eu o deixara antes de sair para enfrentar a NoiteGélida, embora mais limpo. Duas das longas caixas prateadas, que agora continham todas as lembranças da Parede, foram usadas para segurar a imensa placa de mármore que servia como mesa. As outras estavam junto às paredes, algumas com estofamento e almofadas para serem usadas como um sofá, e as restantes como base para estantes. Por mais mórbido que fosse, era apropriado. Essas lembranças e as responsabilidades que vinham com elas seriam só minhas.

Olhei para a cadeira atrás da enorme mesa. Dei a volta para ficar perto dela, de frente para a porta. Eu me perguntei como devia ser, do ponto de vista do Ancião, quando os Andarilhos entravam para fazer o relatório da missão. Eu me perguntei se eu viveria tanto e chegaria à sua idade. Eu me perguntei se os jovens Andarilhos me temeriam e respeitariam como nós a ele.

Toquei a superfície da mesa, observando a mensagem de Josetta aparecer. Estava mais fraca do que antes; eu provavelmente tinha cerca de uma semana antes que desaparecesse por completo. Imaginei que era melhor assim. Seria um pouco perturbador se aparecesse toda vez que eu tocasse na minha mesa.

Abri uma gaveta do arquivo, olhando as pilhas arrumadinhas de material de escritório. O conteúdo da gaveta era diferente do que na última vez em que eu estivera ali e olhara dentro dela, mas é claro que sim. Aquela mesa pertencia a outra pessoa. Assim como agora pertencia a mim.

Enfiei a mão no bolso, pegando a foto que a irmã de Acacia tinha tirado de nós. Agora já era de fato uma imagem, clara e definida, Acacia de pé com os braços em volta de mim e a cabeça apoiada em meu ombro. Ela parecia triste e esperançosa.

Quanto a mim, eu era um homem que não reconhecia. Era alto e forte, meu cabelo vermelho ondulado longo o suficiente para não parecer tão bobo como de costume. Havia ataduras brancas em volta da minha cabeça e cobrindo um dos meus olhos, e eu parecia completamente confortável com a garota em meus braços. Mais do que isso, eu parecia determinado. Parecia sábio, como o meu pai – e sério, como o Ancião.

Peguei uma caneta na gaveta, clicando para abri-la e virei a foto. Sentindo-me um pouco bobo, escrevi na parte branca da Polaroid e guardei a foto no fundo da gaveta.

Saí do escritório, levando a prancheta de Deana comigo. Eu ainda não estava

pronto para me sentar lá, não estava pronto para definir as equipes que iriam sair e arriscar suas vidas para encontrar mais de nós. Eu teria de estar, mais tarde, mas por ora eu ia andar pela nave. A prancheta detalhava mais coisas que precisavam ser feitas, e algumas delas eu poderia fazer sozinho. A lista da prancheta sugeria, por exemplo, uma verificação do sistema de comando e reconhecimento de voz.

Voltei pelos corredores e segui em direção à enfermaria. A nave estava ligada, e eu tinha certeza de que haveria alguns dos meus amigos se recuperando ali em vez de na enfermaria da Patrulha do Tempo. Eu tinha medo de descobrir quantos de nós não estavam lá, quantos não tinham sobrevivido à luta final. Com certeza havíamos perdido pelo menos alguns companheiros, mas era sempre assim. Fazia parte do que aceitamos quando entramos para o EntreMundos.

As paredes que levavam à enfermaria estavam completamente prateadas, ainda vazias e ecoantes. Passei a mão por elas, distraído, enquanto caminhava, sentindo o metal liso na mão. Era ali que ficavam as lembranças daqueles que perdemos, antes que eu as tirasse de lá. Eu queria dar aos novos recrutas a chance de um novo começo, e não passar a eles o peso das lembranças daqueles que tinham vivido e morrido muito tempo depois de nós, ainda lutando a mesma guerra.

Essa seria uma nova guerra, agora. O jogo tinha mudado. Antes, eu combatia a BRUX e os Binários para manter meu mundo seguro. Eu lutava porque todas as minhas outras versões faziam o mesmo, e eu não podia fazer menos do que eles. Agora eu os lideraria e recrutaria mais – tirando-os de suas famílias e dando-lhes a opção de lutar por seus mundos. Eu não era o herói que tinha salvado todo mundo; eu era a história que servia de lição, o homem que vira seu mundo morrer. Era meu trabalho agora guiar os outros na luta pelos seus mundos.

Minha mão foi sem eu perceber até a corrente em volta do meu pescoço, para o pingente que eu sempre usava. Minha mãe tinha feito para mim antes de eu sair de casa; e era tudo que tinha dela agora.

Estendi a mão para o fecho atrás do meu pescoço, soltando-o. Peguei o colar e admirei a maneira como a pedra captava a luz, o preto passando a azul e a verde. Aquilo me fazia lembrar do oceano de galáxias em que flutuávamos, do verde da grama do parque e do azul do Sonho de Prata. Da NoiteGélida. De Joaquim.

A parede perto da porta da enfermaria estava marcada por furos de qualquer que fosse a batalha que acontecera ali no futuro, o metal amassado pelos tiros de pistola laser. Em um ponto, estava virado para fora o suficiente para formar um pequeno gancho. Estendi a mão, passando a corrente em torno do pequeno pedaço de metal.

Lembrei-me do Ancião em seus últimos momentos, lá de pé sob a casa da árvore. Lembrei-me de como ele parecera tranquilo e do que Acacia dissera sobre meu mundo ter sido reiniciado. Eu entendia agora por que ele estava sorrindo. O mundo que eu conhecera tinha morrido, como acontece com tudo um dia – como eu estava

pronto para fazer, se significasse salvar o Multiverso. Mas também vivera de novo, assim como eu. Como minha família viveria um dia.

Eu tinha começado isso para manter o meu mundo seguro. A guerra podia ter mudado, mas isso não.

– Ei, Joe. – Ouvi a voz de Acacia dizer pelo intercomunicador. – Eles reiniciaram todos os sistemas de comando, e a única voz que o software está reconhecendo é a minha. É melhor você vir até aqui antes que eu faça um motim de uma mulher só e assumo a nave!

Suspirei, estendendo a mão para tocar na pedra lisa do colar.

– Você teria gostado dela, mãe – falei. – Embora eu ainda não tenha certeza de que gosto.

Então fui invadido por uma sensação reconfortante; podia facilmente imaginar o sorriso da minha mãe, de quem sabia das coisas, quando a mentira deixou os meus lábios.

Os motores ganharam vida abaixo de mim quando virei para seguir para a casa de máquinas. Naquele mesmo instante, meu mundo estava crescendo, formando oceanos, árvores e nuvens. E o que um dia eu vira como um pai para mim, agora via como um filho. Eu ainda podia cuidar dele, garantir que tivesse uma vida longa. Ainda podia protegê-lo. E talvez, se eu vivesse o bastante, poderia ver minha família de novo.

OUTROS LIVROS DE NEIL GAIMAN

Coraline

O livro do cemitério

O mistério da estrela – Stardust

Odd e os gigantes de gelo

Os lobos dentro das paredes

O alfabeto perigoso

Instruções

O dia de Chu

Menina iluminada

Coraline - Graphic Novel

Cabelo doido

EntreMundos

Título original
ETERNITY'S WHEEL
AN INTERWORLD NOVEL

Copyright © 2015 by Neil Gaiman, Michael Reaves e Mallory Reaves

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida
sem autorização por escrito do editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro, RJ

Tel.: 3525-2000 – Fax: 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

preparação de originais
CAROLINA RODRIGUES

Coordenação Digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital
MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
PRISCYLLA PIUCCO

Edição digital: fevereiro, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G134r

Gaiman, Neil, 1960-

Aroda da eternidade [recurso eletrônico] / Neil Gaiman, Michael Reaves, Mallory Reaves ;
tradução Viviane Diniz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2017.

recurso digital (Entremundos ; 3)

Tradução de: Eternity's wheel : an interworld novel

ISBN 978-85-7980-312-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Ficção fantástica inglesa. 3. Livros eletrônicos. I. Reaves, Michael. II.
Reaves, Mallory. III. Diniz, Viviane. IV. Título. V. Série.

16-35927 CDD: 823

CDU: 821.111-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

OS AUTORES

NEIL GAIMAN nasceu na Inglaterra, mas mora nos Estados Unidos, numa casa para lá de esquisita; tem abóboras exóticas que cultiva no jardim, além das coleções de computadores e gatos. É autor dos aclamados *Coraline* e *Os lobos dentro das paredes*. Gaiman também já recebeu diversos prêmios literários importantes relativos aos seus livros de fantasia e histórias em quadrinhos.

MICHAEL REAVES é um autor e roteirista de televisão ganhador do Emmy, que já escreveu, editou e produziu cerca de quatrocentos roteiros para várias séries de televisão. Seus trabalhos como roteirista incluem dois filmes de animação do *Batman*, um filme original da HBO e uma versão dark do *Capitão Planeta* para a TNT. Também escreveu contos, revistas em quadrinhos e o diálogo para um vídeo do Megadeth.

MALLORY REAVES é mais conhecida por suas adaptações da série de mangá *After School Nightmare*, que foi indicada para um Will Eisner Award, em 2007. Ela mora em Riverside, Califórnia, com seis gatos, vários amigos, um cachorro, uma cobra e um peixe.

Table of Contents

[Folha de rosto](#)
[Dedicatória](#)
[Sumário](#)
[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Créditos](#)
[Os Autores](#)